

Kathleen Korbel

Sombria Sedução

Daughters of Myth 02

Era um amante como nenhum outro...

O último que precisava Harry Wyatt, conde de Hartley, era uma sedutora estranha em sua porta que assegurava ser uma fada. Harry a escondeu em sua casa, longe de curiosos, e se deu conta de que, para salvar seu lar, devia acreditar no inacreditável.

Sorcha, a filha do meio de Mab, rainha das fadas, tinha sido enviada para recuperar a pedra Dearann, que restabeleceria a paz em seu reino. Mas a atração que sentia por aquele desconhecido incrédulo com maravilhosos olhos verdes fez por em perigo sua missão. Fracassar significava condenar a sua gente a um inverno eterno, mas o castigo por entregar seu coração a um humano era ainda mais duro.

Disp em Esp: Nuria & Mara Adilén (MR)

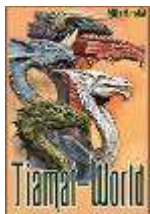
Envio do arquivo e Formatação: Gisa

Revisão: Tessy

Revisão Final: Daniella Lioni

Tiamat - World





Nota da revisora Tessy: Ai... Ai.... Meninas, que romântico..... Estou emocionada.... É muito linda, sensual e muito mais..... Espero que vcs também a amem como eu.

Nota da revisora Daniella: Romântico... Romântico... Romântico ... Mais quente que o primeiro.... mais sensual... mais fofo e também muito terno.

Prólogo

Podia cheirá-la. Estava escuro, e nem sequer havia suficiente luz da lua para iluminar seu quarto. Mas não necessitava luz para saber onde estava. Podia cheirar o sabão em seu corpo: cítrico e aloe. Podia cheirar o xampu em seu cabelo e o perfume em sua roupa de noite. Podia cheirá-la. Seu aroma a almíscar, que o tinha chamando toda a noite, até que pudesse utilizar a escuridão para subir até sua janela.

Sorriu ali na escuridão. Sabia que estava esperando-o, embora estivesse em silêncio. Respirava suaves correntes que acariciavam sua pele quente. Também o desejava. O tinha observado toda a noite. Tinha sorrido com seus dentes perfeitos e seus olhos negros. Tinha enviado o aroma de seu feromônio e ele, tinha respondido.

Ela despertou e ele a deteve.

— Não — Sussurrou enquanto colocava seu corpo contra ela.

Colocou a mão na boca e pensou quão suave era, quão frios eram seus dentes contra a pele. Pensou em quão excitado estava por tê-la e no muito que custava controlar-se.

A possuiria essa noite. Ela sabia, ele sabia, e isso o impacientava.

— Sabe quem sou — Disse no ouvido, e sentiu como ela tremia enquanto assentia com a cabeça.

— Sabia que viria.

Ela voltou a assentir, e ele pôde cheirar o medo em seu corpo.

— Não tema — Disse enquanto deslizava a outra mão por seu pescoço até chegar à borda de sua roupa. Era algo sedoso e leve, algo que pedia a gritos para ser arrancado de repente — Farei com que desfrute.

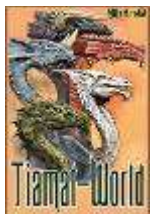
Sabia que sua respiração ia acelerando-se. O coração pulsava cada vez com mais força, e o suor começou a brotar na testa. Não podia esperar. E sabia que ela tampouco.

— Agora — Disse, e encheu seus pulmões com o aroma de seu sexo.

Ela levantou uma mão. Ele pensou que iria acariciar a face. Em vez disso, pegou sua mão e tentou afastá-la. Mas não o permitiria. Sabia que realmente não queria que parasse. Riu e disse:

— Não. Ainda não.

Agarrou o pescoço de sua camisola e esteve a ponto de explodir ao ouvir como a malha se



rasgava. Puxou com força e sentiu como o objeto se desintegrava sob seus dedos. Era dele. Sua pele se esticou com o frio. Podia imaginar que seus mamilos estariam eretos, esperando o toque de sua língua. Inclinou-se para frente e saboreou sua pele. Pegou um seio e pensou no banquete que o esperava ali, na escuridão, onde eram estranhos embora em realidade não fossem. Onde ele possuía o controle, porque ela assim o desejava.

Afastou a mão de seus lábios para poder beijá-la e deslizou a língua em sua boca para terminar de despertá-la. Mas ela jogou a cabeça para trás.

— O que está fazendo? — Perguntou — Não é assim como deve acontecer.

— Acontece como eu digo que aconteça — Disse ele, e rodeou o pescoço com uma mão.

Ela resistiu.

— Bastardo — Protestou — Para.

Sentiu-se furioso. Faminto. Como se atrevia?

Apertou-lhe o pescoço com mais força e sentiu seu pulso sob os dedos. Não podia esperar. Não podia parar. Sim, assim. Com ela lutando por respirar, por viver. Assim.

Baixou a mão para desabotoar as calças, inclusive enquanto ela resistia. Porque sentia como resistia. Era dele e seria melhor que já soubesse. Seria melhor que compreendesse que ele tinha o controle. Ele tinha o poder. Sorriu enquanto retorcia o pescoço cada vez com mais força...

Harry Wyatt se levantou de um salto sobre a cama, com o coração martelando no peito. Os lençóis estavam ensopados de suor, e tremiam tanto as mãos que mal podia esfregar os olhos para esquecer essas imagens.

Havia tornado a ter esse sonho. E de novo despertou bem a tempo, antes que seu subconsciente o traísse. Não sabia quanto mais poderia sobreviver a isso. O horrível sabor da violência permanecia em sua língua. O terror que sempre acompanhava ao despertar apoderou dele e fez sentir náuseas.

Estando acordado, jamais consideraria algo tão vil. Dormido, parecia que não podia detê-lo. E continuava tremendamente excitado.

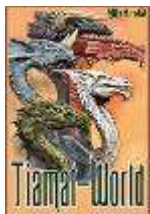
Que diabos acontecia? O que ia fazer para detê-lo?

Jurou que ainda podia cheirá-la em suas mãos.

Capítulo 01

Aproximava-se uma tempestade. Sorchá, filha de Mab, rainha das fadas, estava de pé na Planície das Portas, que os mortais chamavam Carrowmore, e observava as nuvens no horizonte. O vento atravessava o claro das fadas, levantando os vestidos e revolvendo os cabelos.

O dia era quente, mas Sorchá sentiu um calafrio. Ela não era o tipo de fada que via augúrios em todas as partes. Esse era o trabalho do jovem Kieran, o profeta do clã das Tua de Dannan. Mas havia presságios naquele vento e eram maus. Pela primeira vez em séculos, os clãs das fadas



estavam em guerra e era em parte por sua culpa.

— Bem, minha jovem Sorchá — Disse a rainha — O que diz?

Todo se reduzia a aquilo. Se tão somente sua irmã Nuala continuasse ali para poder salvá-la daquilo... Mas Nuala tinha escapado. Embora a rainha o chamasse de exílio, tinha renunciado ao trono e à imortalidade em troca do mortal ao que amava e tinha deixado Sorchá para trás para pegar o bastão.

— É uma honra, minha rainha — Disse Sorchá, fazendo todo o possível por manter-se firme frente à majestuosidade de sua mãe — Mas minha resposta continua sendo a mesma.

A rainha estava de pé no alto da colina, de modo que os grandes túmulos de pedra a flanqueassem e, mais à frente, o céu turbulento. Seu cabelo se agitou no vento como um penacho de batalha. Sua túnica branca brilhava na semi escuridão, ao igual às gemas que levava nas mãos. Não levava nada na cabeça, e isso envergonhava a Sorchá. A coroa das Tuas de Dannan tinha perdido a pedra Coilin, pois esta tinha sido roubada. Sorchá era a encarregada de protegê-la.

Embora Mab não necessitasse uma coroa para mostrar seu poder. Os exércitos das fadas tremiam diante dela. Das fadas que caminhavam sobre as tumbas, com suas túnicas cinza e seu cabelo escuro, até os duendes, que vigiavam das nuvens e o arco íris, em metade de todos eles, as fadas da terra, as Tuas, esperavam em silêncio o pronunciamento de sua rainha, mas a que estava mais ansiosa era a própria Sorchá.

— Mas já disse, pequena Sorchá — Disse Mab com uma voz que fez que até as árvores se estremecessem — Vai ser rainha.

— Não sou merecedora, minha rainha — Disse Sorchá agachando a cabeça — E ambas sabemos.

— Prefere que a rainha seja Orla? — Perguntou sua mãe — A mesma filha que permitiu que o inimigo nos arrebatasse a pedra Coilin?

Sorchá sabia que a rainha tinha razão nisso. Olhou para onde estava situada Orla e se perguntou o que estaria passando pela mente de sua irmã mais nova.

— Eu lutei com valentia, minha rainha — Protestou Orla com voz orgulhosa.

— Certamente que sim, Orla — Concordou a rainha — Embora não teria tido que lutar absolutamente se não tivesse convidado às Dubhlainn Sidhe a saquear seu próprio lar, não é certo?

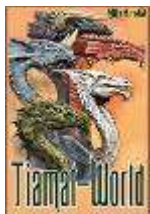
— Eu não...

A rainha levantou uma mão lânguida e sua filha se calou. Sorchá, de pé junto a ela, sentiu a indignação de sua irmã como uma punhalada de calor. Acaso Orla nunca aprenderia? Ambas pagariam por aquele desastre. Sorchá por não proteger o que tinha que proteger e Orla por ter entregado a pedra com a esperança de conseguir poder. Seria melhor que enfrentassem a isso como as filhas da realeza que eram.

— E como está disposta a pagar pela perda da pedra, Orla? — Perguntou a rainha.

Durante uns segundos, Orla se manteve calada.

— O que quer que faça? — Perguntou por fim.



A rainha inclinou a cabeça, sorriu e, todos souberam que aquele não era um sorriso amável.

— Garota tola. Farei-te recuperá-la.

Inclusive Orla empalideceu.

— Da terra das Dubhlainn Sidhe?

— As Dubhlainn Sidhe têm agora nossa grande pedra?

— Sim, minha rainha — Respondeu Orla. A rainha assentiu.

— Então é ali aonde deve ir. Mas acredito que ainda não é o momento. Está aqui meu profeta?

Dois passos por trás de Sorchá, um menino se aproximou. Era o próprio Kieran, com seus olhos sábios e seu sorriso ímpio.

— Estou aqui, a bhantiarna — Disse sem medo, pois só o profeta podia dizer a verdade à rainha e não sofrer por isso.

— Recorde às minhas filhas, profeta, o que está em jogo — Disse a rainha.

Por um momento, o menino observou à rainha, como se estivesse calculando o custo de sua perda. Sorchá também podia calculá-lo nas faces que a olhavam entre a multidão. Guerreiros que tinham perecido em seu esforço por combater os exércitos das Dubhlainn Sidhe. Amigos e mentores que tinham ardido na pira funerária e cujas cinzas tinham sido colocadas no alto da Knocknarea, onde o túmulo da rainha desafiava aos céus. Sorchá sentia sua ausência na alma. A ausência da apreciada pedra Coilín já havia tirado o sol. Não podia suportar pensar o que mais estaria em perigo.

— Já sabe, minha rainha — Disse Kieran — Três pedras nos governam. Foram esculpidas pelos ancestrais e colocadas em nossas coroas. Donelle, a que governa, que reside na Terra do oeste, onde a tentação não pode nos abocar à destruição. Coilín Ruadh, a pedra masculina, que reside na coroa de Mab, rainha das Tuath de Dannan. E Dearann, a pedra feminina com a claridade do diamante, que equilibra o poder patriarcal das Dubhlainn Sidhe, as fadas do ar.

Como todos os outros, Sorchá escutava atentamente o relato, que conhecia de cor, mas que seguia pondo os cabelos em pé.

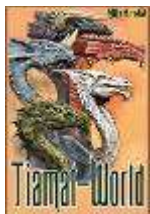
— Passaram muitos anos desde que a tragédia caiu sobre as Dubhlainn Sidhe e sua pedra Dearann foi arrebatada.

— Elas se mostraram descuidadas, profeta — Recordou a rainha.

— Não mais descuidadas que nós, minha rainha — Respondeu ele com voz calma — Porque nós aceitamos a perda de Dearann sem dizer nada e sem ajudar a recuperá-la, e as Dubhlainn Sidhe se voltaram escuras e rancorosas pela perda de seu poder. Nós relaxamos, sem pensar que elas pudessem querer uma recompensa. Agora têm a pedra Coilín, o que lhes dará não só poder, mas também ferocidade masculina. Já não têm nenhum poder feminino que as equilibre, minha rainha.

— E se não se recupera o equilíbrio?

— Elas se farão mais fortes. Já perderam a influência gentil da pedra Dearann. Agora obterão o poder masculino de Coilín e com isso não terão restrições.



— E o que acontecerá com as Tuas?

— Nosso poder se desaparecerá, e com ele o poder feminino. Sem isso, como haverá renascimento?

Inclusive a rainha ficou quieta diante as palavras de Kieran.

— Se não podermos recuperar as pedras e restabelecer o equilíbrio no mundo — Concluiu o profeta — Não haverá primavera.

Sorcha conhecia a verdade da predição muito antes que o profeta a pronunciasse. Mesmo assim, a gravidade de suas palavras provocou um tombo no coração. Sem a primavera. Sem cordeiros nem flores nem grama verde e doce. Sem pássaros. A própria terra, sua querida mãe terra, morrendo lentamente.

Não podia suportá-lo. Desejava esconder-se e chorar, mas era uma princesa de sangue, de modo que se manteve firme frente a sua gente e aguardou.

— E o que faria você, minha Sorcha? — Perguntou a rainha — O que faria para salvar a nossa mãe terra?

— O que quereria que fizesse, bhantiarna! — Perguntou Sorcha.

— Que fosse rainha.

Sorcha não tinha coragem. Por isso não podia ser rainha. Sabia. Sua mãe sabia. Suas habilidades eram pequenas, não terríveis e grandiosas como as que uma rainha necessitaria.

Estremeceu diante o silêncio que se fez na grande planície e inclusive o vento cessou, como se esperasse uma resposta.

— Abandonaria a sua gente em um momento assim? — Perguntou à sua mãe.

Era o mais valente que havia feito em sua vida. E o mais arriscado. A rainha recuou como se tivesse sido golpeada e as hordas de fadas ficaram olhando-a estupefatas. Arwen, o consorte da rainha, deu um passo à frente para dar apoio a sua rainha, mas Mab rejeitou. Manteve-se em pé no alto da colina e olhou a sua filha.

— Eu tomaria cuidado ao acusar à rainha de covardia — Sussurrou Mab.

— Nestes momentos se necessita uma grande rainha. Não uma insignificante professora de crianças.

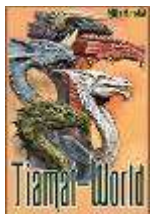
Todo mundo se agitou, mas a rainha os apaziguou com um olhar. Depois, ficou olhando a suas filhas durante vários segundos.

— Tive três filhas — Disse — Não deveria isso ser suficiente para assegurar a uma rainha que terá uma herdeira? E, entretanto, aqui estou, decepcionada, e minha gente sem futuro. Não é o momento de pôr a prova?

Não houve resposta.

— Sim — Respondeu a própria Mab, e sorriu — Se não puderem ser herdeiras, ao menos podem servir como sacrifício. Porque sabemos que, quando a terra está em jogo, quão único serve é um bom sacrifício.

Sorcha se perguntou se sua mãe saberia que sua filha estava tremendo. Que tinha tanto medo que nem sequer podia reunir a força suficiente para sair correndo. Acaso sua mãe



desfrutava aterrorizando-a?

— Já me tirou meu poder como leannan sidhe — Protestou Orla com voz tremula — A que mais tenho que renunciar?

A rainha arqueou uma sobrancelha.

— A sua liberdade, Orla. Inclusive a sua própria vida, se eu o disser. Acredita que perder o poder para seduzir mortais é quão pior pode te acontecer?

— O que me faria fazer, minha rainha? — Interrompeu Sorchá.

— Você, Sorchá? Que sacrifício pode oferecer uma mestra de escola?

Sorchá não tinha resposta a essa pergunta.

— Ama sua terra de fadas? — Perguntou sua mãe.

— Com toda minha alma.

— Então terá que partir — Disse a rainha — O menos que pode fazer é recuperar a pedra Dearann. Para fazer isso, deverá atravessar a grande porta para um lugar tão inóspito que sua alma de fada murchará.

Não corria nenhum pingo de vento pela planície. Todas as fadas permaneciam caladas.

— Sabe onde está a pedra? — Perguntou Sorchá.

A rainha deu de ombros.

— Pode que tenha minhas suspeitas.

— Envie a mim — Insistiu Orla.

— Ah, não, Orla. Tenho planos melhores para você. Irá Sorchá. Ela procurará nossa pedra entre os mortais e a trará de volta para poder trocá-la pela pedra Coilin. E, quando retornar, poderá começar a me contar por que não quer ser rainha.

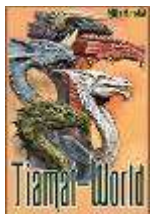
— E se fracasso? — Perguntou Sorchá.

— Então não ficará ninguém aqui para te acusar — Respondeu sua mãe — Porque a terra terá morrido.

A Sorchá nem sequer permitiram retornar a sua casa para empacotar algo que pudesse ser de ajuda. A rainha assegurou que nenhum de seus pertences serviria de nada. A bean tighé, curandeira das fadas, colocou uma pequena bolsa de ervas no bolso quando sua mãe não olhava. O guerreiro elfo Xender, que protegia à rainha, entregou a Sorchá uma delicada adaga élfica forjada com fogos místicos. E Orla, ainda pálida e sem saber qual seria seu sacrifício, entregou-lhe parte do azeite que se lubrificava no corpo para atrair aos mortais que uma vez havia seduzido com entusiasmo.

Com seu pequeno contrabando e com um coração tremulo, Sorchá caminhou para a Planície das Portas, trinta portais diferentes para mundos que não eram o seu. Não sabia se a rainha tinha visto os presentes ou não. Mab não disse nada enquanto se aproximava da porta que a transportaria ao mundo dos mortais. Ao menos era um mundo que reconheceria. Um mundo em sua terra, em seu tempo. Colocou-se junto a sua mãe e esperou a ordem para cruzar a porta.

— Leva isto com você — Ordenou sua mãe enquanto entregava uma suave bolsa de couro



— Dentro encontrará um cristal. Se for necessário, troca-o pela pedra Dearann. Nenhum mortal verá a diferença. E nenhum mortal poderá vê-la a não ser que você queira.

A rainha pôs uma mão na testa.

— Procura quem é como nós — Disse.

Nada mais. Girou a Sorchá para a porta e se afastou.

Sorchá viu Kieran de pé a um lado.

— Verei-o no outro lado?

O menino negou com a cabeça.

— Não posso te ajudar — Disse com expressão de gravidade.

Não disse por que. Embora Sorchá temia sabê-lo. Kieran era um menino humano com coração de fada que dividia seu tempo entre os dois mundos. Mas seu lugar mortal estava na Irlanda, em um lugar chamado Rathkeale, onde seus pais o esperavam no castelo. A rainha havia dito que o lugar ao que Sorchá iria seria inóspito. Na Irlanda não havia lugares inóspitos para as fadas. De modo que iria a um lugar que não era seguro. E iria sozinha.

— Slán — Disse. Adeus. E então, antes de parar para pensar, atravessou a porta.

A mudança foi como um cataclismo. O sol desapareceu, a grama gelou. As colinas se desintegraram.

Sorchá esteve a ponto de cair de joelhos, a cabeça dava voltas e os ouvidos assobiavam a causa da mudança de pressão que sempre acontecia quando trocava de mundo. Mas aquela vez foi pior. Devastadora.

Fazia frio. Sorchá não sabia o que fazer com o fogo. Estava úmido. Jamais havia sentido a umidade. O vento levava consigo chuva, que empapava a roupa.

Estava de pé em outra colina; uma colina larga que subia e descia como o mar, mas um mar cinza. Um oceano cinza sem cor, sem calor e sem conforto. Havia umas poucas árvores, mas não tinham folhas, só ramos que se elevavam retorcidas para o céu hostil.

Olhou a seu redor, aterrorizada, desorientada, sozinha. O coração pulsava nos ouvidos e o fôlego se agarrava a sua garganta. Sua pele se estremecia contra os elementos.

— A mim! — Gritou desconsolada — A mim todo o povo e a liberdade das fadas, a mim!

Era o grito de guerra, o grito do clã. A chamada desesperada em busca de uma voz familiar.

O vento foi sua resposta. O vento frio do norte, sem sussurros de fadas.

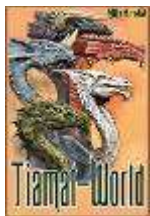
Aquele não era só outro mundo. Era um mundo estranho, sem a paz das fadas, sem magia. Só o vento amargo e as colinas vazias.

Não sabia o que fazer. Não sabia aonde ir. Sem dúvida morreria antes de encontrar outro ser vivo, e muito menos a pedra Dearann. Certamente sua mãe, a rainha cruel, teria querido oferecer uma morte indiferente.

Aquele terra que permaneceria fria e vazia quando a primavera se negasse a chegar.

— Me perdoe — Gemeu enquanto se ajoelhava sobre a terra baldia — OH, me perdoe, mathair.

Mas a terra, que nunca tinha falhado, negou-se a responder. Sob seus pés e suas mãos só



havia silêncio. Inclusive quando tombou no chão, olhando para a terra e com os dedos estendidos, não sentiu nada. Nem um sussurro de vida, nenhuma pinga de calor. Tudo a seu redor estava morto, e ela sofria.

Nem sequer ouviu o desconhecido aproximar-se.

— Bem! O que está fazendo? Levanta!

Assustada, Sorcha olhou para cima e viu umas pernas largas frente a ela. Botas grossas, calças fortes e membros esbeltos. Membros altos. Seguiu levantando o olhar.

Um homem.

Um mortal, escuro e feroz. Olhando-a com raiva.

Sorcha ficou em pé enquanto seu instinto dizia que fugisse. Aquele homem era seu inimigo em um lugar tão aterrador.

— Eu... Eu... Perdão — Conseguiu dizer enquanto cambaleava. Tinha os pés intumescidos pelo frio.

Estirou os braços para equilibrar-se e acabou caindo contra o peito do mortal. Ele grunhiu e tentou manter-se direito. Agarrou-a, mas era muito tarde. Ambos caíram ao chão e rodaram pela colina até as rochas do fundo.

— OH! — Grunhiu ele de novo, e se deteve bruscamente sobre ela.

Sorcha não podia respirar. Sentia como se a tivessem esfolado, e a cabeça ainda dava voltas. E aquele pesado mortal estava deitado em cima como se ela fosse um colchão de plumas.

— Por favor... — Disse tentando afastá-lo, mas era como tentar mover um bloco de granito — Não... Posso... Respirar...

— OH. Perdão.

O homem se levantou e colocou uma mão a cada lado da cabeça de Sorcha para aguentar o peso.

— Eu...

Mas então se deteve e ficou olhando-a. Sorcha não pôde evitar e devolveu o olhar. Talvez fosse um mortal, mas era magnífico. Mais alto inclusive que as Tuas, mais forte que os guerreiros elfos, mais feroz que as Dubhlainn Sidhe. Moreno, com bochechas pronunciadas e mandíbula firme. Em sua face, inclusive o cenho franzido resultava formoso. E Sorcha adorava a formosura.

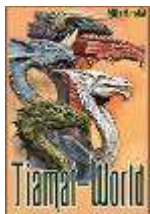
Mas não foi isso o que mais a surpreendeu. Foram seus olhos. Escuros, grandes, brilhantes como o cristal. E verdes.

De um verde de fadas.

O coração deu um tombo no peito. Sentiu a alegria em seu interior ao dar-se conta de que se equivocou. Sim havia outra face familiar naquele lugar estranho.

Sentiu um calor que não podia comparar-se a nada do que tivesse experimentado antes. Uma corrente de algo quente e primário desatou em seu interior, ali, naquela colina inóspita.

Abriu a boca para dizer algo. Embora não sabia o que. Não chegou a dizê-lo. Em vez disso, ele a beijou. Uns lábios quentes, uma mandíbula forte e umas mãos suaves que deslizavam por seu cabelo, enchendo-a de vida, despertando-a, esquentando-a e dando boas-vindas com a força



mais primária do universo. Ela recebeu o beijo com a boca aberta, sentiu sua língua e desfrutou com aquela ferocidade. Deixou de respirar, de pensar e de raciocinar. Simplesmente o rodeou com seu corpo e se sentiu como em casa.

Quando ele se afastou, ambos ficaram olhando-se e ofegando. Parecia assombrado. Sorcha não sabia por que.

— É fantástico — Disse ela, e levantou a mão para sua face — Você deve ser a quem estou procurando.

— A quem está procurando? — Repetiu ele.

Sorcha sorriu e depois gargalhou.

— É obvio. A própria rainha me disse que procurasse a quem é como nós. E quem demoraria menos que eu em reconhecer a marca de uma fada? Sua irmã te dá obrigado por seu recebimento, mo dearthair.

— O que?

— OH, perdão. Esqueci que preciso usar a língua mortal. Simplesmente te chamei meu irmão. Obrigado, meu irmão, por meu recebimento.

Durante uns segundos, o desconhecido ficou olhando-a. Depois negou com a cabeça e a levantou.

— Isto acabou — Disse — Vou chamar à polícia.

Capítulo 02

— À polícia? — Perguntou ela.

Harry viu a confusão nos olhos da jovem e soprou com frustração. Não era suficiente ter a outra dessas fanáticas do cinema rondando por sua propriedade. Tinha uma que pensava que realmente estava participando do filme, como a versão de fadas de uma feira renascentista: “Realidade? O que é a realidade? Não, não, eu prefiro viver em um mundo de fantasia como a gente do filme”.

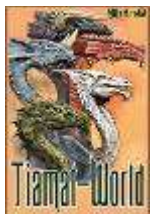
Ao inferno o filme. Não pensava suportá-lo um minuto mais. Até apesar de não poder tirar da cabeça o tórrido beijo que acabavam de compartilhar.

Não tinha significado nada. Só uma surpresa por ter contato humano naquele lugar isolado. Um golpe na cabeça. Quanta vez já tinha rolado por essa maldita colina?

Simplesmente havia sentido assombrado. Nada mais. Nada.

Agarrou-a pelo braço e começou a puxá-la colina acima. E então se deu conta de que a jovem tremia como um cachorrinho empapado e estava descalça. Descalça, pelo amor de Deus. Acaso aquela gente não tinha um pinga de senso comum?

— O que pensava que ia demonstrar? — Perguntou enquanto tirava o agasalho impermeável — Que as fadas podem sobreviver a um inverno no Yorkshire? Pois não podem. Por



isso sei que não existem. Nunca existiram, maldição.

— Claro que existem — Assegurou ela com a voz mais musical que tinha ouvido jamais enquanto ele a cobria com seu casaco — Não é você a prova vivente disso?

— E já não haverá nada mais disso, obrigado. Não me importa o que disse o maldito filme, não há fadas aqui. Não há casas de fadas, nem árvores de fadas, nem nada. Nada salvo uma fazenda de cavalos na metade de nenhuma parte. Onde vive?

Mesmo assim não se moveram, embora não entendia por que. Desde que saiu aquele maldito filme sobre sua família, estivera recolhendo crianças perdidas em seu terreno sem parar. Todos eles procuravam o que prometia o filme: a prova de que realmente existia um mundo de fadas na metade de nenhuma parte, que a magia tinha sobrevivido à era da tecnologia. E todos e cada um tinha sido uma autêntica moléstia.

Mas aquela jovem... Parecia como se não pudesse controlá-la. Nem a si mesmo tampouco. Sua pele estava tão fria que poderia ter entrado em coma, mas era sedosa. Seu cabelo loiro e encaracolado metia nos olhos, mas brilhava como o ouro. A chuva gotejava por seu pescoço e escorregava sobre aquele vestido... Que revelava um corpo esplêndido. Um corpo jovem que tinha estado pego ao dele. Seus seios eram grandes para uma mulher de seu tamanho, e os mamilos quase apareciam através daquele vestido da cor do céu ao amanhecer. Prateado... Não, azul. Não, lavanda.

Balançou a cabeça, zangado. Estava gelado, molhado, e assombrado por um par de seios. E por um sorriso que iluminava até os mais isolados, hostis e frios prados cobertos pelas nuvens.

— Perguntei onde vive — Repetiu com a esperança de intimidá-la.

— Vivo na terra dos outros, claro — Respondeu ela — Além das portas e das sombras sob a colina.

Não se sentia capaz de contradizê-la. Não podia deixá-la ir. Desejava-a e aquilo era o mais absurdo que tinha ocorrido desde que começassem todo aquele assunto. Ali, sob a chuva, ao ar livre, desejava possuí-la no chão, acabar o que tinha começado e derramar-se em seu interior como se ela pudesse de algum modo salvá-lo. Que ideia tão idiota.

— Vamos — Grunhiu enquanto a guiava colina acima, tratando de ignorar a ereção sob suas calças — Vai morrer de frio se ficar aqui.

Ela o seguiu como se fosse o mais natural do mundo. Todos outros que tinham invadido sua propriedade resistiram, tinham lutado e implorado. Mas ela simplesmente sorria.

— Você disse que é inverno? — Perguntou.

— Sim. Durante outros quatro meses.

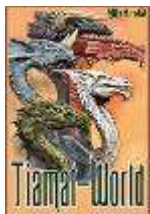
— E a mãe terra sempre morre agora?

Isso fez que parasse.

— Importa-se? — Perguntou ele — Não estou de humor para jogos. Guarda isso para seus amigos.

Ela ficou ali de pé, olhando-o em silêncio. Depois olhou a seu redor.

— Assim que o mundo é assim sem a primavera?



Parecia completamente perdida. Por que isso o afetava? Provavelmente estivesse contraindo uma pneumonia e já tivesse começado a delirar.

— Novembro chega todos os anos — Disse enquanto começava a caminhar de novo sem soltar seu braço — Sempre no mesmo momento.

— Mas a primavera não chegará — Disse ela — A não ser que recupere a pedra.

— Não — Grunhiu ele apontando-a com um dedo — Não há nenhuma pedra. Não há diamante de fadas. É um filme, maldição. Qual é a parte que não entende?

— OH, graças a Deus — Disse ela com um sorriso — Minha mãe não se equivocou. Sabe ao que vim.

Harry não tinha palavras. Ao menos, palavras que ela fosse acreditar. Como outros.

Não, não como outros. Não tinha tentado beijar aos outros, nem protegê-los de nada. Tinha-os levado para casa e depois os tinha entregado à polícia. Sua avó não sabia nem a metade do que tinha acontecido desde que fizera um pacto com o diabo e tinha permitido aos cineastas entrar no imóvel para poder contar a fábula dos primos que tinham saído a fotografar fadas e tinham voltado para casa com uma.

Embora aquilo tivesse algo especial. Havia algo inocente naqueles olhos verdes que o fazia querer protegê-la. Algo naquela voz musical e esses lábios que faziam desejar coisas que nunca tinha desejado.

E obrigava a si mesmo a não fazer nunca isso.

De modo que a conduziu até o alto da colina e depois colina abaixo pelo outro lado, sem afastar os olhos do bosque de chaminés que apareciam entre as árvores longínquas.

Levou uns vinte minutos atravessar os prados traseiros. Diante dele se elevava a parte de trás da abadia, uma coleção de alas discordantes que se estendia até a abadia original que os Wyatt tinham reclamado a Enrique VI. Do gótico autêntico até o gótico falso, passando por algo de uso isabelino, a garota se gabava de todas aquelas monstruosidades arquitetônicas. Ao menos Robert Adam tinha conservado o interior. Durante um tempo. Mas Harry tampouco queria pensar nisso.

Conduziu à intrusa para a porta da cozinha, como havia feito com outros. Acabava de abri-la quando a garota se revolveu como um cavalo assustado.

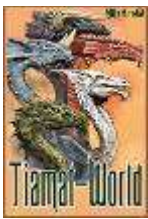
— OH, não — Disse com um sussurro — Não acredito que possa entrar aí

— Por que não?

— É de pedra, não é? As fadas não vivem bem na pedra. Não podemos ver as coisas vivas. Temos que ver a terra, sentir seu poder sob nossos pés, ouvir o vento...

— Me acredite — Disse ele — Ouvirá bem o vento aqui dentro. Há mais correntes que em uma latrina em um vendaval. E há muitas janelas pelas que olhar. Vê?

Cinquenta e quatro cômodos cheios, todos eles acrescentados em épocas nas que os condes de Hartley tinham sido uma força importante a que ter em conta. Agora se sustentavam com chiclete e arame para embalar, assim como com cada peni que Harry conseguia tirar de Londres. Desejava poder dizer por que continuava gostando tanto daquele velho lugar.



— Faz mais calor aí dentro? — Perguntou ela.

— Certamente.

— De acordo então. Entrarei. Ao menos durante um momento. Afinal, é o sacrifício que me pede.

Harry a guiou através da porta.

— Assim é.

Pobre garota louca. Pobre garota louca, excitante e sensual com a que continuava querendo deitar-se.

A senhora Thompson pôs fim a essa fantasia.

— Outra mais não — Disse levando as mãos aos quadris. A senhora Thompson era uma excelente cozinheira, das que acreditava que uma receita deve agradar ao cozinheiro antes que ao cliente — Está louca, garota? Só tem posto uma camisola. Se aproxime da estufa.

A garota parecia reconfortada pela sala e suas paredes brancas e altas. Inclusive sorriu ao ver as verduras que a senhora Thompson estava cortando sobre a bancada.

— Tem que buscar um pouco de roupa de verdade, senhor — Disse a senhora Thompson — As coisas de lady Phyllida poderiam lhe servir.

— Mas lady Phyllida talvez não ache graça — Disse Harry em voz baixa — Além disso, ficará tudo grande. Trata-se de outra mais da brigada das fadas, Tommie.

— E acredita que não sei? Vamos, vá à avó e escolha algo. Lady Phyllida foi as compras com sua família. Nunca saberá.

Lady Phyllida, tinha sido a senhora TrentLarson durante os últimos dez anos.

— Como acredita que ficarão as calças de equitação? — Perguntou Harry com um sorriso — Acredito que é quão único tem Phyl.

Tommie lançou um pano de cozinha.

— Vá. Tem que solucionar isto antes que a senhorita Adderly chegue para jantar.

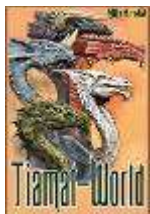
Gwyneth. Diabos. Harry olhou o relógio e fez todo o possível por não gritar. Gwyneth adoraria compartilhar a casa com uma princesa fada.

Foi-se. E o último que viu da garota foi como sorria a Tommie, como se fosse um mártir no Coliseu. Mas Tommie a encheria de pães-doces, chá e comodidades, de modo que quando a polícia fosse procurá-la já se teria esquecido de por que tinha ido ali. Harry entrou na sala de jantar e se dirigiu para as escadas.

Aquela vez não ficaria em casa tempo suficiente para acostumar-se ao lugar. E levava tempo acostumar-se. Era um lugar grandioso e antigo onde uma vez Adam tinha governado. Majestoso, com linhas limpas e um artesanato delicioso, das paredes até o mármore, passando pelo estuque. Uma sinfonia de comodidade que tinha durado intacta mais de trezentos anos. Até que seus avós e depois seus pais tinham posto as mãos em cima.

Tinham-no arruinado. Tinham-no profanado. E mesmo assim desejava sempre voltar para casa para ver aqueles cômodos arruinados.

Um leve som na cozinha fez que voltasse a mover-se. Não tinha tempo para ficar



recordando. Tinha que encurralar uma mulher louca antes que sua prometida do século XXI chegasse. E para fazê-lo teria que conseguir evitar a sua avó.

Quando chegou ao segundo andar, ia nas pontas dos pés. Como era de esperar, não foi suficiente.

— Quem é? — Disse uma voz tremula a sua esquerda.

Harry deu dois passos mais.

— Harold George Cormac Augustus Beverly! — Exclamou sua avó — Entra aqui!

Harry estremeceu. Podia suportar qualquer de seus sobrenomes, inclusive o título de conde de Hartley. Mas sua avó sempre fazia insistência no Beverly. E seguia repetindo-o cada vez com mais força até que conseguia alterá-lo. Era uma técnica que tinha funcionado desde que ele tinha doze anos.

— Boa tarde, avó — A saudou com uma reverência ao entrar em sua sala.

Fazia muito calor na sala, devido a um radiador e ao fogo que ardia na lareira. Os móveis e todo tipo de objetos curiosos enchiam cada espaço livre e representavam cada geração do Hartleys até a rainha Anne e mais à frente. Uma lança neolítica pendurada sobre um canto da lareira, as banquetas da época de Jacobo I complementavam o sofá Vitoriano.

E ali estava o trono. Não podia chamar de outra forma, esculpido em carvalho negro da Irlanda, de um metro oitenta de altura, com um respaldo impossivelmente reto e assento sem acolchoar, era a única cadeira em que sua avó sofreria com tal de sentar-se nela. Harry o considerava uma prova de sua negativa a envelhecer. A cadeira de rodas a que tinha sido condenada se encontrava escondida entre as sombras.

Embora tivesse esquecido de que o trono estava situado junto a uma janela da qual se via perfeitamente o caminho pelo que tinha chegado ele com a garota.

— Espreita a suas garotas como os cervos nos isolados, Harry? — Perguntou sua avó.

Um anacronismo, isso era sua avó. Parecia tirada de uma novela de Jane Austen, se não do palácio de Buckingham. Apesar de ser baixa, tinha voz de sargento e o orgulho familiar de um Plantagenet. Era aguda, teimosa e muito querida.

De modo que Harry ignorou seu comentário e se agachou para dar um beijo na bochecha.

— Estive fora muito tempo. Quase tinha esquecido o doce tom de sua voz.

Sua avó gargalhou e o som fez que seu cão, sentado em seu colo, levantasse a cabeça.

— A rainha Mab e eu reconhecemos um mentiroso quando ouvimos um, querido.

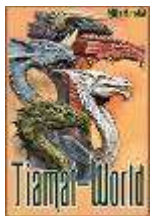
A rainha Mab emitiu um grunhido e a avó lhe acariciou a cabeça com seus dedos rugosos.

— Agora me diga, a quem está dando de comer em minha cozinha a senhora Thompson?

Em realidade era sua cozinha, pensou Harry. Mas a gente não questionava à baronesa Waverly.

Agarrou uma trufa de chocolate da terrina que sua avó sempre tinha repleto e a levou a boca.

— Uma dessas garotas perdidas que estiveram assustando os cavalos desde que deixou que essa produtora de cinema fizesse negócio conosco.



— Ninguém tem feito negócio conosco, juvenzinho — Respondeu ela — Era minha história e decidi contá-la.

— E também tirou benefícios. Isso é o único bom de tudo isto, avó. Poderá ter aqui acima todo o carvão que deseje.

— Não seja absurdo. Esse dinheiro é para você, para que não tenha que estar escravizado nesse banco e possa voltar para casa.

Quando tivessem pagado todos os gastos do imóvel, não teria suficiente dinheiro para tomar umas férias, e muito menos para deixar o trabalho. Outra coisa mais que ela não precisava saber.

— O trabalho é bom para mim. Afinal, o que faria aqui? Phyl se ocupa dos cavalos. Eu só perderia o tempo dando voltas por aí e disparando às coisas.

— Sua prima é uma mulher admirável.

— Porque te escuta?

— Poderia ser pior. Criei cavalos muito bons em meus tempos, e sabe.

— Ninguém poria isso em dúvida.

— Embora não é seu legado. Pertence aos condes de Hartley.

— Mas também é seu legado. Seu filho é meu presumido herdeiro.

— Não me parece bem. O título não se afastou da linha de sangue desde o Enrique VIII.

— Sim, sei. E agora mesmo, este conde de Hartley está fazendo todo o possível por assegurar-se de que Phyl tenha todo o necessário para chegar um programa de cria com êxito.

E para arrumar o telhado. E para que a sua avó não faltasse carvão. E para terminar de decorar as salas públicas para quando abrissem a casa no ano seguinte.

Harry estava pensando no muito que teria que fazer quando um movimento na janela chamou sua atenção.

Sua avó estava dizendo algo, mas não a escutou. Aproximou-se da janela e viu uma sombra movendo-se sob as árvores. Apertou os dentes. Maldição. Seria melhor que não fosse outro intruso. Já tinha tido bastante aquele dia.

— Harry! Ouviu-me?

Inclinou-se mais para a janela, mas não pôde ver nada. Ninguém saiu do bosque. Mesmo assim, por alguma razão arrepiou o pelo da nuca e teve uma lembrança das visões que tinham estado atormentando. Sentiu-se furioso.

Tomou fôlego e se separou da janela.

— Sinto muito. Pensava que tinha visto algo aí fora.

— Deixa-os em paz. Não fazem mal a ninguém — Disse sua avó.

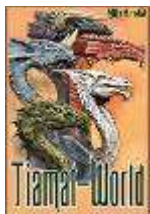
Harry pensou na garota da cozinha.

— Só fazem mal a si mesmos.

— Traz-a aqui, Harry. Quero conhecê-la.

— Conhecê-la?

— À garota que trouxe. Quero conhecê-la.



— OH, avó, por favor, não. Só é uma excêntrica. Não terá que respirá-la.

Durante uns segundos, sua avó não respondeu. Simplesmente ficou olhando-o, como se estivesse meditando algo.

— Acredito que não, Harry. Há algo familiar nela. Algo...

— Avó, não. Se nem o avô, nem papai, nem mamãe puderam encontrar uma só fada depois de anos de busca, acredita realmente que ia aparecer uma e apresentar-se sem mais?

— Por que não? — Perguntou ela — Acredita que eu teria trabalhado tão duro com os cavalos para mantemos a flutuação se não tivesse acreditado no sonho de seu avô?

Sonho? Mas bem uma obsessão. Um pesadelo. Uma ruína. Não importava quão duro tivesse trabalhado sua avó para ganhar dinheiro, pois se gastava seis vezes mais depressa.

— Não acredita que já esgotamos este tema? Deixa que me desfaça dessa garota e logo poderá me falar dessa nova égua que Phyl foi comprar.

Sua avó se endireitou e deixou que o silêncio se estendesse até fazer-se incômodo. Era raro naqueles dias que jogasse de baronesa. Harry a olhou e suspirou.

— Harold George Cormac Augus...

— Sim, sim. Entendido. Assim que consiga pôr um pouco de roupa decente, trarei-a.

— Mary se reunirá com você com alguns dos vestidos de Phyllida.

Mary, a enfermeira, donzela e amiga de sua avó se reuniu com ele na porta e entregou uma pilha de roupa coroadada com uns sapatos.

— Espero que tenha os pés pequenos — Disse com seu sotaque caribenho.

— Terei que colocar bolas de papel de jornal para que não saiam — Disse Harry enquanto agarrava a pilha de roupa.

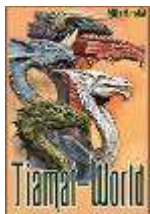
Retornou ao andar de baixo sem deixar de pensar na jovem tinha deixado aos cuidados do Tommie.

Quem era? Se deu conta de que nem sequer tinha perguntado o nome. Realmente desejava fazê-lo, ou a avó tinha razão? Acaso alguns contos de fadas eram muito doces para pô-los em dúvida? Começava a acreditar que não queria descobrir que aquela suposta fada não era mais que uma secretária solitária que tinha visto O príncipe das fadas muitas vezes. Embora, pensando bem, aquilo não soava tão mal. Talvez, se fosse uma secretária, não sentiria que estava profanando-a por desejá-la.

Ficou ali parado enquanto as imagens passavam por sua cabeça. Imaginou ali cativa, fazendo o que ele dissesse.

Não soube quanto tempo esteve soando o cantarolado antes que fosse consciente dele. Era como um canto triste que provinha da cozinha. Sua garota fada. Sua voz o envolveu como se fosse fumaça.

Deu-se conta de que se deteve na sala de jantar. Que apropriado. Era uma das obras mestras mais queridas de seu avô. Onde uma vez Adam tinha posto bases, cornijas e medalhões de inspiração clássica, Nicholas Harold Wyatt, sétimo conde de Hartley, tinha pintado árvores. Centenas de árvores que se elevavam do chão de tapete verde como um bosque em metade da



sala. Os ramos se entrelaçavam no teto. Era um salão que encaixava com o mundo de fadas que tinha pintado no resto dos cômodos do andar de baixo. Os salões, as salas de música e um salão de baile tinham sido transformados em um mundo estranho com colinas mágicas e vales povoados por casas pequenas e estranhos e seres mágicos, sua própria Terra Media.

Conforme havia dito o ancião em várias ocasiões, aquele era o mundo que havia descrito seu próprio avô. Um marco tão absurdo que Harry sentia vergonha cada vez que um desconhecido cruzava a porta. E mesmo assim, era um marco que o fazia sentir nostalgia até o ponto de não poder suportá-lo. Como se seu lar não fosse aquela casa, e sim os bosques pintados nas paredes.

Odiava aqueles cômodos. Odiava a perda de talento naqueles muros, a perda de dinheiro, os anos de desatenção para um imóvel que uma vez tinha tido algum prestígio. E mesmo assim, onde quer que fosse dentro daquela casa, sempre passava por aqueles cômodos para poder sentir essas árvores sobre a cabeça.

A garota estava cantarolando de novo. Harry prestou atenção e se dirigiu para a porta da cozinha. Havia uma coisa que sabia com certeza. Quando levasse a sua convidada para ver a avó, levaria-a pela escada do serviço. Quão último precisava era que a garota começasse a fazer perguntas sobre a decoração.

— Aqui estou — Disse ao entrar na cozinha — Espero que te sirva.

Durante um minuto, não conseguiu encontrá-la. Inclusive Tommie parecia ter desaparecido. Quão único viu foi o montão de verdura colocado sobre a bancada e o fogo aceso na lareira. Tommie, apesar de seu tamanho, sentia o frio, de modo que sempre tinha o fogo aceso. Considerando o pouco que lhe pagava e quão bem cozinhava, ao Harry não importava lhe consentir isso.

Mas naquele momento se encontrava na metade da cozinha com roupa na mão e uma crescente ansiedade no peito. Onde estava a garota?

— Tommie? — Gritou.

Mal tinha dado uns poucos passos quando advertiu um vulto no chão abafado com uma manta, justo diante do fogo. O vulto começou a mover-se ao som de sua voz.

— OH, retornou — Disse ela com um sorriso.

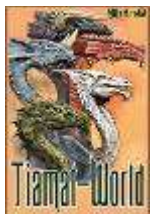
A garota fada estava aconchegada frente ao fogo coberta com uma manta velha, como se estivesse esperando junto a uma fogueira. Estava pálida e tremia mas tinha o cabelo seco.

— Tire isso — Disse Harry dando um passo à frente — Acredito que pinica muito. Prove...

Mas ela não só tirou a manta. Ficou em pé e a deixou cair ao chão. E debaixo estava completamente nua.

Capítulo 03

Nem sequer conseguiu levantar de tudo antes de perder o equilíbrio. Harry deixou cair a



roupa que levava nas mãos e a agarrou, seguro de que estava a ponto de cair justo dentro da lareira. Foi um engano. Nada mais tocar sua pele com as mãos, sentiu-se alagado por uma corrente de pura luxúria, da que só o espreitava na mais escura das noites. Estremeceu ao tratar de controlar-se. Respirou profundamente e aspirou ao aroma de ar fresco e a primavera e... Era canela? Não entendia como podia cheirar a bolachas de Natal.

Era perfeita, feita para a sensualidade, com curvas provocadoras e uns tornozelos pequenos, assim como os seios mais deliciosos que ele jamais tinha visto, coroados por uns mamilos suaves e rosados. E era loira natural. Não podia afastar o olhar daquele montículo de pelo encaracolado que insistia a possuí-la. A atirá-la ao chão ali mesmo, sobre a manta, e penetrá-la tão profundamente que não pudesse encontrar depois a saída.

Estava ofegando, suando com o esforço de manter o controle. Jurou que podia cheirar a excitação nela, um leve aroma a almíscar que incitava imagens de conquista. “Agora”, pensou enquanto olhava aqueles olhos grandes e escuros.

Viu-o em sua cabeça: membros enredados e o brilho de satisfação naqueles olhos. Pôde ouvi-lo também: respirações entrecortadas e gemidos enquanto a agradava com suas mãos e seu membro ereto. Cada vez mais profundamente. Cada vez mais forte, até que gritasse em seus braços, atirada no chão frente ao brilho do fogo.

Não recordava tê-la abraçado, nem ter agarrado o cabelo para atirar de sua cabeça para trás. Nem sequer sabia como sua boca se abriu, mas assim foi. Beijou-a com força e devorou sua boca como teria devorado seu corpo. Sentiu o calor de sua pele excitada, aqueles seios firmes inchando-se sob seu torso. Esfregou-se contra ela, aprisionou-a entre seus braços e saboreou o mel e a canela de sua boca. Agarrou-lhe as nádegas com as mãos, apertou-a contra seu corpo e pensou em retê-la, em atá-la, em obrigá-la para poder saciar-se. Para poder controlá-la e acabar com seus protestos.

Salvo que ela não protestou. Rodeou-o com braços e pernas com a mesma força que ele a ela. Gemeu, mas foi um som de necessidade, não de medo. Recebeu sua língua com a sua e ambas começaram um erótico baile de prazer. E não teria parado até que tivessem estado os dois nus se Harry não tivesse ouvido no último momento o grito de surpresa da porta.

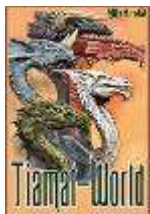
Não soube como o fez, mas se separou de um salto. Ofegando como se tivesse estado correndo, empurrou-a para a cozinha, que estava ali de pé com um olhar que não tinha visto desde que o pegassem no celeiro com uma das garotas locais quando tinha quinze anos.

— Trouxe um pouco de roupa — Disse quase sem fôlego — Que a ponha.

E, sem mais, saiu apressadamente pela porta.

Sorcha sentia que iam falhar as pernas. Com um leve gemido simplesmente caiu no chão.

O que tinha ocorrido? Como tinha chegado a sentir-se tão desordenada? Tinha estado ali sentada, no chão, aconchegada sob uma manta, tratando de entrar em calor com o fogo, quando o tinha ouvido atrás dela. Não tinha ocorrido pensar que reagiria assim. Depois de tudo, para uma fada ficar nua era algo normal. Era algo natural, uma maneira de desfrutar melhor dos prazeres da



mãe terra. Embora parecesse que os mortais não o viam de igual modo.

Envergonhada, fez-se uma bola no chão.

— Sinto muito ter partido querida — Disse a cozinheira — Mas quem ia pensar que ao senhor ocorreria...

Sorcha não levantou a cabeça dos joelhos quando falou.

— Os mortais não se saúdam assim normalmente, não é?

A cozinheira simplesmente titubeou.

Não era a lembrança de sua pele sobre seu corpo o que atormentava a Sorcha. Afinal ela era uma criatura feita para o prazer. Uma das maiores alegrias de seu mundo era unir-se fisicamente. Era um ritual sagrado. E ela tinha descoberto essa alegria nos braços daquele mortal, algo indescritível que jamais tinha experimentado, nem sequer nos dias sagrados, quando os fogos ardiam nas colinas e o povo das fadas dançava para celebrar o novo ano. Mas tinha visto algo em sua cabeça que não estava bem.

Não era alegria. Não era comodidade. Era fúria. Agressão. Auto desprezo. Não podia descrevê-lo exatamente. Evidentemente, esse talento diminuía naquele mundo. De volta em sua terra, teria conseguido ver cada imagem, ouvir cada pensamento. Ali em troca só obtinha impressões. E essas impressões lhe davam medo. E a ele também.

— Veem, querida. Veem se vestir — Disse a cozinheira enquanto a ajudava a levantar-se — Se não morrerá de frio.

Sorcha conseguiu sorrir, inclusive enquanto pensava no que tinha visto e ouvido no coração daquele homem.

— OH, não se preocupe. As fadas nunca caem doentes. Ao menos não como os mortais. Mas adoecemos se estivermos muito tempo longe de nosso lar.

Como sem dúvida adoeceria se não conseguia encontrar a pedra Dearann e devolvê-la a sua mãe.

— Bom, pois não adoecerá em minha cozinha. Ponha esta roupa.

Sorcha observou a pilha de roupa que a mulher tinha recolhido do chão e negou com a cabeça.

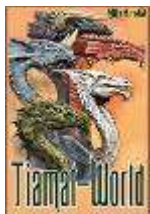
— Obrigado, senhora Thompson, mas eu gostaria de recuperar minha própria roupa, por favor. É meu traje. Foi escolhido no dia que me puseram o nome.

— Mas não está feito para um novembro em Yorkshire. Além disso, ainda está úmido. Toma isto. Ponha o até que seque o seu.

A mulher voltou a lhe oferecer a roupa e Sorcha não soube como negar-se. Parecia muito importante para ela.

— Ah, é a malha jeans, não é? — Perguntou enquanto agarrava as calças dobradas — O reconheço. O consorte de minha irmã o levava quando foi nos visitar. Ele também é mortal, um mortal muito bonito e estava muito vinculado às coisas.

A cozinheira a ajudou a colocar as calças e depois levantou os braços para pôr uma suave camisa de lã de cordeiro.



— Agora ponha os sapatos — Disse enquanto arregaçava a camisa e as pernas das calças.

Sorcha tomou uns segundos para aclimar-se à roupa que usavam os mortais, tão pesada que não podia sentir o ar a seu redor. Mas era quente. Mais quente que o fogo. Quase tão quente quanto o abraço daquele homem.

Não. Não era de tudo certo. Nada podia comparar-se com o calor abrasador de seus beijos.

— Obrigado — Disse à cozinheira enquanto olhava os sapatos. Pareciam duros e fortes e esse não era um sentimento que as fadas pudessem tolerar — Mas não. Não posso me separar mais de minha mãe.

A mulher simplesmente ficou ali com os sapatos na mão.

— E o que me diz das meias? — Perguntou finalmente enquanto mostrava umas pequenas bolsas com forma de pé de cor vermelha, azul e verde.

— Sim — Disse Sorcha com um sorriso — Acredito que isso me virá bem.

Após colocá-las e sentir o calor nos pés, o homem retornou. Tinha o cabelo molhado, como se o tivesse metido em um arroio e sua postura era rígida. De novo voltou a ouvir o ódio em sua mente, a frustração e se perguntou por que seria.

— A minha avó gostaria de te conhecer — Disse sem preâmbulos.

Sorcha o olhou e se deu conta de que seguia sem acreditar nela. Provavelmente não deveria se surpreender. Depois de tudo, não seria uma prova se não houvesse dificuldades.

— Claro, será um prazer conhecê-la. Poderia me dizer seu nome?

— Parece que não nos apresentamos — Disse ele.

— Isso não é certo — Disse Sorcha — Já conheço a senhora Thompson.

— Sou Harold Wyatt, conde de Hartley — Disse ele com uma pequena reverência — Minha avó é Beatrice, lady Waverly. E você?

— Ah, de modo que vamos compartilhar os títulos, em? — Disse Sorcha, e abaixou a cabeça, familiarizada como estava com o protocolo na corte — Sou a princesa Sorcha, filha de Mab, rainha das Tua de Dannan.

— Nossa, isto fica cada vez mais interessante — Disse a senhora Thompson com um sorriso.

— Eu me encarregarei — Respondeu Harold Wyatt — Agora, se não se importar, está ficando tarde e minha avó não é a pessoa mais paciente da terra — Assinalou com uma mão para a porta — Vamos?

Sorcha guardou o bolsinho no bolso, mas não a viram. Depois deu a volta e o seguiu.

— Posso confiar em você? — Perguntou a Harold a senhora Thompson.

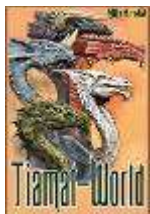
Ele a olhou com severidade e disse:

— Obrigado por sua preocupação, Tommie. Estaremos bem.

— Pode que não se deu conta em seu momento — Respondeu ela — Mas a garota leva uma faca pega à perna.

Harold olhou a Sorcha de relance.

— É para usá-la contra as Dubhlainn Sidhe — Respondeu ela. Esteve a ponto de dizer que isso também manteria salvo a ele, mas vacilou. As Dubhlainn Sidhe se especializavam na fúria, o



terror e a agressão. Talvez fosse esse o sangue de fada que corria pelas veias de Harold. Se fosse assim, o que faria ela?

No momento, a única coisa podia fazer era segui-lo escada acima. Embora nunca tivesse subido por umas. Era um invento próprio dos mortais. As fadas simplesmente voavam, se necessitavam altura. Mas não poderia voar naquele lugar. Sentia como se o peso da incredulidade caísse sobre seus ombros. Para não mencionar o espaço fechado. Deixava-a sem fôlego. Ou seria produto do homem que subia as escadas frente a ela?

— Agradeceria se não encorajasse a minha avó — Ia dizendo ele, sua voz ressonando pelo caminho.

— Encorajá-la como? — Perguntou Sorcha enquanto deslizava a mão pelo corrimão de madeira, a única superfície familiar naquele frio lugar de pedra.

— Quer pensar que tudo isto é real. Passou toda sua vida escutando-o, depois de tudo. Seu marido passou sua vida tentando demonstrá-lo, e depois seu filho e sua cunhada. Não posso obrigá-la a enfrentar a realidade, seria muito cruel. Mas, pelo amor de Deus, não fale de lugares encantados nem de feitiços de fadas, nem coisas assim. É uma mulher muito orgulhosa e não quero que ria dela.

Sorcha se deteve em metade das escadas.

— Não o compreendo. Por que iria rir dela?

Harold Wyatt deu a volta e ali estava, o calor em seus olhos.

— A ideia de que seu avô era um príncipe fada. Ela acredita e é o que contou aos do cinema, que criaram uma indústria graças a isso. Mas não o era. Provavelmente, fosse um cigano ou um comerciante de cavalos irlandês que seduziu a uma herdeira vulnerável. Mas essa história não é tão entretida, verdade?

Um príncipe fada. A Sorcha custou trabalho permanecer calada. Poderia ter razão? Um príncipe Dubhlainn Sidhe poderia ter saído facilmente com a pedra Dearann. E não tinha havido desaparecimentos estranhos entre as Tuas nos últimos séculos. Talvez Harold Wyatt tivesse herdado daí sua escuridão.

— E onde está esse antepassado seu que se acreditava da realeza? — Perguntou ela.

— Pelo amor de Deus, morreu faz sessenta ou setenta anos.

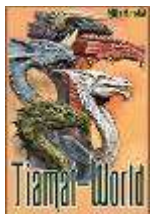
Sorcha se entristeceu um pouco. Teria sido muito fácil. Embora também teria sido agradável ver o homem que dizia ser uma fada e lhe perguntar se sabia onde poderia estar a pedra. Queria ir para casa. Queria que voltasse a primavera. Não queria passar o resto da eternidade naquele mundo cinza, sendo atormentada por aquele homem tão escuro.

— E acredita que é isso o que deveria dizer a sua avó? — Perguntou ela — Que seu avô era um mentiroso?

— Não, Deus, não. Simplesmente, não lhe diga que é a princesa Sorcha.

— Então devo ser eu a mentirosa?

— Sim — Respondeu ele — Se acredita que está mentindo, não me importa. Diga “ola”, diga quão agradável é conhecê-la e parte. Não permitirei nada mais. Entendido?



Sorcha inclinou a cabeça, como se isso fosse ajudar a compreendê-lo melhor.

— O que fizeram para te ferir tão profundamente, maneen?

— Me ferir? Ninguém me feriu.

— Eu acredito que sim. Seu coração está revoltado e acredito que não te deixa descansar. É tão terrível acreditar que as fadas existem?

— É uma tolice.

Mas sua voz dizia algo mais. Dizia “perigoso”. “Doloroso”.

Sorcha negou com a cabeça.

— Então o sinto muito, Harold Wyatt, conde de Hartley, pois nunca conhecerá a paz que sua avó conhece só com um pouco de fé.

Durante vários segundos, Harold pareceu incapaz de responder. Simplesmente, ficou ali de pé, um degrau acima dela, com as mãos estiradas como se fosse apoiar-se nas paredes, como se fosse uma torre de fúria. Entretanto, Sorcha sabia que não lhe faria mal. Só queria fazer mal a si mesmo.

— Não a encoraje — Repetiu ele antes de dar a volta e seguir subindo.

E Sorcha não pôde fazer nada mais que segui-lo.

Não sabia o que tinha esperado de sua avó, mas não era aquela mulher que a saudou quando Harold abriu a porta da sala. Era um ser brilhante, um pulso vestido de seda, com a cara de uma bean tighé e o espírito do fogo e estava sentada como uma rainha em metade de seu reino. Sorcha sorriu inclusive antes de ser apresentada. Só desejava aconchegar-se aos pés daquela avó e descansar.

Mas o cão que tinha sentado sobre seu colo não o permitiria. Começou a latir assim que viu Sorcha cruzar a soleira da porta.

— Mab! — Exclamou a velha.

— Onde? — Perguntou Sorcha olhando a seu redor.

— O que? — Perguntou a senhora.

Na porta não havia rainhas de nenhum tipo, e Sorcha deixou que seu coração se relaxasse.

— O cão da avó — Disse Harold — Se chama rainha Mab.

Sorcha riu e se girou para contemplar ao animal.

— OH, não o direi quando a vir, se não se importar. Não acredito que o considerasse uma grande honra — Disse.

— Ver quem? — Perguntou a velha com uma voz muito forte para seu corpo pequeno.

— À rainha — Respondeu Sorcha com um sorriso.

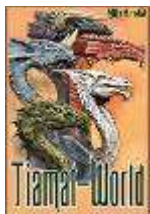
— Bem, garota — Disse a velha — O que tem que dizer sobre você?

Foi então quando Sorcha se fixou na cadeira sobre a que a avó estava sentada. Devia medir um metro oitenta de altura e parecia um autêntico trono.

— OH, Meu deus, não pode ser — Foi quão único lhe ocorreu dizer — Posso tocá-lo?

— Tocá-lo? — Perguntou a mulher — Para que?

Sorcha não podia esperar a que dessem permissão. Deu um passo à frente e deslizou a mão



por um lado da cadeira, esculpido com desenhos celtas: bestas mitológicas enredadas entre si.

— Quem não quereria honrar o espírito do carvalho negro? — Perguntou ela — É uma madeira estranha e mágica que guarda a lembrança das gerações. A lembrança de minha gente — Fechou os olhos por um momento e deixou que a lembrança de todos esses séculos se deslizasse em seu interior através dos dedos. Abriu depois os olhos e sentiu como as lágrimas se amontoavam em sua garganta — Deve ter sido criado por um grande coração.

Harold Wyatt se aproximou dela, mas Sorcha o ignorou. Fazia chorar à velha e não era o que pretendia.

— Oh, por favor, avó — Disse ela lhe oferecendo uma mão — O sinto.

— Não se chama “avó” — Ladrrou Harold.

— OH, Harry — Disse sua avó — Não seja tão chato. Eu gosto que me chame avó — Olhou a Sorcha — E você deve chamar o Harry por seu nome, entendido?

Sorcha sorriu.

— Harry? É um nome muito mais amável.

A velha riu alegremente.

— E Harry necessita toda a amabilidade do mundo, filha. Essa é a verdade.

Sorcha assentiu, sem saber bem qual era o problema.

— Então aceita minhas desculpas, avó?

— Desculpas? — Repetiu a velha — Por quê? Por me dizer que meu Nicholas tinha as mãos de um gênio? Que o presente que me fez por minhas bodas é precioso? Pois o é. E não tem nada de mau dizê-lo. Agora sente-se, filha, e me diga seu nome.

— Chama-se Sorcha — Interveio Harry aproximando-se um pouco mais.

— Não perguntei isso a você, Harry — Disse sua avó, e depois indicou a Sorcha que se sentasse em uma das cadeiras colocadas frente a ela — Sente-se, Sorcha. Parecia ridícula com essas meias três - quartos.

Sorcha obedeceu e se sentou em uma cadeira antes de levantar os pés e observar as cores que levava nos pés.

— Claro, não temos nada parecido onde eu vivo — Disse.

— E onde vive? — Perguntou a avó.

Sorcha levantou a cabeça e olhou Harry, que dirigiu um olhar de advertência que ela ignorou.

— Não... Não está perto — Respondeu com um sorriso — Sinto muito ter invadido sua propriedade.

— É irlandesa — Disse a anciã como se tratasse de uma acusação.

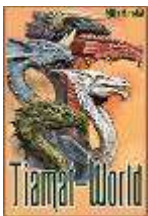
— Em certo modo, sou-o — Respondeu Sorcha com um sorriso.

— Bom, está bem. Esse sotaque é como um sopro de ar fresco por aqui.

Sorcha quis perguntar: “Onde? Onde é aqui?”.

Foi como se a velha a tivesse ouvido.

— Estamos em Yorkshire — Disse — na Inglaterra.



Sorcha se entristeceu ligeiramente. Inglaterra, onde a gente acreditava tão pouco nas fadas que estas virtualmente tinham desaparecido. Não era de estranhar que sua mãe lhe tivesse advertido.

— Você gosta deste lugar? — Perguntou a avó — Esta casa?

— Não estou acostumada a algo tão grande. É enorme.

— Os muros de pedra a inquietam?

Parecia como se a velha soubesse tudo, e Sorcha se sentia cada vez pior.

— Bom, em realidade... — Mas não ocorreu nenhuma boa mentira.

A velha riu.

— OH, sei que meu neto te pediu que me agradasse. Mas não se preocupe. Só queria ver de que cor eram seus olhos.

Sorcha não podia deixar de olhá-la.

— São verdes, não é? Como a grama na primavera à luz do sol.

Sorcha olhou a Harry, mas ele estava observando a sua avó como se acabasse de dizer uma loucura.

— Seus olhos são azuis — Disse Sorcha.

— Sei — Respondeu a anciã com um sorriso que iluminou seu rosto — Parece que eu não herdei nada dos meus. Salvo minha mão com os cavalos. Como Harry e sua prima. Mas Harry tem os olhos, não é?

Sim. Os olhos de fada.

A velha acreditava nela. Acelerou o coração. Ainda se sentia desorientada e de repente sentiu frio apesar do calor da habitação, mas tentou prestar atenção ao que estava dizendo a avó de Harry.

— Meu Nicholas e eu fomos primos, sabe? — Disse enquanto acariciava o braço da cadeira

— Antes as famílias se casavam entre si como os Romanov. Os pais de Harry eram primos segundos ou algo assim. Mas o avô engendrou a quase todos, de modo que a linha de sangue é forte.

— Avó — Protestou Harry.

— É minha história — Disse a anciã sem afastar o olhar de Sorcha — Imagino que não viu o filme.

— OH, não. Temo-me que não.

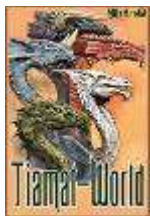
A mulher assentiu como se já o esperasse.

— Não importa. Meu avô se chamava Cathal. Isso é quão único sabemos. Adotou o sobrenome de minha avó, dado que ela era uma baronesa herdeira. Nada raro naqueles tempos, se se casava com alguém superior.

— Mas ele o era — Disse Sorcha — Cathal é um nome da realeza.

A velha tinha o sorriso de um duende.

— Um príncipe de sangue, conforme me disse ela. Depois que ele morreu, claro. Não podia admiti-lo enquanto ele estivesse vivo. O teriam convertido em uma atração de feira. Mas, se o



tivesse visto... Saberia. Era... — Suas palavras ficaram suspensas no ar enquanto recordava os dias passados. Sua face pareceu rejuvenescer e foi algo poético.

— Avó — Disse Harry com voz suave — Mary está aqui. É hora de descansar.

Outra mulher entrou na sala. Era quase tão baixa como a avó, mas com uma pele enrugada de cor escura e sabedoria em seu semblante.

— Olha-a nos olhos — Disse a avó sem deixar de olhar a Sorchia.

A outra mulher se agachou para tomar nos braços o cão e dirigiu um sorriso a Sorchia.

— Tem razão — Disse — Mas isso já sabia.

Havia música em sua voz, como o vento entre as árvores. Sorchia sorriu. Desejava poder sentir-se melhor. Teria encantado interrogar às duas mulheres antes que Harry a jogasse à rua. Desejava...

— Então já está decidido — Anunciou a avó de Harry enquanto este tirava uma cadeira de rodas de trás de um biombo.

— O que, avó? — Perguntou Harry enquanto a levantava do trono para sentá-la na cadeira.

Foi então quando Sorchia se deu conta de quão frágeis pareciam suas pernas. Entristeceu-lhe pensar naquela mulher vital, que em uma época devia passear por seu reino como uma autêntica força da natureza.

— Fica — Disse a avó.

Harry esteve a ponto de deixá-la cair ao chão.

— Não, avó. Não fica.

— Harold George Cormac Augustus Beverly — Disse a avó — Se atreve a desonrar a legendária hospitalidade dos Wyatt?

— E dos Waverly. Ela não pertence a este lugar.

— E é melhor deixá-la partir sob a tempestade?

Sorchia podia ouvir a tempestade no exterior. A cabeça doía cada vez mais, e custava respirar.

— Levarei-a de carro até Hartley. Pode ficar no Homem Verde.

— Não, Harry.

— Estarei bem — Disse Sorchia, e pensou em quão pequena soava, em como deveria lutar por ficar ali, onde talvez tivesse vivido um príncipe fada. De repente se sentia sem energias — Embora agradeceria que me devolvessem minha roupa. Deram-me ela no dia em que me puseram o nome...

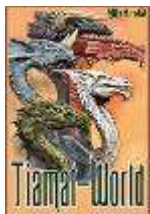
Ambos se giraram para ela, obviamente dispostos a dar um grito.

Mas Sorchia o evitou quando a pressão se fez muito forte. Muito.

— A... Chuuu!

A cabeça explodiu em mil pedaços. O mundo simplesmente desapareceu e sentiu como sua face batia no chão.

Gwyneth Adderly era uma mulher britânica muito moderna. Não importava que as pessoas



a chamassem “feita por si mesma”, porque era certo. Tinha conseguido terminar os estudos com bolsas, dado que seus pais viviam a base de lembranças do prestígio esquecido. Seu bisavô tinha sido visconde e bom amigo do duque de Windsor. Tinha sido suficiente para que seus pais pudessem viver. Mas ela não. Tinha conseguido terminar os estudos e se transformou em sócia de uma importante empresa.

Assim era como tinha conhecido Harry. Ambos tinham decidido viver no mundo real, não na fantasia em que habitavam seus mais velhos.

Igual a sua avó, outra relíquia que preferia viver em um passado imaginário. A família de Gwyneth se acotovelou com a realeza. A de Harry tinha acreditado nas fadas. Era suficiente para provocar coceira a qualquer garota moderna.

Gwyneth, entretanto, sempre respeitava à velha. Afinal, Harry parecia adorá-la. Mesmo assim, aquele dia Gwyneth não estava de humor para contos de fadas. Ainda estava tremendo depois de ter estado a ponto de sair da estrada antes de chegar a casa. Retornava de Londres na metade de uma terrível tempestade de outono que tinha piorado ainda mais depois atravessar as portas de Waverly Cíose. E então, ao tomar a longa curva junto ao carvalho, uma pessoa se pôs diante do carro. Estava segura.

Tinha-o visto com clareza. Olhos escuros e pele clara, como de outro mundo. Tinha saído de um nada e tinha estado a ponto de bater contra seu para-choque. Mas não o tinha feito. Tinha dado um grande salto para passar por cima do carro.

Obviamente devia estar equivocada com respeito da última parte. Afinal, tinha parado o carro e desceu para assegurar-se, mas não tinha visto nada salvo os prados desertos que se estendiam frente a casa. Comprovou o teto do carro, mas não estava prejudicado. Quase podia acreditar que tinha imaginado, salvo pelo que tinha visto em seus olhos durante o instante em que seus olhares se cruzaram. Algo construtivo. Algo aterrador. Algo que deixava seu firme pragmatismo apreensivo, de maneira que não podia explicar.

Assim que chegou a porta principal, explicou o incidente a Sims, o mordomo de Wyatt.

— Um... Homem no bosque vestido como... Robin Hood? — Perguntou ele.

Gwyneth se entreteve em sacudir a água de seu guarda-chuva antes de entregá-lo.

— Sim. Robin Hood. Que parte não entendeu?

— Nenhuma, senhorita — Disse Sims com uma reverência — Alertarei aos arqueiros imediatamente.

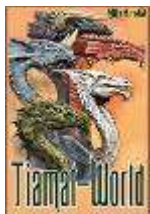
Gwyneth o olhou com ódio.

— Ri tudo o que queira. Mas e se o muito idiota acabar morto no bosque e culparem o conde?

— Sei que ele me culpará então por permitir que um miserável invadissem sua propriedade.

— Certamente, deveria fazê-lo.

Gwyneth não esperou mais. Simplesmente deu a volta e se dirigiu para a escada tentando não estremecer com a visão dos murais que cobriam as paredes. Árvores, cavalos cinza e flores de todas as cores. Quem dera pudesse se encarregar daquele desastre. Mas era outra das



indignidades que teria que sofrer em troca da sobrevivência. Logo a casa se encheria de centenas de convidados que pagariam pelo privilégio de ver o lar do príncipe das fadas. O que significava que os murais tinham que ficar.

Ninguém iria além do andar de baixo. Disso estava convencida. Não passaria o resto de sua vida rodeada de fadas, mesmo que fossem pintadas. Aquele era um lugar histórico que merecia elegância e dignidade. Pensava em assegurar-se pessoalmente de que assim fosse.

— É uma obra mestra de Adam — Grunhiu enquanto subia as escadas — Não a casa de Bilbo Bolsón.

— Certamente, senhorita — Ouviu Sims murmurar em voz baixa atrás dela — Acredito que o senhor Bolsón teria se encontrado bastante perdido aqui.

— Ouvi-o!

— Claro que sim. Todos nós estamos cientes de suas habilidades sobre-humanas para o ouvido.

Gwyneth se inclinou corrimão para dirigir um olhar desafiante, mas Sims tinha desaparecido.

Maldito bastardo. Só por ter nascido ali e ser o último de múltiplas gerações de criados dos Waverly, pensava que podia dizer o que tivesse vontade. Sobre tudo desde que Harry o pôs a cargo do novo pessoal que tinham contratado para preparar a casa para as massas. Pensou que isso era o que ocorria quando uma garota moderna se encontrava com o preço da fantasia.

Mas essa era uma questão para mais tarde. No momento, precisava deixar para trás aquelas horríveis paredes do andar de baixo e encontrar-se com o pragmático Harry. Subiu os degraus rapidamente, sabendo onde encontrá-lo a essa hora do dia. Inclusive preparou a cordial saudação que dirigiria à baronesa. Não havia razão para ferir a velha com certas verdades sobre a casa, como o fato de que sua família tinha estragado o imóvel, por não falar do sobrenome familiar.

Mas Harry e ela estavam a ponto de mudar tudo isso. Aquilo produziu um sorriso ao chegar à porta entreaberta dos aposentos da baronesa.

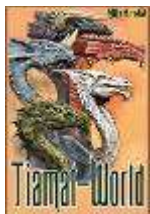
— Meu Deus, Harry — Ouviu dizer a velha — O que fez à garota?

Gwyneth abriu a porta e viu Harry no chão, abraçado a uma pequena mulher de cabelo loiro.

— Sim, Harry — Repetiu ela — O que fez à garota?

Capítulo 04

A primeira coisa que Sorchá pensou quando despertou foi que tinha explodido. Estava estendida no chão. Devia ter batido com a cabeça, de repente a sentia inchada e espessa, como se o sangue estivesse congelando em seu interior. O pior era que tinha frio. Como podia ter tão frio



naquele quarto tão pequeno? Então começou a sentir de novo a pressão na cabeça e se deu conta de que se equivocou. Ter frio não era o pior.

— Como se para? — Perguntou.

— Parar o que? — Perguntou Wyatt.

Não conseguia responder. A pressão não diminuía. Simplesmente aumentava, tirava-lhe a respiração, detinha-se no nariz até que não pôde suportá-lo mais...

— A... Chuu!

Explodiu de novo.

Levou as mãos à cabeça, temendo que tivesse explodido em mil pedaços. Aterrorizava-lhe aquilo que estava acontecendo.

— As Dubhlainn Sidhe estão lançando uma maldição? — Perguntou — Me torturarão até que fracasse?

— Te torturar? Do que está falando? Apenas o ouviu.

— Eu disse que não era merecedora. Sou uma fada de talentos pequenos, de momentos tranquilos... — Finalmente, abriu os olhos e se encontrou a cara do conde sobre ela. Parecia tê-la entre seus braços — Minha cabeça. Em quantos pedaços explodiu?

A coceira havia retornado e se acumulava em seu nariz e em seus olhos. Aumentava de novo.

— Explodiu?

— Por favor — Rogou — Me diga o que vê. Que terrível magia me caiu em cima? A... Chuu!

— Santo Deus, Harry — Disse uma nova voz — Outra vez não.

— Olá, Gwyneth — Saudou a velha.

Sorcha estava muito ocupada agarrando-se ao Harry para afastar o olhar.

— Mas minha cabeça... — Protestou — Minha garganta... Tenho veneno dentro. Sei.

— Não, filha — Disse a avó — É um vírus, nada mais. Tem um resfriado.

Sorcha tentou entendê-lo. Tinha muito frio. Mas o que significava ter um resfriado?

— E a explosão?

— Chama-se espirro — Disse Harry enquanto a punha em pé — O qual sabe muito bem. Agora, se não se importar, o jogo acabou. É hora de voltar para mundo real.

Sorcha esfregou a cabeça.

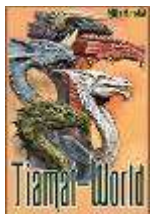
— Trata-se de uma enfermidade dos mortais?

— OH, Harry, Por Deus — Disse a recém chegada — É que a polícia não pode fazer nada com esta gente?

— Esta pessoa — Respondeu sua avó — é minha convidada. Supõe isso algum problema, Gwyneth?

Sorcha finalmente abriu os olhos e viu uma mulher muito alta e magra de pé na porta, olhando-a como se tivesse roubado algo.

— Não, claro que não — Respondeu a mulher, embora não o dizia a sério. Sorcha o via na curvatura de seus ombros. Estava furiosa e frustrada.



— Não acredita, não é? — Perguntou à avó.

A velha sorriu.

— Sorcha, querida, eu gostaria de te apresentar a Gwyneth Adderly, noiva de Harry. Gwyneth, esta é Sorcha. Ficarão conosco uns dias.

— Avó... — Disse Harry.

— Ao menos até que se sinta melhor. Está doente, Harry.

Sorcha espirrou de novo. Perdeu o equilíbrio e teve que agarrar-se a uma cadeira para endireitar-se.

— Sinto muito... Simplesmente...

— Já está outra vez — Disse a tal Gwyneth antes que Harry a agarrasse pelas axilas.

Arrastou-a a uma cadeira, sentou-a e colocou a cabeça entre os joelhos.

— Não vai desmaiar diante de mim. Não tenho tempo para isto.

— OH, sinto muito... — Disse Sorcha, perguntando se a cabeça iria cair e rodar pelo chão — Não me sinto nada bem.

— Tem um aspecto horrível — Disse a avó — Toque a testa, Harry.

— Não penso...

— Harold Marcus...

— Eu o farei — Disse a mulher morena com voz calma.

Sorcha não se moveu por medo de que quebrasse a cabeça. Podia ver os pés de Harry frente a ela, metidos nesses grandes sapatos que o separavam da mãe terra. Não era de estranhar que ele não tivesse alegria nos olhos, como sua avó. Se Sorcha tivesse sido sua avó, haveria feito tirar os sapatos imediatamente.

— Nego-me a formar parte disto — Disse Gwyneth — Primeiro o homem do bosque e agora isto. É muito, Harry. Tem que pôr fim.

— Me diga como, Gwyneth — Respondeu ele.

Sorcha sentiu pena por ele. Sentia estar causando tantos problemas. E o modo em que sua noiva falou do homem do bosque produziu um calafrio pelas costas.

Haveria dito algo, mas não tinha energia. Parecia como se fosse desintegrar-se ali mesmo.

— Está bem? — Perguntou a mulher morena.

— OH, sim — Respondeu Sorcha — Mas me sinto...

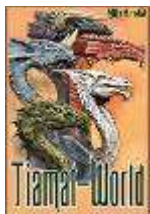
Umas mãos tremendamente gentis pousaram em sua testa e proporcionaram uma calma e um conforto que a fizeram suspirar.

— Será melhor chamar um médico — Disse a avó — Esta garota está ardendo.

— Deem uma aspirina a ela — Disse Gwyneth com desprezo — Um anti gripal.

— OH, não — Protestou Sorcha levantando a mão. A sala dava voltas, e se agarrou à mão da velha — Os remédios dos mortais não são para mim. Quem sabe o que me fariam?

— Não sei — Disse Gwyneth com tom frustrado — Tirar a febre e os espirros, possivelmente?



Sorcha lutava por respirar. Sentia-se sem energia. Como podia uma enfermidade acabar com sua vida tão rapidamente? Desesperadamente, tentou tirar do bolso a bolsa que levava, mas seus dedos estavam torpes.

— Algo aconteceu — Observou a avó.

— Minhas ervas — Disse Sorcha — Estão em uma bolsa pequena. Se pudesse as tirar...

Sentiu uns dedos deslizando-se por sua perna. Ouviu as vozes ressoando em sua cabeça e sentiu a frustração no coração de Harry Wyatt.

— OH, pelo amor de Deus — Disse enquanto colocava a bolsa na palma da mão — Toma. As mistura com algo?

— Não — Respondeu ela — Uma é para as enfermidades das fadas sobre os mortais, a outra para as enfermidades dos mortais sobre as fadas. Qual é qual?

Sorcha separou os dois pacotes e tentou decifrar a caligrafia da bean tigue. Cada vez custava mais respirar e ver, e sentiu como se criava outro desses terríveis espirros. Não podia permiti-lo, não quando tinha nas mãos as ervas mais delicadas de ambos os mundos.

— Aqui está — Disse enquanto conseguia separar um punhado. Depois. O colocou debaixo da língua e fechou os olhos. “Nada merece uma cura que não doa”, estava acostumada a dizer a bean tigue. Pois bem, aquela erva produziu espasmos nervosos por todo o corpo — Não posso... — Tinha lágrimas na face, lágrimas nos pulmões e no coração. Não sabia se tinha chegado a tempo.

Umas mãos grandes tiraram a bolsa umas mãos calosas que conheciam o trabalho, mas que se mostravam também doces e delicadas.

— Obrigado, Harry Wyatt — Sussurrou, e conseguiu olhá-lo na face — E o sinto. Acredito que, depois de tudo, fracassei e já não haverá mais primavera. Me perdoe.

Foram as últimas palavras que conseguiu dizer. Sua força desapareceu e seus olhos se fecharam. Daquela vez sentiu como Harry Wyatt a tomava nos braços antes que caísse ao chão.

— O ramo da fada está preparado, senhor — Disse Sims.

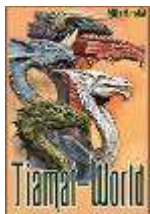
— Curta a piada, Sims — Disse Harry — chamou o médico?

— Claro que sim, senhor. Disse que viria depois de uma operação. Enquanto isso, recomenda aspirina e um anti congestivo.

Harry seguiu Sims pelo corredor até um dos quartos de convidados. Doíam-lhe os ombros, pois as fadas eram mais pesadas do que pareciam. Aquela talvez não fosse muito grande, mas era um peso morto.

E além disso estava pálida como uma morta. Ouvia-se um ligeiro fôlego cada vez que respirava. Não tinha razão para preocupar-se por ela, mas se preocupava. Jamais tinha visto ninguém adoecer tão depressa. E era evidente que não estava fingindo. Sua pele estava tão quente para evaporar a água.

E se estava um pouco louca? E se ia transformar seus próximos dias em um inferno, com sua avó insistindo em que era uma fada e com Gwyneth insistindo em que partisse?



A única coisa que ele desejava era um pouco de tempo longe das pressões da cidade. Desejava passear por seu terreno e descansar na velha poltrona de sua livraria. Queria fingir que Waverly Cíose não era um desastre atrás de outro. Entretanto, limitou-se a fingir que uma princesa fada tinha ido de visita.

Brilhante.

— Não formarei parte disto — Disse Gwyneth atrás dele. Parecia assustada, e não podia culpá-la.

— E o que sugere que faça Gwyneth? Que a jogue à rua?

— Chama à polícia — Disse ela — Como disse a Sims que fizesse com o outro.

Sabia que devia perguntar. Gwyneth queria que o fizesse. Sorcha devia ter um amigo nas redondezas. Já se encarregaria alguém dele.

Cheirava a chuva e a canela.

O que? De onde diabos tinha saído isso? Esteve a ponto de fechar os olhos e aspirar. Não era um aroma sensual, nem exótico, nem escuro. Era algo que penetrava entre suas defesas e o fazia desejar tocá-la. Seus seios estavam pressionados contra seu torso. Sua pele era tão suave que desejava agachar a cabeça e esfregá-la contra ela.

Enquanto subia as escadas, ia desejando-a cada vez mais. E ali estava, atravessando o corredor principal do segundo andar como se fosse um desfile, com o mordomo diante e sua noiva, sua avó e a donzela desta atrás. Gwyneth e sua avó seguiam discutindo sobre o que fazer com a garota.

— Não pode pretender que Harry siga a corrente a uma destas criaturas — Se queixou Gwyneth.

— Posso e o farei — Respondeu a avó — Esta casa segue sendo tão dele como minha, Gwyneth.

— Mas poderia ser qualquer...

— Fica — Grunhiu Harry — Entendido?

Gwyneth estremeceu como se tivesse dado uma bofetada, mas Harry não importava. Queria que se fossem todas. Queria Sorcha só para ele, sem importar que estivesse inconsciente e com febre. Queria deitar-se sobre ela. Estar dentro dela. Desejava que aqueles olhos verdes brilhassem de prazer. Queria ouvi-la gritar seu nome...

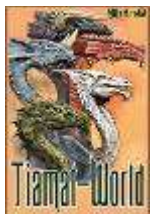
Sua avó golpeou a parede com a bengala.

— Harry!

Harry se deteve. Sua avó parecia atônita, mas não surpreendida. Havia tornado a ter outra ereção e só com ele aroma da garota. Custava-lhe um grande esforço não empurrar a todos pelas escadas e trancar-se com ela a sós. Estava ficando louco, sabia. E era evidente que outros também.

— Mary — Disse em voz baixa, girando-se para a donzela — Pode ficar com a jovem quando a acomodarmos? Avó, eu te levarei de volta a seu quarto.

— Acredito que isso seria o mais apropriado — Respondeu sua avó.



Gwyneth não parecia ter palavras que dizer. Parecia agitada. Inclusive tinha lágrimas nos olhos, e parecia incapaz de deixar as mãos quietas.

— Tenho algumas coisas que fazer em York — Disse com voz aguda — Acredito que será melhor que vá.

— Sim — Disse Harry — Te verei mais tarde.

— De acordo.

Sims abriu a porta do quarto China e Harry cruzou a soleira. Não gostava daquele quarto. Tinha sido excessivamente decorado por uma de suas tias longínquas. Pássaros de seda nas paredes de seda, e uma cama do tamanho de um campo de batalha coberta com mais seda, tudo em cor carmesim.

Deixou à garota sobre a cama e fez um esforço para não subir com ela. Deu um passo atrás e deixou espaço Mary. Sorchia parecia perdida naquela cama imensa. Harry sabia que não deveria sentir-se atraído por ela, mas tinha uns seios que pareciam feitos para ser tocados e uns quadris que despertavam nele as mais tórridas fantasias. E seu aroma. Era pouco comum, ar de mar e canela, mas de repente parecia algo esplêndido. Tão dele que desejou agachar-se sobre ela para saboreá-lo.

De fato, pôde imaginar a cena em sua cabeça. Pôde ouvir seus ofegos de prazer, sentir seus dedos deslizando-se por seu corpo nu. Cheirar seu suor na pele enquanto a penetrava.

— Meu Deus, Harry — Disse sua avó enquanto lhe golpeava com a bengala nas pernas — Deixa-o já.

A pancada da bengala serviu para acabar com seu devaneio.

— Vá desculpar se com Gwyneth antes que se vá — Acrescentou a avó.

Harry a olhou e viu compaixão em seus olhos. Compreendia-o? Poderia explicar passou uma mão pelo cabelo e fechou os olhos para recuperar o controle.

— O que está acontecendo? — Perguntou. Mas só para si mesmo.

Sua avó o ouviu de todos os modos.

— Está enfrentando o inexplicável — Disse — Não fique a sós com ela. Nem por um momento. Não até que não saibamos exatamente o que a trouxe aqui.

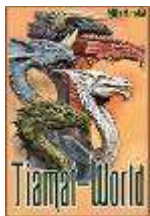
— Amo-te, avó — Disse Harry — Mas não o confunda com cumplicidade. Não é uma de suas fadas. É uma garota confusa e retornará a sua casa assim que fique bem. Entende-o?

— Melhor do que pensa — Respondeu sua avó, e deu a volta a sua cadeira de rodas.

Harry ficou de pé na porta do quarto, vendo como se afastava, e não ocorreu resposta alguma. Finalmente, deu-se conta de que não ficava mais remédio que ir procurar Gwyneth antes que partisse. Tinha que explicar o que acabava de ocorrer.

Ao menos tentar explicá-lo. Se acaso alguém pudesse explicar primeiro a ele.

Era hora de pôr fim à tempestade. Darragh, que tinha as nuvens em suas mãos e desatava os raios, estava cansado de ter frio. As tempestades eram algo completamente diferente no mundo dos mortais. Não eram algo majestoso e poderoso, mas sim uma autêntica destruição que



não fazia nada por ajudar à terra. E não importava o furioso ou frustrado que estivesse uma fada, pois não estava permitido ferir a terra. Não tinha nada que ver com o fato de que tivesse frio, estivesse molhado e tremendo.

De modo que acalmou as nuvens e o vento. Depois abriu a porta metálica do automóvel da mulher e se deslizou no assento traseiro. Tinha visto automóveis, claro. Sempre tinham fascinado aquelas bestas com os benefícios de um cavalo, mas sem seu temperamento. Mas nunca tinha estado dentro de um. Os assentos eram suaves e o ar quente. Seria fácil dormir ali. Muito mais cômodo que esperar frente a aquela grande pilha de pedras até que Sorchá reaparecesse.

Ela era sua maneira de encontrar a pedra Dearann. Era a chave. E depois de ter passado por tantas calamidades para segui-la através das portas até aquele inferno, não estava disposto a perdê-la.

Talvez tivesse dormido um momento, não estava seguro. Antes de poder dar-se conta, uma das portas se abriu, e viu um cabelo loiro no assento dianteiro.

— Velha vaca asquerosa — Grunhiu a mulher ao sentar-se — “Não façam mal às fadas. Não confundam os intrusos”. Como se não fosse mais que evidente que essa mulher é uma lunática fugida. Quem pode imaginá-la sentada em uma flor?

Lançou uma espécie de bolsa ao assento traseiro e golpeou Darragh com ela na cabeça, que esteve a ponto de dar um grito. Mas então aspirou seu aroma, era algo novo para ele. Seguia murmurando enquanto manipulava algo. Darragh pensou que mereceria a pena ver o que fazia. Obviamente não gostava de Sorchá. Talvez gostasse de conhecer alguém que pensava o mesmo.

Esperaria um pouco. E, enquanto isso, viajaria naquela maravilhosa criação.

—Gwyneth está um pouco zangada — Admitiu Harry. A realidade de suas palavras era evidente a julgar pela marca de mão que tinha na bochecha.

Sua avó sorriu, mas não parecia feliz.

— E se surpreende Harry? Depois do espetáculo do quarto, surpreende-me que não tenha atirado uma cadeira à cabeça.

Estavam sentados para jantar na pequena sala de jantar, embora o de “pequeno” era um termo relativo. Aquela sala estava decorada com as mesmas árvores que a outra, embora não tão altas e com algumas estrutura pintadas nos cantos que pareciam tiradas de um filme de Disney. Não suportava aquele lugar. Mesmo assim não podia manter-se afastado.

— Temo-me que estive submetido a muito estresse ultimamente — Disse — Com o trabalho e tudo isso.

— Por não mencionar a formosa jovem que te sobe a libido.

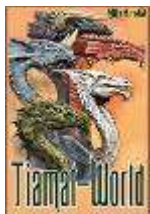
— Sinto muito. Não posso explicá-lo. Já disse a Gwyneth.

Sua avó soprou.

— Estou segura de que o compreendeu.

— De verdade?

— Claro que não. Se seu avô tivesse tentado algo assim, teria tido que levar chapéu para



ocultar os galos. Já foi suficiente para ela ter que admitir que pensava que um homem tinha pulado por cima de seu carro.

— Saltado. O homem saltou.

— É um Jaguar cupé, Harry. As pessoas não saltam por cima de um Jaguar cupé. Parecia tão fascinada com ele quanto você com a pequena Sorchia.

— Eu não...

— Isso é o que disse Gwyneth. Mas ruborizou terrivelmente ao dizê-lo. Quando Sorchia despertar, teremos que perguntar se veio com algum amigo.

— Veio de onde? — Perguntou ele — De Liverpool?

Sua avó simplesmente sorriu e deu um gole à sopa.

— Suponho que não se sabe nada desse médico sem valor.

— Só sei que tem outras prioridades antes de vir aqui por um resfriado.

— Não é um resfriado, Harry. Ao menos não se parece com os que eu vi. Mary está preocupada com ela.

— Então deveríamos levá-la ao hospital.

— Não — Disse sua avó — A matariam.

— Por favor, não ponha em jogo a vida dessa garota porque queira jogar às fadas.

Se tivesse podido, sua avó se teria posto em pé. Estava vermelha e brilhavam os olhos.

— Sei que é decepcionante para você que o imóvel se viu afetado. Sei que faria tudo antes de admitir que seus pais, ou, mas bem seu avô, poderiam ter tido razão. Negaria toda a lógica a que tem obstinado durante toda sua vida como se fossem palavras da Bíblia. E sei que é muito mais cômodo pensar que sua avó é uma excêntrica a que gosta dos contos de fadas. Mas acredito que está a ponto de se surpreender, Harry. E, se não puder abrir sua mente, acabará esmagado entre os muros de sua lógica — Ela não é...

— Não está fingindo. Viu a muitas dessas para distinguir a diferença. E meu instinto me diz que o cavalheiro loiro vestido como Robin Hood que voou sobre o carro de Gwyneth tampouco estava fingindo.

— OH, não — Disse uma voz da porta — Loiro?

Harry ficou em pé de um salto e viu a Sorchia na soleira da porta, com a Mary atrás.

— O que faz fora da cama? — Perguntou.

Deteve-se quando a viu entrar na sala. Parecia estar perfeitamente bem.

— Estou bem, obrigado — Disse olhando para trás — Graças à ajuda de Mary e às ervas de bean tigue. Eu... OH... Deus...

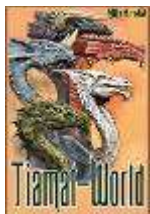
Harry olhou instintivamente para trás, mas a atenção de Sorchia estava posta nas paredes.

— OH, Meu Deus, parece-se com minha casa.

— Isso acredita? — Perguntou a avó.

Sorchia olhou à velha e sorriu enquanto as lágrimas escorregavam por suas bochechas.

— Claro que sim — Disse — É o salão pequeno, não é? As fadas pequenas residem aqui, onde não podem ser pisoteadas. Veem-nas? Aí acima, no teto, onde podem revoar e flertar entre



elas. As árvores são um pouco diferentes, e as montanhas. As nossas são mais suaves, mais gentis. Estas em troca são afiadas e de ombros largos.

Harry teve que fazer um esforço por não estrangulá-la.

— Para — Ordenou.

Ela não pareceu escutá-lo.

— OH, mãe, sinto tanta falta... Mas como o têm feito? Como sabiam?

— Meu avô o descreveu assim — Disse a avó — Meu marido o pintou.

As duas mulheres se olharam com alegria e Harry desejou quebrar algo com os punhos.

— Está segura de que se encontra bem? — Perguntou a avó — Mary.

Mary sorriu e se sentou em seu assento habitual.

— Quem dera eu tivesse ervas assim. Estava ao bordo da morte, juro-o. E de repente, zás. Levanta e me pede perdão pelas moléstias.

— Não quero ser um estorvo — Disse Sorchá.

— Você desse algo sobre o homem loiro? — Perguntou Harry.

Sorchá tomou seu tempo em responder. Parecia como se não pudesse deixar de olhar as copas das árvores pintadas. Harry desejava saber por que. Talvez assim soubesse por que ele tampouco podia.

— OH, sim — Disse finalmente — Os ouvi mencioná-lo.

— Conhece-o? — Perguntou a avó.

— De que cor era sua vestimenta? — Perguntou Sorchá — Sabem?

— Cinza — Respondeu Harry, até sabendo que não deveria — Cinza prateada, segundo Gwyneth.

— Então me seguiu. Isso é mau — Disse Sorchá.

— Quem?

— Sinto muito. Vocês não sabem. Darragh, filho de Bran. É o guardião das tempestades e é muito bonito. Tem uns olhos escuros e seu cabelo é da cor da luz da lua.

— Assim é quase como o descreveu Gwyneth — Disse Harry — Por que é mau?

— Porque ele também estará procurando a pedra. E não a querará para nada bom. Querará roubá-la. Foi banido por tentar ajudar a minha irmã Orla a ocupar o trono. A rainha o exilou. Deve pensar que assim poderá retornar. Ou encontrar um lugar com as Dubhlainn Sidhe.

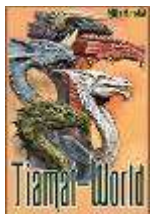
— Ama-o — Disse de repente a avó.

Sorchá sorriu e negou com a cabeça.

— Amei-o — Respondeu — Foi um assunto triste, pois ele era o consorte de minha irmã Nuala. Quando foi substituído pelo mortal com o que ela se casou, procurou outra maneira de conseguir poder. E ao fazê-lo, provocou meu próprio exílio aqui. E agora devo ser sua inimizada. Porque tenho que encontrar a pedra antes dele.

— Pedra? — Perguntou a avó — Que pedra?

— A pedra Dearann. Uma estranha pedra de claridade perfeita que guarda o poder feminino das fadas em seu interior.



- O diamante das fadas?
- Avó...
- Conhece-o também?
- Claro que sim, filha. Está no andar de cima.

Gwyneth estacionou o carro frente ao hotel York Minster, aonde ia se reunir com o sócio de uma companhia que estava interessado nela. Não estava de humor para reunir-se com ninguém. Ainda estava tentando superar o dia que tinha tido. Com dedos trêmulos, levantou a mão para mover o espelho retrovisor e poder olhar o cabelo. Em vez disso, viu uma face.

Mas não era a sua. Era a face de um homem que a olhava do assento de trás.

Deu um grito.

— OH, não, não faça isso — Sussurrou uma voz suave em seu ouvido. Uma voz formosa. Uma voz que lhe dava vontade de sorrir e de dançar.

— Como entrou no carro? — Perguntou enquanto tirava as chaves e se preparava para sair correndo. Necessitava algum tipo de arma. Talvez as chaves nos olhos. Tinha-o visto uma vez na televisão.

— Levo todo o momento aqui — Respondeu ele com um sorriso deslumbrante — Mas não deixei que me visse até agora.

Gwyneth deu a volta com tanta brutalidade que esteve segura de que se deslocou ao menos uma vértebra.

— É você! — Acusou-o — Você saltou por cima de meu carro!

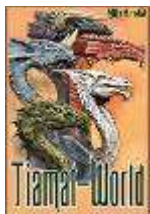
Deveria gritar e pedir ajuda, mas ao olhar sua face se deteve. Seus olhos eram profundos, cinza como nuvens de algodão. Sua face era tão delicada como uma escultura, pálida e aristocrática. E seu sorriso poderia fazer que qualquer garota sensata se derretesse sobre o assento de couro de seu Jaguar.

— Não houve nenhum salto — Disse ele — Eu estava fascinado por sua máquina e você quase me passa com ela por cima. Uma fada não tem mais remédio que voar em um momento assim — Estirou uma mão e afastou o cabelo da face com outro desses sorrisos cegadores — Mas agora penso que preferiria investigar a sua proprietária. O que outra coisa no reino dos mortais pode cheirar tão bem como você?

Com a ligeireza de um bailarino, incorporou-se do assento e tomou sua face entre as mãos. Gwyneth ficou olhando-o, gelada, e sentiu como certas partes de seu corpo começavam a vibrar. Dirigiu-lhe um sorriso, inclusive sabendo que devia sair correndo pela rua em busca da pouca prudência que ficava.

Mas estava apanhada.

Estava paralisada. Estava a ponto de deixar que um completo desconhecido a beijasse na metade de um estacionamento e nem sequer se importava.



Capítulo 05

Sorcha pensou que devia seguir doente. Não podia ter ouvido bem.

— O diamante das fadas está aqui? — Perguntou, só para assegurar-se — Aqui, nesta casa?

— Claro que sim — Respondeu Harry — Não veio por isso?

Sua viagem não podia acabar tão cedo.

Essa ideia era surpreendente. Deveria ter sentido alívio. Entretanto, o que sentiu foi decepção. Queria outro beijo de Harry. Queria falar com ele, fazê-lo entender o que se negava a entender. Queria vê-lo sorrir. Mas já não teria tempo.

— Enviaram-me aqui para encontrá-lo — Disse — Mas não sabia que... Posso vê-lo?

Uma das grandes pedras governantes ali, naquela prisão de incredulidade. A luz criadora das fadas, escondida durante tanto tempo que as Dubhlainn Sidhe tinham chegado a se desesperar.

Esfregou as mãos nas calças, tentando manter a calma. Harry e sua avó pareciam estar tendo uma briga não verbal, mas ainda não havia claro vencedor.

— Só é para lhe apresentar meus respeitos — Disse Sorcha e sentiu o peso da pedra falsa no quadril — Depois de tudo, se for o diamante, é ele quem nos dá a primavera e os brotos. É ele quem recolhe a colheita e faz que as éguas parem. Sem ele, a terra não chegaria ao verão.

— Não deixe que o vigário te ouça dizer isso — Disse Harry — Tem a estranha ideia de que Deus está ao cargo dessas coisas.

— Bom, claro que ele está ao cargo de tudo — Disse Sorcha — Mas inclusive ela necessita ajuda de vez em quando. E sua adorada pedra Dearann é de grande ajuda. Entendem?

— Não é mais que um pedaço de quartzo — Grunhiu Harry — Não há nada que entender.

— Não seja absurdo — Disse sua avó — É um legado de seu tataravô.

— As ações de uma companhia ferroviária teriam sido algo melhor.

A velha golpeou o chão com sua bengala.

— Compreendo sua frustração, Harry. Mas, dado que não o conheceu, não permitirei que despreze meu avô. Pode choramingar e se queixar tudo o que queira. Mary e eu vamos levar a garota a ver a pedra.

— Acabávamos de nos sentar para jantar.

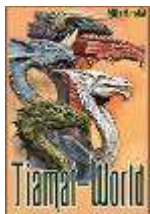
— Esperaremos.

Harry deixou seu guardanapo sobre a mesa e ficou em pé.

— Eu também vou — Disse — Depois de tudo, deveria vigiar a prata.

Agarrou a cadeira de rodas de sua avó e a girou para a porta enquanto Mary se levantava para segui-los. Sorcha se separou de seu caminho bem a tempo e depois os acompanhou pelo corredor.

E durante o caminho a esperavam mais surpresas. Como podia não ter visto de caminho a sala de jantar? Claro, tinha estado muito centrada em voltar a ver Harry para advertir o pequeno



paraíso que escondia aquela prisão.

Talvez retornasse a casa logo. Poderia caminhar entre suas próprias árvores, sentar-se na grama com os meninos, dançar no salão em uma noite de banquete. Poderia reencontrar-se com as fadas às que adorava. Mas tudo isso faria sozinha.

Estar sozinha não tinha importado muito antes. Sempre tinha acreditado em que acabaria encontrando a alguém, inclusive depois de ter chorado por Darragh durante muito tempo. Sempre tinha pensado que haveria alguém esperando para acabar com sua solidão.

Mas nunca teria podido antecipar o que significava realmente.

Nunca tinha pensado que os homens pudessem ser tão... Encantadores. Inclusive Darragh, com seus olhos escuros e seu formoso corpo de fada, jamais tinha despertado aquela sensação nela. Tinha-o visto como a um companheiro, um muso, alguém a quem reverenciar. Nunca tinha pensado nele como pensava em Harry Wyatt.

Deveria ter aprendido algo de sua irmã e de sua mãe, mas quem sabia que um homem tinha o poder de acender o sangue de uma mulher só com seu aroma? Ou que uma fada estivesse disposta a oferecer quase tudo em troca de um beijo mais? Quem teria sabido quão bem podia encaixar o corpo de uma mulher no de um homem?

Agora ela sabia. E era doloroso seguir à costas do homem ao que suspeitava que levaria em seu coração quando retornasse a sua terra.

— Mais devagar, Harry — Disse sua avó — A garota não pode correr ainda. Segue estando pálida.

— OH, não — Disse Sorchá com um sorriso — Estou bem — Mentiu, mas não podia dar a Harry uma desculpa para cancelar a visita ao andar de cima — As paredes...

— São bonitas, não é? — Perguntou a avó — Vê os cavalos? Nicholas dizia que eram cavalos das fadas, mas em realidade são nossos cavalos.

Sorchá viu o intenso desejo na face da velha senhora.

— Você já não cavalga.

Harry deteve em seco a cadeira e a avó levantou uma mão para que não falasse.

— Não, desde que tive o acidente faz vinte anos. Por quê?

Sorchá voltou a olhar os cavalos pintados nas paredes.

— Gostaria? Se encontro o cavalo apropriado, poderia fazê-lo.

— De que diabos está falando? — Perguntou Harry.

— Cavalgar? — Perguntou a avó — Viu minhas pernas?

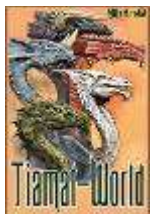
— Claro — Respondeu Sorchá — Mas acredito que aqui têm cavalos que poderiam consegui-lo. Se estivessem de acordo, claro. São muito orgulhosos...

— Como se atreve? — Perguntou Harry.

— Sério...

A avó voltou a deter Harry com uma mão.

— Falaremos disto mais tarde, filha — Disse com firmeza, mas Sorchá viu o brilho em seu olhar, de modo que sorriu e os seguiu.



Poucos segundos depois, Harry se deteve e empurrou a cadeira de sua avó através de uma porta. Sorch a seguiu sem dar-se conta de que acabava de entrar em uma pequena caixa. Então a porta se fechou.

— OH... — Não podia respirar. Estava apanhada em uma jaula de metal. Parecia como se Harry lhe roubasse todo o ar. De repente a caixa começou a mover-se.

— É um elevador, filha — Disse a anciã.

Finalmente, a porta se abriu em outro corredor diferente. Sorch pôs um pé sobre o tapete e respirou fundo. Esteve a ponto de ajoelhar-se ali mesmo para dar obrigado. Aquela caixa metálica era uma autêntica prisão. Tão estreita e sem ar. Por não falar do movimento. Não era um veículo no que uma fada pudesse encontrar-se cômoda. Aproximou-se um pouco mais de Harry, com a esperança de poder fortalecer-se com sua presença.

— Está bem? — Perguntou a avó.

— Sim — Respondeu Sorch tomando ar para tentar acalmar os batimentos de seu coração — Foi uma surpresa. Em minha casa não há coisas assim, de modo que Cathal não pôde construí-lo. A avó riu.

— Céus, não. Harry o instalou para mim. O avô construiu... Não. Mostrarei-lhe isso mais tarde.

— De verdade vivia neste lugar de pedra? — Perguntou Sorch — Não posso imaginar como um de meus pôde sobreviver aqui tanto tempo.

— E o que fazem os seus? Viver no ar? — Perguntou Harry.

Sua avó franziu o cenho.

— Ah, não — Disse Sorch com um sorriso — Aí é onde vivem os primos, não nós. Nós somos do Sligo. Conhece-o?

— Nunca estive ali.

— Harry não gosta da Irlanda — Acrescentou sua avó.

— Pois é uma pena — Disse Sorch — Porque ali o ar é doce e a chuva amável.

— Isso é o que eu lhe digo.

— Diz que ali me encontrarei com a família — Disse Harry com desdém — A família que se senta nas flores e toca harpa.

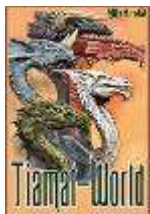
— E pode que assim seja — Disse a avó.

— Se isso fosse possível, não acredita que alguém o teria conseguido nos últimos sessenta anos? — Perguntou Harry.

— Talvez não procuraram nos lugares apropriados — Sugeriu Sorch.

E foi um tremendo engano. Harry lhe dirigiu um olhar de ódio. Havia tanto ressentimento nele. Tanta fúria e frustração. E mesmo assim, depois do fogo daquele olhar, havia atração.

De repente Sorch se viu invadida pelas imagens de sua cabeça. Harry estendido sobre ela, com seu torso nu e brilhante pelo suor, com o cabelo revoltado entre seus dedos. Podia cheirar a excitação nele, ouvir sua respiração entrecortada. Podia sentir seu olhar sobre a pele nua e era o mais maravilhoso que tinha experimentado jamais. Ficou gelada em metade do corredor, a tão



somente uns poucos metros de seu objetivo, pois não podia afastar o olhar da mão que Harry levantava em sua imaginação para tocá-la.

— Nunca chegaremos a este passo — Disse a avó.

As imagens desapareceram como borbulhas e Sorcha ficou com o coração acelerado e as mãos tremulas pelo que acabava de imaginar. Pelo visto Harry também tinha imaginado. Podia vê-lo em sua face, em suas pupilas dilatadas e em sua respiração acelerada. Estava tão excitado como ela.

— Para — Disse Harry.

— Parar o que? — Perguntou a avó.

— Nossa — Disse Sorcha levando uma mão ao peito — Agora entendo por que minha mãe e minha irmã são tão viciadas.

— A que?

— A nada — Respondeu ela e esteve a ponto de rir. Podia chamar-se de muitas formas. Mas jamais, nos mil anos de existência das fadas, poderia chamar-se “nada”. De fato, sua mãe e sua irmã Orla aproveitavam cada oportunidade para invadir a mente de um homem e compartilhar essas fantasias. Sorcha nunca antes havia sentido esse desejo, mas de repente era como se não pudesse deixar de fazê-lo.

Harry, entretanto, parecia alheio a isso. Empurrava a cadeira de sua avó pelo tapete como se tratasse de um suplício. Por um instante, Sorcha não pôde mais que observá-lo. Por um instante, esqueceu completamente o que estavam fazendo ali.

A pedra Dearann.

— Raios — Exclamou enquanto caminhavam.

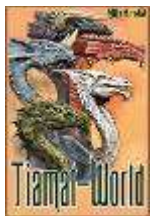
Isso foi quão único fez para acabar com sua energia. Era a casa a causadora de tudo e não gostava absolutamente. Caminhavam por um comprido corredor cheio de quadros e de estátuas, coisas mortas e frias que os olhavam como meninos enfeitiçados. Sorcha estremeceu sob seus olhares e desejou estar em outro lugar. Ansiava pôr os pés na grama, embora estivesse fria e molhada. Aquela casa simplesmente lhe tirava a força, inclusive as salas pintadas como seu próprio mundo. E aquele corredor estava mais acima, mais afastado da terra e de sua comodidade. Não era de estranhar que alguém se viu tentado de pintá-lo de cima abaixo. Como podia alguém sentir a magia da pedra Dearann através dessas paredes?

OH, a pedra. Como seria? As mãos começaram a suar com antecipação. Cantaria, ou simplesmente brilharia em seu interior? Só conhecia o poder da pedra Coilin e era um poder masculino, vermelho e forte que se alojava no peito de uma fada como se fosse fogo. Dearann tinha que ser mais tranquila. Gentil, como uma mulher. Como era a terra durante os primeiros dias da primavera, tão brilhante que feriria os olhos.

Como poderia ter sobrevivido ali, naquela jaula de rocha? Sorcha tratou de escutar a seu coração, mas não ouviu nada.

— Não deveria senti-la já? — Perguntou para si mesma levando uma mão ao peito.

Harry deu a volta, mas Sorcha não conseguiu entender sua expressão.



— Senti-la? — Perguntou a avó.

— Sim — Respondeu Sorchá — Eu sou a guardiã da pedra. Ela me fala, de modo que sei a quem pertence. Sou quem se encarrega de que estejam a salvo e em boas mãos.

A avó riu.

— Garota, o diamante das fadas nunca encaixaria na mão de ninguém.

— Ah, não — Admitiu Sorchá — Dearann está feita nada menos que para a coroa das Dubhlainn Sidhe.

— As Dubhlainn Sidhe? — Perguntou a avó.

— As fadas da Espada Escura — Respondeu ela — O equivalente masculino às Tua femininas.

— Dubhlainn — Murmurou a anciã — Dubhlainn.

— É familiar?

A avó simplesmente negou com a cabeça.

— Não sei. Meu avô poderia ter sido um deles.

— Poderia.

— Também poderia ter escapado de um circo — Murmurou Harry.

— Deve ser exaustivo levar dentro toda essa raiva — Disse Sorchá com um sorriso.

Harry a olhou fixamente, mas não disse nada. Não fazia falta. Sorchá viu a dor sob a raiva. O medo e a perda que não deveriam ter atravessado aqueles muros grossos.

Deu a volta quando a velha lhe acariciou a mão.

— Não faça caso de Harry. Tem razões para estar assim. Por muito que eu amasse a meu marido e a meu filho, esbanjaram o dinheiro e puseram nossa casa em perigo. Mas disso trata esta obsessão.

E Sorchá imaginava que Harry não poderia suportar perder aquele lugar. Aquele lugar que desprezava formava parte dele. Mas como podia ela sofrer tanto por um mortal? Era como se aquele medo se filtrasse por seu corpo. Medo de muitas coisas: do passado, do futuro e do presente. Como desejava poder lhe tirar aquela carga de cima.

— Aceita então minhas desculpas, Harry Wyatt? — Perguntou — Minhas palavras foram duras e normalmente não o são.

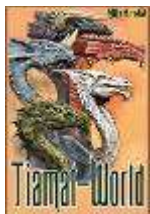
Harry voltou a girar-se para ela e Sorchá viu em seus olhos a vulnerabilidade que habitava em seu interior.

— Eu tampouco fui muito amável com você — Disse ele — Esqueçamo-lo.

A Sorchá não ficou mais remédio que assentir. Embora isso não aliviasse a pressão que sentia no peito.

— E bem, garota — Disse a avó — Me conte o que é isso de guardar a pedra. O que significa?

— Cada fada tem um lugar especial em nosso panteão, talentos que dar e desfrutar — Disse Sorchá — E o lugar de cada fada, seja homem ou mulher, reflete-se em sua vestimenta e em suas joias — Mostrou as mãos — As minhas, como pode ver, são opalas e espinel, e a cor de minha



roupa é o do céu ao amanhecer. Minha irmã Nuala, que teria sido rainha, levava ametistas e peridoto, e seu vestido era cinza esverdeado. A rainha leva sempre esmeraldas, pedra lunar e iolita para guiar a sua gente.

— Quais seriam minhas pedras? — Perguntou a avó.

Sorcha não pôde evitar sorrir.

— Bom, teria que levá-la junto às pedras para ver o que dizem. Mas, se não me engano, daria-lhe a força de um rubi e a elegância de uma pérola.

A anciã assentiu.

— Eu gosto. Certamente que sim. E quais seriam as de Harry?

— Nenhuma — Disse Harry — Eu não levo anéis.

— OH, não seja desmancha-prazeres, Harry. Deixa que me diga isso.

— Jade — Disse Sorcha — Ônix. E acredito que também a ágata. A cor da primavera, o ciclo da terra. Pois acredito que Harry tem raízes na terra.

— Como sabe? — Perguntou a avó.

— Bom, não é algo que possa explicar. Simplesmente, sinto muito. É meu talento, embora seja insignificante.

— E Mary? — Perguntou a avó.

— Bom, há pedras que não vemos muito nesta terra. Talvez a aguamarina pela água. E o coral pela beleza. A pedra lunar pela visão. Porque você tem tudo isso, Mary.

Mary não disse nada, embora a surpresa em seus olhos era evidente.

— Incrível — Disse a avó — Vejo exatamente ao que se refere. Estou desejando ver que pedras escolhe para minha neta Phyllida. Por não falar de seus filhos. São uns capetinhas.

— Como conseguiu este talento? — Perguntou Mary.

Sorcha negou com a cabeça.

— De onde provém um talento inato? Só sei que é uma tarefa necessária, e é uma honra levá-la a cabo. Além disso, dá-me a oportunidade de estar com as crianças. E isso para mim é um grande presente.

— É mestra?

— OH, sim. Ensino nossa história. Nossos costumes e nossas lições. E o talento específico de cada menino, para que possa respeitá-lo.

— É um trabalho importante — Disse a anciã.

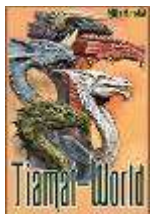
— São coisas pequenas em um panteão de majestosidade. Mas me parece bem. O que faria eu com um talento maior?

— Quer dizer que não deseja fama e fortuna? — Perguntou Harry — Um posto nas notícias da noite e um encontro com Oprah?

— Fama? — Perguntou Sorcha — Não. Isso é para os outros. Minha vida está feita para ser tranquila.

— E por isso apareceste aqui desta maneira?

— Harold... — Começou a dizer sua avó.



— Por que veio? — Perguntou Harry ao deter-se frente à última porta do corredor — Se realmente for uma fada, como quer que acreditemos, o que te trouxe aqui, depois de que minha família leva as buscando cem anos?

Durante um segundo Sorcha considerou o que devia dizer. Que parte deveria contar àquele homem que podia ser tão perigoso. “Pois verá, vim a roubar seu tesouro. A trair sua hospitalidade. Um dos maiores pecados que uma fada pode cometer”.

— Vim proteger a pedra — Disse finalmente — Como já lhes disse.

— protegê-la do que?

— De Darragh. Da destruição. Da perda.

— Então te alegrará vê-la — Disse a avó — Está bem neste quarto, se Harry se decidir a abrir.

Mas Harry não tinha terminado de olhá-la com ódio.

— Sabe que não é um diamante — Disse — Fizemos a examinar em inúmeras ocasiões. É um pedaço de quartzo. Não serve de nada roubá-lo.

Se tão somente soubesse...

— Eu seria a última que faria mal à pedra Dearann — Disse Sorcha — Agora, por favor, podemos vê-la?

— De acordo — Respondeu Harry depois de uma pausa — Está aqui dentro.

— É a sala de espera à suíte de meu marido — Disse a avó — A guardamos aqui até que as salas de visita estejam preparadas para ser expostas. Mas até agora, aqui é onde meu pai a guardava, e antes dele, meu avô. Em uma vitrine de cristal que capta a luz da tarde. Está...

Não estava.

Os três frearam em seco nada mais ao entrar no quarto, que tinha umas quantas cadeiras, dois abajures e uma mesa redonda de mogno colocada frente à janela, por onde a luz do sol incidiria na pedra e projetaria os raios por toda a sala. Mas a vitrine de cristal estava caída. Vazia. A pedra Dearann tinha desaparecido.

Capítulo 06

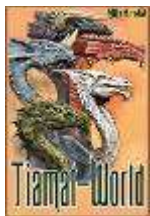
Durante vários segundos todos permaneceram em completo silêncio.

— OH, maldição — Murmurou Harry.

Sua avó levou uma mão tremula ao peito.

— Onde está, Harry? Onde está o diamante do avô?

Sem pensar, Sorcha passou junto a Harry e entrou na sala. Era uma sala quente, com tapetes verdes e dourados e poltronas antigas. O sol entrava pela janela, atravessava o chão o diagonal e incidia sobre a vitrine de cristal caída, um quadrado de cristal pouco pretensioso que parecia descansar sobre uma base de madeira feita com o mesmo carvalho negro que o trono da



baronesa.

De onde descansava habitualmente a vitrine, podiam ver-se as colinas e os vales dos arredores, que se voltariam verdes na primavera, de modo que a pedra poderia contemplar dali as maravilhas de sua criação. Um bom lugar para pô-la, mas uma prisão em todo caso.

Sorcha fechou os olhos e escutou durante uns segundos enquanto tentava acalmar-se.

Nada. A pedra tinha desaparecido. Era muito tarde.

Mesmo assim havia esperança. Tinha que havê-la.

— Não foi Darragh — Disse dirigindo-se à velha — Uma fada não roubou a pedra.

— Como sabe?

— Uma fada sempre pode sentir a presença de outra. Aqui não houve nenhuma.

— Estou seguro de que à polícia adorará saber isso — Disse Harry — Isso significa que só temos que nos preocupar com os humanos. E por quão humanos pensam que são fadas.

Sorcha começou a explorar a sala com os olhos meio fechados para que o mundo mortal não a confundisse, para poder sentir melhor o poder da pedra.

— OH, Harry — Disse a avó.

Sorcha se deteve e viu que a velha estava contemplando a vitrine vazia como se fosse o corpo sem vida de um ser querido. Parecia ainda mais consumida pela perda. E Harry, que segundos antes parecia a ponto de explodir, ajoelhou-se frente a ela.

— Avó, não — Disse com expressão séria enquanto lhe agarrava as mãos — O diamante está aqui, em alguma parte. Conseguimos não perdê-lo em cem anos, não vai ocorrer hoje. Nenhum estranho poderia ter chegado até aqui sem que nós soubéssemos.

E foi então quando Sorcha começou a apaixonar-se por Harry Wyatt. Ele não acreditava em nada daquilo. Odiava-o, tinha medo. E mesmo assim, quando sua avó pensava que o presente de seu avô tinha desaparecido, não duvidou em protegê-la.

— Obrigado, querido — Disse a velha — Chama o Sims. Pergunte se viu algo incomum.

— Mais incomum que a presença da senhorita Sorcha e do homem loiro que voou sobre o carro de Gwyneth? — Perguntou ele com um sorriso.

— Por favor — Insistiu sua avó com um sorriso e lágrimas nos olhos.

— Sorcha? — Perguntou Harry — Pode explicar isto?

— Eu estive com vocês — Perguntou ela — Nem sequer sabia que a tivessem aqui até que me disseram. Nem sequer sabia onde estava.

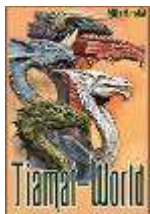
— Não admitiu que soubesse que estava aqui — Disse Harry — E o seu amigo? Parece muita casualidade que ficasse doente e tivéssemos que cuidar de você justo quando o diamante desaparece.

— Já disse — Disse ela — Darragh não há... Ah, entendo. Segue sem me acreditar, verdade? Pensa que sou uma mortal que procura fama e fortuna.

— Acredito que não posso ignorar nenhuma possibilidade.

— Não está mentindo, Harry — Disse sua avó — Confia em mim.

— Em você confio, avó. Nela não.



— Não o compreendo — Disse Sorchá sem pensar.

— O que, filha? — Perguntou a avó.

— Não sinto a presença de nenhuma fada aqui. Além de mim, claro. Mas tampouco sinto a pedra.

— Do que está falando? — Perguntou Harry.

Sorchá pensou em como explicar aos mortais.

— Cada pedra emite um sinal. Uma... Canção, por chamá-lo de algum jeito. Ao menos me passa. Eu posso sentir uma pedra das fadas sem abrir os olhos. E nesta sala não sinto nada.

— Porque foi roubada — Disse Harry, e Sorchá ouviu algo novo em sua voz.

Por um momento ficou olhando-o. Havia algo nele que de repente parecia estranho. Seguia com o cenho franzido, como antes, mas as palavras de Sorchá o tinham inquietado.

— Sabe, Harry? — Perguntou Sorchá — Sabe por que não sinto a pedra?

— Porque não há nada que sentir — Respondeu ele.

“E mesmo assim o busca de todos os modos”, pensou Sorchá, e desejou que houvesse alguém como Harry para ela. Alguém que protegesse às pessoas que amava sem pensar em suas próprias necessidades.

— Embora a tivessem roubado, teria deixado para trás de si um rastro de sua essência — Insistiu ela — E mesmo assim não sinto nada.

— É ridículo. Quando foi a última vez que a viu, avó?

— Anteontem, acredito — Respondeu a anciã — A pequena Lilly queria vê-la. Já sabe como é.

— Então poderia ter sido tirada em qualquer momento depois.

A avó pareceu encolher-se ainda mais e Sorchá, sem poder evitá-lo, ajoelhou-se junto a Harry.

— No que posso ajudar? — Perguntou.

— Querida menina — Disse a velha acariciando a mão — Poderia ir com o Harry procurá-la?

— Certamente que não — Respondeu Harry ficando em pé.

— Duas cabeças são melhor que uma — Insistiu sua avó — Por favor. Eu não posso fazê-lo. Esta velha casa é muito grande. Mas vocês dois podem explorá-la sem problemas. Poderiam dividir as habitações.

Harry soprou.

— Não penso deixá-la sozinha.

— De acordo — Disse a avó — Então façam juntos. Talvez queiram ir primeiro aos jardins. Parece que vai voltar a chover.

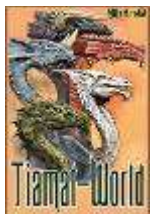
— Avó...

— Sorchá diz que pode senti-la — Disse a anciã — Pode você?

— Sentir o que? — Perguntou Harry.

— Pode sentir a canção?

— Claro que não!



— Então leva a garota contigo. Ela sim a sente.

— Não seja...

Evidentemente, a velha não estava tão consumida como para não aplacar a seu neto com um olhar severo.

— E o que passa com o pessoal? — Perguntou Harry — Temos muitos empregados novos.

— Que Sims se ocupe deles — Respondeu sua avó — Todos lhe têm medo. Saberá como fazer-se cargo. Apostaria a que foi um desses fanáticos dos filmes que levam seis meses me pisoteando as roseiras.

— Seguro que tem razão.

— Não é momento para recriminações. Por favor, encontra o diamante.

— Não se preocupe — Disse Sorchia lhe acariciando a mão — Com certeza que seu neto encontra a pedra.

Rezava para que assim fosse. Sobre tudo dado que, pela primeira vez em sua vida, parecia ter perdido a habilidade para sentir uma das pedras mais poderosas da existência. Essa era outra das razões para querer escapar daquela jaula de pedra.

— E, quando a sentir... — Disse a avó.

— Claro — Disse Sorchia — Posso seguir seu rastro como um cão de caça. Acredito que talvez a enfermidade tenha interferido com minhas habilidades, nada mais. Quando estiver de tudo recuperada, poderei senti-la de novo.

— Bem. Então podemos começar.

— Não podemos — Disse Harry — Nenhum de nós jantou e eu não penso me pôr a dar voltas pelos jardins sem ter ideia do que estou fazendo. Por isso sabemos, Phyl poderia ter sentido a tremenda necessidade de levar o diamante a York com ela.

— Ambos sabemos que não é assim, Harry. Ao menos chama à polícia.

Harry abriu a boca e voltou a fechá-la. Mas Sorchia quase pôde ouvir as palavras que tinha na cabeça. “E fazer o que? Dizer que nós perdemos um pedaço de quartzo sem valor monetário algum?”.

Pobre homem. Quem dera pudesse convencê-lo de que estava equivocado.

— Faremos uma coisa, avó — Disse ele — Se for com a Mary terminar o jantar, começarei a procurar.

— Mas ande depressa — Disse a anciã.

— Seremos rápidos. Agora vai com a Mary.

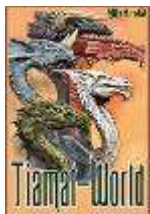
A avó assentiu e olhou por última vez para a vitrine vazia. Depois permitiu a Mary tira-la do quarto.

Quando ficaram sozinhos, Harry se voltou para a Sorchia.

— E bem?

— E bem o que? — Perguntou ela.

— Escuta, seria muito mais fácil se me devolvesse a pedra. Não estou de humor para percorrer todas as habitações e os doze acres do terreno procurando um pedaço de pedra e



descobrir depois que seu amiguinho loiro a veio por ele. Diga-me isso e poderemos descer e desfrutar da perdiz assada que há para jantar.

— Acredito que está perdendo o tempo, Harry — Disse Sorchá — Já disse. Darragh não é meu amigo e eu não tenho nada que ver com o desaparecimento da pedra. Mas estarei encantada de te ajudar a procurar.

— Enquanto seu amigo se afasta cada vez mais? Sorchá se negou a responder e simplesmente se levou as mãos aos quadris.

Finalmente, Harry pareceu ceder.

— Está segura de que não está aqui? Sorchá franziu o cenho.

— Está você seguro de que tem a pedra real?

— Agora mesmo não tenho nada — Respondeu ele, e a empurrou bruscamente para a porta — Vamos. Temos que pedir ajuda ao pessoal. Depois você e eu passaremos um pouco de tempo nos jardins.

— Está procurando problemas — Disse Mary enquanto acoplava à baronesa frente à mesa de mogno do comilão.

Beatrice nem sequer se incomodou em sorrir enquanto agarrava sua colher para continuar comendo a sopa.

— Ela pode ajudá-lo a encontrar a pedra.

Mary se sentou, mas não começou a comer.

— Não é isso o que quer, e sabe. Esse menino está comprometido, B. Ou acaso não viu a essa agradável garota que leva aqui mais ou menos um ano?

— Gwyneth é uma garota agradável — Respondeu Beatrice — Mas não é a garota agradável para Harry. Acredita que quer algo normal. Mas não é assim, Mary. Não está feito para algo normal. Isso acabaria com ele.

— Essa decisão não pode tomá-la você.

— Prefere ver como se fazem infelizes o um ao outro? Pode que Gwyneth seja uma estirada, mas não merece ser infeliz, igual a Harry tampouco o merece.

— Acabariam pintando sobre seus murais. Isso é o que fariam.

— E acabariam com a alma de Harry no processo. Ele não é como eles, Mary. Não está feito para a cidade. Tem tal paixão na alma que anseia ser livre. Acredito que esta garota poderia consegui-lo e vou lhe dar uma oportunidade.

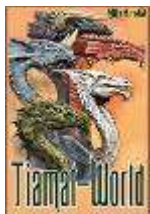
— E então o que? Ficará aqui fazendo visitas para os fãs do filme até que tenha que vender a casa por baixo de seu preço para poder pagar a hipoteca?

Beatrice deixou a colher no prato.

— Não sei. A verdade é que não sei. Mas não posso ver como vai murchando-se por medo do desconhecido. E isso é o que ocorrerá se o deixo casar-se com Gwyneth.

— Não terá perdido essa pedra a propósito, não é? — Perguntou Mary.

— Essa, amiga minha, é uma acusação que não toleraria de qualquer outra pessoa. Sabe o



que sinto pelo diamante das fadas.

— Então realmente acredita que essa garota é uma fada? — Perguntou Mary.

— Santo céu, não — Exclamou Beatrice rindo — Não mais que Harry. Mas sim tem alma de fada.

— Ou um transtorno da personalidade.

— Não pode acreditar isso tampouco, Mary.

Mas Mary simplesmente guardou silêncio.

A senhora Thompson tentou emprestar seu casaco a Sorch, mas fracassou. A cozinheira esteve a ponto de acabar no chão da risada. O casaco não só ficava comprido, mas também incrivelmente largo. Sorch se sentia como uma menina pequena brincando de disfarçar-se com a roupa de seu pai. Com um bufo de impaciência, Harry tirou sua jaqueta e a pôs nela.

Imediatamente Sorch se viu envolta por seu aroma. Era doloroso, pois cheirava a seu lar, como o vento das fadas, que acariciava seus ombros com gentileza.

Mesmo assim não havia nada gentil em Harry Wyatt, salvo o modo em que tratava a sua avó. Além disso, era frio e duro. E, entretanto o desejava, desejava sentir sua pele e seus beijos.

Como podia ser isso possível? Acabaria perdida. Darragh, apesar de que já não o amasse, tinha um coração gentil, ou isso tinha pensado ela. E era o que lhe tinha atraído dele. Harry tinha o coração de um leão e isso lhe dava medo.

E mesmo assim também o desejava.

— Muito bem, Phyl. Obrigado — Disse Harry, falando com uma dessas pequenas caixas que todo mundo parecia levar no bolso — Te verei amanhã.

Sorch nem sequer se incomodou em girar-se de onde estava, esquentando as mãos junto ao fogo

— Ela não tem a pedra — Disse — Não se aproximou da sala do diamante em mais de um mês.

— Vive com vocês aqui?

— Na casa do jardim. Vê-se da parte de atrás. Phyl é minha prima. Seu marido, Edward, e ela, levam o imóvel quando eu estou na cidade.

— Ganhando suficiente dinheiro para mantê-la — Disse Sorch assentindo com a cabeça.

Harry a olhou durante uns segundos. Depois colocou outro casaco e se dirigiu para a porta.

— Vamos. Estamos perdendo o tempo.

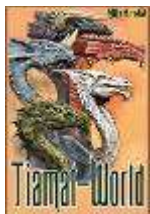
Mas foram interceptados pelo Sims, que entrou pela porta da cozinha.

— Senhor — Disse o mordomo com voz angustiada — Já revistamos os aposentos do serviço. Não se encontrou o diamante. Vamos começar com as salas de baixo. Já se informou à polícia e chegarão em meia hora.

— De verdade chamou à polícia? — Perguntou Harry.

O mordomo pareceu surpreso.

— É o diamante das fadas, senhor. Claro que chamei à polícia.



— E vão vir.

De novo, o mordomo pareceu confuso.

— É o diamante das fadas.

E parecia completamente sincero, o que fez que Sorchá se sentisse pior. A pedra Dearann era muito importante para aquela gente: uma parte de sua história, sua cultura e sua tradição. E ela tinha ido ali arrebatá-la.

Mas talvez sua mãe tivesse razão depois de tudo. Talvez a réplica que levava no bolso pudesse ser uma boa substituição. Afinal, ninguém parecia ouvir a música da pedra autêntica. Possivelmente ninguém advertisse sua ausência.

— E os empregados temporários? — Perguntou Harry — E os construtores?

— Estamos obtendo a informação agora, senhor — Disse Sims — Mas conhecemos todo mundo. São todos de Hartley. Asseguramo-nos disso depois de todo o assunto do filme.

— Obrigado, Sims. Sei que não preciso te recordar que mantenha isto com a maior discrição possível.

— Certamente, senhor. Acredito que falo por todos ao dizer que quão último necessita a vizinhança são mais câmaras de televisão.

— De acordo — Concordou Harry e agarrou a Sorchá pelo cotovelo — Suponho que já alertou os moços para que inspecionem os estábulos. Nós começaremos com os jardins. Obrigado, Sims.

Sem dizer outra palavra, puxou Sorchá para a porta. Ela deu um passo atrás dele e se estremeceu. Tinham-lhe encerrado os pés dentro de uns horríveis sapatos, de modo que não só lhe doíam, mas também estavam aprisionados e separados da energia da mãe terra.

Harry abriu a porta e uma rajada de vento frio golpeou Sorchá na face. Meteu as mãos nos bolsos do casaco e saiu ao jardim traseiro.

Não se tinha dado conta ao chegar, pois tinha muito frio. Mas agora se tomou uns segundos para olhar a seu redor e viu que estavam cruzando um pequeno pátio que se abria passo através do que parecia ser o jardim da cozinha. As plantas estavam adormecidas, mas a terra estava colocada em filas ordenadas, rodeadas por um forte muro de tijolo.

— Me faça saber se sentir algo — Disse Harry enquanto caminhava velozmente pelo caminho que rodeava o jardim da cozinha.

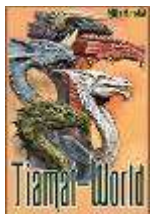
— É um lugar precioso — Disse Sorchá — Sua família o cuidou bem.

— Não, não o tem feito. Passei os últimos doze anos restaurando-o. Eles só queriam convertê-lo em um país de fadas. O qual sem dúvida saberá, pois terá visto o filme.

— Me conte a história — Disse ela, e saiu do caminho de cascalho para poder tocar a terra — Imagina que não o vi.

— Refere aos primos que encontraram uma colônia de fadas em seu imóvel? E como conseguiram agarrar um homem fada e apanhá-lo para que não pudesse retornar? E claro, depois ele se apaixonou pela prima, que resultou ser rica e baronesa.

— E trouxe o diamante das fadas consigo.



— OH, sim. Não devemos esquecer essa parte. O maravilhoso e mágico diamante das fadas que, segundo gerações inteiras de Wyatt e Waverly, falava diretamente com eles.

— Mas você não o acredita.

— Claro que não.

— Parece muito seguro.

— Estou — Respondeu Harry sem deixar de caminhar.

Sorcha o seguiu, sem incomodar-se em alcançá-lo. Harry caminhava pela grama como um soldado, o qual não serviria na hora de escutar sons das fadas. Sorcha, em troca, circulava devagar como o rio. Deslizou a mão brandamente pela parede de tijolo e jogou a cabeça para trás para poder ver as nuvens entre as árvores.

Cada passo que dava a afastava mais da dicotomia daquela grande casa de pedra. Claustrofóbica e maravilhosa ao mesmo tempo, pois tinha toda essa pedra entre sua mãe e ela e mesmo assim suas paredes estavam vivas com a lembrança da terra das fadas.

Não acreditava que pudesse sobreviver ali muito tempo. A dor da diferença seria muito forte, uma grande sensação de perda. Pensava que poderia acabar tão amargurada e infeliz como Harry.

Acabava de chegar aos prados quando o sentiu pela primeira vez. O coração deu um tombo. Não cabia dúvida. Darragh tinha estado ali.

— Houve uma fada perto! — Gritou a Harry — Mas não pude senti-lo até não estar bem longe da casa. Assim não acredito que tenha estado dentro.

— Pode sentir sua essência? — Perguntou Harry.

— Posso. Mas acredito que melhor deveríamos procurar a pedra. Não acredito que ele a tenha.

Harry deu de ombros e seguiu caminhando. Sorcha o seguiu, sem deixar de olhar sob os arbustos que ele saltava, seguro como estava de que aquela era uma missão absurda.

— Não está aqui fora, Harry — Disse ela — Lhe prometo isso.

— Tentaremos em outro local — Disse ele — É uma das favoritas dos caçadores de fadas.

Girou para o oeste, para onde os prados se estendiam uns trezentos metros até chegar a outro local ajardinado, outro muro de tijolo protegido por árvores. Sorcha o seguiu coxeando devido à dor nos pés. Inclusive a pesar do frio, desejava poder ir descalça.

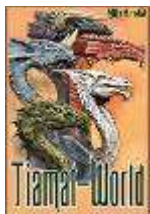
Estava tão concentrada em seus pés e no fato de que sua percepção da outra fada estava trocando, que ao princípio não viu o que havia do outro lado da parede de tijolos.

— A sensação que tenho de Darragh é mais escura do que recordava — Murmurou enquanto cruzava a porta na parede — Há tanta... Ira...

— OH, excelente — Respondeu Harry — Isso é justo o que queria. Uma fada com raiva.

— Harry — Protestou ela. Queria que soubesse que aquilo não era um jogo, se o que sentia era certo. Mas não terminou a frase. Tinha aberto os olhos e a cena que tinha diante a tinha deixado sem fôlego.

Levou a mão ao peito e sentiu as lágrimas amontoando-se em sua garganta.



— Ele fez isto — Disse ela — não é?

Harry não se incomodou em responder. Estava agachado procurando a pedra. Sorchá deixou de vê-lo, pois acabava de entrar em um bosque sagrado. Um jardim cuidadosamente construído em torno de um formoso vestíbulo de madeira.

A paisagem ali era muito mais delicada que nos isolados de fora. Formava um pequeno claro rodeado pelas árvores, por onde circulava o rio. E ali, onde o frio vento do norte não podia chegar, onde a água do rio proporcionava uma música celestial, o antepassado de Harry tinha plantado as árvores.

— Encontrou as nove árvores sagradas — Disse Sorchá enquanto entrava em terra sagrada.

Sabia que Harry estava olhando-a, mas não se importava. Estirou os braços e abriu as mãos com as palmas para cima.

— O salgueiro dos arroios, a aveleira das rochas, o aliso dos pântanos, o espinheiro do campo, o abedul das cascatas, o serbal das sombras, o disco da resistência, o olmo da ladeira, o carvalho do sol. Estão todos aqui para honrar à deusa, para refletir os talentos da pedra Dearann.

Tinha-os plantado formando uma espiral, o padrão da vida, e tinha colocado o pequeno vestíbulo no centro, como um templo privado em metade de um bosque vivente, o bosque das fadas.

— Aqui é onde viveu a pedra Dearann a princípio, não é? — Perguntou enquanto deixava cair as mãos.

— O qual saberia se tivesse visto o filme — Respondeu ele.

Sorchá não respondeu. Estava muito ocupada tirando os sapatos.

— Ei, não faça isso — Protestou Harry — Faz muito frio.

— Aqui não — Disse ela e pela primeira vez desde que chegasse a aquele mundo estranho, riu com todo seu coração.

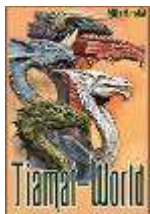
Ao dar o primeiro passo, Sorchá sentiu como a vida fluía sob seus pés. Sentiu à mãe terra e a essência da primavera. Abriu os braços de novo e correu até meter-se na espiral de árvores, onde começou a dar voltas sem parar.

— Para! — Gritou Harry — Que acredita que está fazendo?

Mas Sorchá não o escutava. Estava dançando sob a influência da terra e da lembrança da pedra Dearann, que em uma ocasião tinha residido ali. Dava voltas e saltava sem parar de rir enquanto as lágrimas escorregavam pelas bochechas e seu coração ficava livre.

— OH, doce disco — Cantava em sua língua materna — Que vela pelos anciões e nos protege nas horas mais duras do inverno. OH, doce disco dos anciões, me cante a mim também...

Finalmente, deteve-se frente à porta do pequeno vestíbulo. Com dedos trêmulos tirou o fecho da porta que dava acesso ao edifício, construído com árvores vivas, onde os pássaros aninhavam e a luz do sol brilhava. Entrou e encontrou a si mesma sobre um chão feito de cristal, com paredes pintadas com símbolos de vida. Havia cadeiras e uma singela mesa em um canto, uma cama em outra e uma lareira feita de pedra que encaixava perfeitamente entre os troncos das árvores.



— Realmente estive aqui — Sussurrou, aflita por aquela sensação de familiaridade — Trouxe seu lar consigo.

— Do que está falando? — Perguntou Harry.

Sorcha deu a volta e o olhou com lágrimas nos olhos.

— OH, Harry, não o sente? Trouxe o sagrado a este lugar hostil e encontrou a maneira de sobreviver. Devia amar muito a sua antepassada.

Ficou ali de pé, com os pés descalços sobre o chão de cristal, com o coração protegido do inverno e, com a alma aliviada, viu que Harry o compreendia.

Sabia.

— Você também o sentiu, não é? — Perguntou aproximando-se a ele.

— Não seja ridícula.

— O que te dá tanto medo, Harry? Este é um lugar sagrado e você se deu conta.

— Isto é uma loucura. Nada mais.

— Amava-a muitíssimo — Repetiu ela com um sorriso — E ela amava tanto a ele para vir aqui a engendrar seus filhos, onde a pedra Dearann pudesse benzê-los.

— Não seja...

Sorcha não pôde evitá-lo e levantou uma mão para sua cara.

— Tão errado é acreditar? — Perguntou — Acreditar que um homem e uma mulher pudessem amar-se tanto?

Parecia aflito e seus olhos verdes estavam escuros como o mar depois da tempestade. Sua face estava rígida e parecia tão tenso que Sorcha se perguntou por que não se derrubaria sem mais.

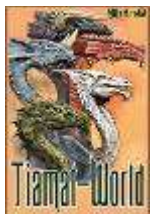
“Eu poderia te amar assim”, pensou ela, mas não o disse. Em vez disso, ficou nas pontas dos pés e lhe deu um beijo nos lábios.

Em um segundo Harry a tinha abraçado e estava lhe devolvendo o beijo. Pouco depois ela o tinha rodeado já com os braços e deslizava as mãos por seu cabelo enquanto suas línguas dançavam um baile sensual. Harry subiu as mãos por debaixo da jaqueta e do pulôver que lhe tinham dado e acariciou sua pele. Subiu uma perna entre as suas e Sorcha se apoiou nele, roçando-se como uma gata.

Sentia-se consumida por ele, pela necessidade que tinha. Estava quente, ansiosa, e começou a explorá-lo sob a roupa até encontrar suas costas, seu ventre plano, seu peitoral esculpido e coberto de pelo. Aquelas texturas mortais eram muito diferentes das texturas das fadas. Podia ouvir suas respirações entrecortadas, o toque de seus corpos. Podia cheirar o perfume do desejo, que provocava impaciência. Sentia como o calor aumentava em seu corpo e a mudança de posição quando Harry a tombou sobre a cama.

“Sim”, pensou enquanto emitia uma suave gargalhada. “Sim, Harry, agora. Me tome aqui, neste lugar sagrado, onde poderemos fazer magia”.

Foi como se a tivesse ouvido. De repente Harry se separou da cama e Sorcha ficou olhando-o com a boca aberta. Ela tinha a roupa meio tirada, e a de Harry parecia como se acabasse de estar



caindo. Sentia os lábios inchados e os seios palpitantes sob o pulôver.

— Harry? — Disse, temendo que sua voz soasse patética.

Ele a olhou como se tivesse cometido um crime.

— Estou comprometido — Disse, ainda visivelmente excitado.

— OH, Harry...

Cinco minutos depois, ambos saíram do bosque e Sorcha teve que voltar a colocar os sapatos.

— Estou comprometida — Protestou ela contra seu torso.

Darragh deslizou as mãos por sua pele e sorriu.

— Talvez queira repensá-lo.

Gwyneth levantou a cabeça e Darragh se sentiu encantado ao ver a excitação em seu olhar.

— Nunca havia feito isso. Jamais.

— Acredita que eu sim? — Perguntou enquanto lhe acariciava os lábios com o dedo — Nunca tinha conhecido a alguém como você. Pensando-o bem, nunca tinha estado em um lugar assim.

— Nunca tinha estado em um hotel? — Perguntou ela.

— Onde ia uma fada encontrar um hotel? Podemos descansar em qualquer ramo.

Um edifício feito de cômodos, conforme dizia Gwyneth. Certo, as camas das fadas não eram tão suaves. Inclusive com as janelas fechadas, sem poder ver a mãe terra, Darragh pensava que poderia ficar ali para sempre sem necessitar mais. Salvo a sua Gwyneth. Quem haveria dito que acabaria necessitando de uma mortal?

— Não tem que jogar a isso comigo — Disse Gwyneth rindo.

— Jogar?

— Claro. Sabe muito bem que as fadas não existem. É um mito que os Wyatt inventaram para sentir-se importantes.

Darragh se afastou assombrado. Não pôde evitá-lo. Riu.

— Se surpreenderá quando tiver que admitir a verdade.

— Que verdade? — Perguntou ela.

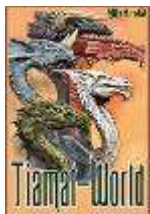
— Que sabe perfeitamente que sim existem. Acaba de fazer amor com uma. E acredito que quer fazê-lo de novo.

Gwyneth suspirou e negou com a cabeça.

— De verdade — Disse e o olhou com aquela ânsia que as fadas simplesmente não possuíam — Eu não sou assim.

— Pois deveria sê-lo — Respondeu ele.

Voltou a beijá-la até que umas imagens estranhas apareceram em suas cabeças. Imagens nas que ele a possuía contra a parede de um vestíbulo de madeira. Onde ela se arqueava contra seu corpo, jogava a cabeça para trás e seu cabelo se enredava entre as folhas enquanto gritava de prazer. Imagens quentes e escuras que fizeram que Gwyneth se umedecesse e se abrisse a ele.



— Estou comprometida — Disse, mas já não parecia se importar.

Capítulo 07

Harry despertou para ouvir meninos sob sua janela. Tinha sido uma noite longa e infrutífera em que todos tinham estado procurando o maldito diamante pelos terrenos. Mas não tinham tido melhor sorte que ele nos jardins. De fato, quão único Harry tinha conseguido era uma tremenda dor de cabeça e uma ereção ainda maior.

Havia tornado a ter esse sonho, uma e outra vez, até que tinha tentado manter-se acordado o resto da noite para evitá-lo. Mas não foi a violência do sonho o que tinha assustado, embora, cada vez que o tinha, piorava. Naquela ocasião, a mulher a que atava, a mulher a que penetrava uma e outra vez até cair exausto sobre seu torso, era Sorchia.

Não podia tirar a imagem da cabeça. Seus seios firmes e nus sob seus dedos. Seu cabelo loiro, revoltado e empapado em suor. Seus lábios vermelhos e úmidos.

E sua própria satisfação diante os resultados.

Perguntou se sua avó teria comprimidos para dormir. Se continuasse assim, pensava tomar alguns na noite seguinte. Não podia suportá-lo mais.

E agora tinha que levantar-se e seguir procurando o maldito diamante, ou enfrentar a sua avó com seu fracasso. Harry estava muito familiarizado com o fracasso. Mas isso não significava que fosse mais agradável.

Ao menos Phyl havia retornado. Necessitava seu senso comum. Seria bom uma barreira entre Sorchia e ele.

Imediatamente se recordou das imagens da noite anterior no claro das fadas. Não se importaria em dizer a Sorchia que era ele quem mantinha aquele lugar em bom estado e que às vezes era o único lugar em que podia dormir, sobretudo ultimamente. Ela não o veria como uma maneira de escapar às pressões da casa. Não. Pensaria que significava algo.

Depois de tomar uma ducha, vestiu-se e desceu para tomar o café da manhã para que Sims o informasse de seu progresso. Por sorte, Phyl já estava ali.

— Por que sempre perco a diversão? — Perguntou ela ao vê-lo.

Embelezada com umas calças de montar e um pulôver gasto, Phyl era tudo o que sua avó não era. Alta, esbelta, atlética, seu corpo encaixava à perfeição com a voz exigente de sua avó. A voz de Phyl, em troca, era um sussurro que parecia que só os cavalos e seus filhos podiam ouvir.

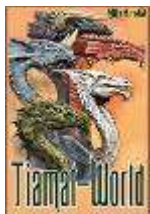
Agachou-se para dar um beijo na bochecha e uma palmada no traseiro.

— O que vou fazer se as fadas me preferem?

— É uma garota peculiar.

— Então já a conheceu?

— Entrei e a vi dando voltas no salão principal cantando algo em gaélico — Respondeu sua



prima — Quando perguntei que fazia, disse-me que estava saudando sua gente. Parece que nossos murais são familiares. Algo sobre seu mundo, mas não seu lar. Seja o que seja que significa isso. B e Theo a estão apresentando aos cavalos.

— Genial — Grunhiu Harry — Eu gostaria de ter evitado isso.

— Acredita que é uma ladra de cavalos?

— Acredito que convencerá a seus filhos de que é uma fada e então eles quererão ficar com ela como se fosse um mascote.

— É um mascote, Harry. Estou desejando que Lilly a conheça. Adotá-la-á.

— Lilly adota a todos.

Nesse momento, uma voz aguda ressoou pelas escadas.

— Harryyy!

Harry deu a volta e viu a babá de Phyl descer os degraus com uma menina de quatro anos nos braços. Seu coração se abrandou como cada vez que via sua sobrinha.

— Olá, porquinha! — Gritou enquanto se aproximava delas — Onde esteve?

— Harry, Harry, Harry! — Gritou a menina.

Harry tomou nos braços e afundou a cara em seu pescoço.

— Lilly, Lilly, Lilly — Respondeu, imitando-a, para fazê-la rir.

A menina lhe puxou o cabelo para que a olhasse e depois deu um beijo na bochecha.

— Olá, Harry.

— Olá, Lilly.

— O que aconteceu ao diamante, Harry? — Perguntou Phyl enquanto caminhavam para a cozinha — Teve sorte?

— A única sorte que tivemos até agora é que a imprensa ainda não descobriu. Seria difícil abrir a casa ao público sem a maior atração, não acredita?

— E se não o encontrar?

— Encontrarei uma maneira de duplicá-la. Ninguém notará a diferença.

— Até que uma fada de verdade apareça e nos chame farsantes.

Harry soprou.

— Eu adoraria vê-los. “Senhor, este pedaço de quartzo não canta”.

Acabavam de chegar à cozinha quando a porta de fora se abriu e entraram duas pessoas loiras seguidas de Sorch.

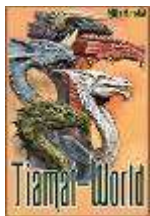
— Outra vez vai descalça — Advertiu Harry

— É que não aguento essas coisas, Harry — Respondeu ela.

Embelezada com mais roupa de Phyl, tinha pior aspecto que no dia anterior. Seu cabelo estava solto e murcho e, além disso, tinha olheiras. E sua pele...

Mas aquilo não era algo que ele devesse ver nem comentar.

— Deveria tê-la visto cavalgar sem cadeira de montar! — Exclamou Theo enquanto agarrava uma maçã da bancada — Subiu em cima de Moonsilver e esteve dando voltas como se fosse uma acrobata de circo.



Harry gemeu. Estupendo. Já tinha metido no bolso a seu sobrinho de nove anos. E sem dúvida também a B, de cinco anos.

— Esteve fantástica, tio Harry! — Exclamou a menina.

— Isso é fabuloso, B. Não terão preso Tommie ao mastro, né, piratas?

— Foi ao povoado fazer compra — Disse Theo.

— Olá! — Gritou Lilly e se encarapitou para a Sorchia — Olá, olá!

— Que grande honra — Disse Sorchia aproximando-se à menina — Quer saudar esta alma humilde?

Harry se sentiu furioso.

— Nem se atreva — Disse a Sorchia — Lilly não vai entrar em seu jogo.

— OH, acredita que quero insultar a sua família, não é, Harry? — Disse enquanto oferecia seus braços a Lilly.

Lilly, é obvio, entrou totalmente neles.

— Lilly tem...

— Síndrome de Down — Concluiu Sorchia enquanto abraçava à menina — Sei. Acredita que faria mal a uma menina que é tão apreciada para o povo das fadas?

— Apreciada? — Perguntou Phyl.

— Claro — Respondeu Sorchia — O que adora as fadas mais que a pura alegria? E onde encontrar outro mortal que nunca perde essa alegria? Estas crianças são as únicas nunca crescerão muito para não acreditar em nós. E são bem recebidos no país das fadas.

Harry abriu a boca, mas por alguma razão sentia um nó na garganta. A seu lado, Phyl tinha os olhos cheios de lágrimas. Quanto a Lilly, tinha-lhe posto as mãos na face de Sorchia e estava lhe dando beijos no nariz.

— Olá, fada! — Gritou.

O coração de Harry esteve a ponto de deixar de pulsar por completo.

— Olá, preciosa — Disse Sorchia — Como se chama?

— Lilly! — Respondeu a menina, embora ninguém salvo a família podia interpretá-lo, pois a menina ainda tinha problemas com a L.

Ninguém salvo Sorchia, claro.

— Lilly — Repetiu ela — É brilhante, não é? Lírio. Uma flor preciosa em um formoso jardim. É uma flor, minha Lilly?

— Flor! — Exclamou Lilly — Mamãe, sou uma flor!

— Claro que sim, meu amor — Disse Phyl — Sempre lhe disse isso.

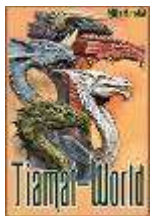
Lilly pensou nisso.

— Harry diz que sou... Uma porquinha.

— Uma porquinha preciosa — Disse Harry — E que cheira muito bem.

Lilly gargalhou alegremente. E seguiu acariciando a face de Sorchia como se houvesse feito um grande descobrimento. Harry não podia suportá-lo.

— Desta vez apanhou a uma autêntica jóia, Harry — Disse Phyl em voz baixa.



— Não apanhei nada — Grunhiu ele — Ela veio para mim. Tem alguma ideia? — Perguntou enquanto colocava uma frigideira no fogo.

— Nenhuma — Respondeu sua prima enquanto procurava os ovos no geladeira — Suponho que não teve tempo de se ocupar do resto de assuntos do imóvel desde que chegou, verdade?

— Pois não. Estava dando meu primeiro passeio quando apareceu ela.

— E a avó diz que acredita que há outra fada perambulando por aí.

Harry deu de ombros e tentou concentrar-se nos ovos.

— Gwyneth o viu enquanto subia com o carro.

— Gwyneth — Murmurou Phyl — Não está aqui?

Obviamente a avó não o tinha contado tudo. Esclareceu-se garganta e tentou não soar incômodo.

— Estava. Tinha um encontro com uma empresa em York. Querem lhe oferecer um trabalho.

Phyl assentiu enquanto entregava os ingredientes para o primeiro café da manhã de Harry e o segundo dela. Phyl comia como uma besta.

— Isso seria perfeito quando estiverem casados. Mas e você? Vai tentar sair de Londres?

— Pela zona não há nada o suficientemente grande para investir em banca.

— E não poderia trabalhar online?

— Certamente que não. A metade de meu trabalho consiste em estreitar mãos. Faço uniões, como se empenha em fazer a avó.

— Comigo funcionou — Disse Phyl.

— Você esteve apaixonada pelo Edward desde que tinha dez anos. Por certo, não veio contigo?

— OH, está em um seminário sobre como promover o novo projeto. Estou encantada de lhe deixar fazê-lo. Deixa-me mais tempo para meus cavalos.

— Cavalo! — Gritou Lilly — Montar! Harry, subida!

— Mais tarde, Lil. Agora não estou vestido para isso.

— Sozinha, Harry. Subida sozinha.

Harry deu a volta e viu as lágrimas nos olhos de sua sobrinha.

— Porquinha, sabe que choraria se não pudesse montar contigo.

— Só — Repetiu a menina. Era tremendamente doloroso ver Lilly de pé depois da cerca observando a seus irmãos montar a cavalo. Doía ainda mais que ver sua avó observando-os a todos desde sua janela. Sabia que Lilly nunca compreenderia quão perigoso era para ela montar. Mas sabia...

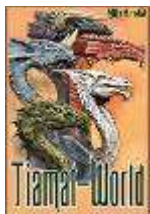
— Harry, eu posso...

— Não — Disse a Sorchia assinalando-a com a espátula como arma — Nem pense.

Sorchia pareceu confusa e um pouco doída, mas não disse nada.

— Esta tarde, Lilly — Disse a sua sobrinha — Comigo.

Lilly apoiou a cabeça no ombro de Sorchia e esta a aproximou da janela, de onde assinalou



aos pássaros.

— Os cavalos e as fadas — Disse a Phyl enquanto jogava os ovos na frigideira — Parece um filme da Disney. Temos que encontrar o diamante e ver o que fazemos com nossa rainha das fadas.

— Por não mencionar a todos seus amigos, que a terão seguido até aqui. Viu alguém a esse homem depois de Gwyneth?

— Não. Embora Sorchá disse que podia senti-lo. Mas não sei o que significa isso.

— Nós o vimos — Disse Theo.

Phyl e Harry se giraram para o menino.

— Quando? — Perguntou sua mãe.

— Onde? — Perguntou Harry.

— No parque dos cervos — Respondeu o menino — Estava escondido entre as árvores.

Verdade, B?

B assentiu enquanto se lubrificava uma torrada com manteiga.

— Parecia uma fada.

— E como é uma fada? — Perguntou Harry. — Ia vestido como as fadas de meu livro. E era bonito.

— Então Darragh continua por aqui — Disse Sorchá, ainda com Lilly nos braços — Quem dera fosse para casa.

— E quando o viram? — Perguntou Harry a seu sobrinho.

— Faz uma hora. B e eu estávamos fora caçando raposas.

— Deixem às raposas em paz — Advertiu Phyl.

— Deixem às fadas em paz — Corrigiu Harry — Não sabemos quem é realmente — Olhou então a Sorchá, a qual negou com a cabeça.

— Pode que Darragh esteja confuso — Disse ela — Mas nunca faria mal aos meninos. Vai contra o código das Tuas.

— Sim, mas disse que já tentou uma vez roubar o poder.

— Algumas coisas são invioláveis, Harry — Disse ela — Inclusive em meu mundo.

— Mesmo assim, vou dar o alerta — Insistiu Harry — Estou desejando ver como responde a polícia quando disser que procurem um varão branco e loiro com olhos marrons, vestido como um Robin Hood cinza e que salta por cima dos Jaguar como Superman.

— Cinza? — Repetiu Theo e depois olhou a B, que negou com a cabeça — Não ia vestido de cinza. E não era loiro.

Então todo mundo ficou calado.

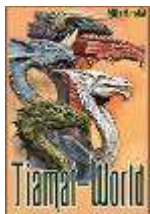
— Se explique — Disse Harry.

— Era alto e magro, e tinha o cabelo muito escuro. E ia vestido de negro.

— Negro? — Perguntou Sorchá.

— Obviamente isso significa algo — Disse Harry.

— Negro — Repetiu Sorchá enquanto se agachava frente a Theo — Está seguro?



- Sim. Misturava-se entre as sombras, como um ninja.
- OH, Deus — Disse Sorcha — Deveria ter sabido. Deveria ter sabido.
- O que deveria ter sabido? — Perguntou Harry com impaciência.
- Significa que não é o Darragh a quem viram os meninos — Respondeu ela.
- Quer dizer que há alguém mais em minha propriedade?
- Darragh nunca se vestiria de negro. Nenhuma Tua o faria. É a cor do caos.
- Então quem diabos é?

Sorcha negou com a cabeça e se girou para os meninos.

— Se voltarem a vê-lo, se mantenha afastados dele. Nos chamem. Peçam ajuda. Mas não se aproximem dele. Prometido?

- É perigoso? — Perguntou Theo.

— OH, sim. Acredito que sim. Acredito que deveria ficar com suas irmãs e proteger os uns aos outros enquanto seu tio Harry e eu vamos buscá-lo.

- Como? — Perguntou Theo.

- Não sei. Mas faremos todo o possível, Theo.

- Quem diabos é? — Perguntou Harry.

— Acredito que poderia ser uma das Dubhlainn Sidhe — Respondeu Sorcha depois de tomar fôlego.

- Também o conhece? — Perguntou ele.

— Não. Mas ouvi falar dele. As Dubhlainn Sidhe trazem o caos e a escuridão, semeiam a loucura e o grito no vento.

- Para — Disse Phyl — Está assustando aos meninos.

- Sinto muito. Não posso dizê-lo de outro modo.

- Necessitamos o diamante das fadas — Disse o pequeno Theo.

- Não, Theo — Protestou B.

- Todos temos que nos proteger — Disse o menino a sua irmã com as mãos nos quadris.

Harry se esqueceu por completo dos ovos que chispavam na frigideira.

- Sabe uma coisa, Theo?

Ambos os meninos se estremeceram e afastaram o olhar. Nos braços da Sorcha, Lilly começou a agitar-se.

- Diamante! — Gritou — Meu diamante!

Harry olhou à menina, tão feliz, e depois de novo a Theo e a B, que pareciam culpados.

- Theo?

O menino tomou fôlego e estirou os ombros.

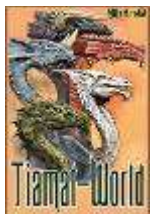
- Tive que fazê-lo — Disse.

- Fazer o que?

- Dá-lo a Lilly. Tinha que protegê-la.

- Protegê-la? — Perguntou Phyl — Do que, Theo?

Mas Theo não olhou a sua mãe e sim a Sorcha.



— Estive tendo pesadelos. Tinha que proteger a Lilly.

— E em seus sonhos, fazem mal a Lilly? — Perguntou Harry.

— Eu lhe faço mal — Respondeu Theo com os olhos cheios de lágrimas.

Antes que Phyl pudesse reagir, Harry tomou Theo entre seus braços com força.

— Compreendo-o — Disse ao menino — É um sonho terrível. Mas não é certo, Theo. Não é certo absolutamente.

Theo se afastou para olhar a seu tio.

— Está seguro?

— Completamente. Você nunca poderia fazer mal a Lilly. Sabe isso quando está acordado. Não importa quão terríveis sejam os sonhos.

— Você também teve sonhos — Disse Theo.

Harry cheirou os ovos queimados. Era uma desculpa.

— Phyl, afasta os ovos do fogo, por favor.

Sua prima ficou em pé e deu a oportunidade de falar com o Theo em privado.

— Eu também os tive — Disse ao menino — Mas não podem nos fazer mal agora que ambos sabemos. De acordo?

— Quanto tempo faz que tem esses sonhos? — Perguntou Sorchá ao menino.

Harry estremeceu. Tinha esquecido que, é óbvio, ela estaria escutando.

— A semana passada, acredito.

— E pioraram ontem à noite — Adivinhou ela. Havia devolvido Lilly a sua mãe em algum momento e agora estava agachada frente a Theo com o mesmo horror que ele no olhar.

— Como sabe? — Perguntou Harry.

— As Dubhlainn Sidhe infectam os sonhos — Respondeu ela — Assim semeiam a loucura. Recentemente adquiriram um grande poder, uma escuridão que pode afetar a qualquer que compartilhe seu sangue, o qual acredito que acontece com vocês dois. E se for um Dubhlainn Sidhe o que perambula por estes terrenos, Trouxeram-no aqui através das portas. Sinto muito, Harry. Sinto-o muito.

Harry fechou os olhos. Não podia suportar olhá-la naquele momento. Não quando os ecos de seus próprios sonhos ressoavam em sua cabeça.

Tudo era absurdo. A coincidência e a teoria da conspiração tecidas em um capítulo do senhor dos anéis. Mas não pensava sucumbir a esse tipo de loucura. Não o toleraria.

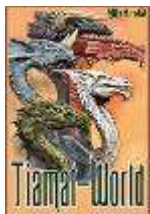
— Desculpa aceita — Disse depois de abrir os olhos — Onde está o diamante das fadas, Theo? Suponho que sabe que tem que retornar ao lugar ao que pertence. A avó está muito desgostada desde que desapareceu.

— Está na bolsa de viagem de Lilly — Respondeu o menino.

— Certo — Disse Harry dando um último abraço — Só tentava proteger a sua irmã. Isso é o que fazem os irmãos mais velhos. Mas agora temos que devolvê-lo e ver o que ocorre. De acordo?

— De acordo — Respondeu o menino depois de uma pausa.

Harry e Sorchá se levantaram e Harry deu a mão a seu sobrinho. Era hora de acabar de uma



vez por todas com esse assunto.

— Muito bem, Theo. Vamos lá.

— Está no quarto — Disse Theo — Queria que estivesse perto dela.

— Então vamos ao quarto para buscá-lo.

Todos caminharam pelos corredores como em uma cena do flautista e o Hamelin, com Lilly cantarolando e B dançando alegremente ao redor de sua mãe. Harry, Theo e Sorchia foram atrás e caminhavam com solenidade e nervosismo. Passaram frente aos cavalos mágicos e subiram as escadas através daquele bosque pintado, lembranças de um homem louco que se acreditava príncipe das fadas.

O coração de Harry rapidamente e ele odiava isso. Não queria fazer aquilo, não queria reforçar as alucinações que tinham reinado naquela casa durante os últimos cem anos. Mas as alucinações tinham poder, de modo que usaria esse poder e logo se afastaria.

O quarto velho dos meninos tinha permanecido fechado durante anos antes do nascimento de Theo. Durante o período de gestação, Phyl tinha convencido Harry, Edward e à avó para que a ajudassem a transformar a sala em um país das maravilhas para seus filhos, dado que ela passava muito tempo na casa. E, como uma autêntica Wyatt, decorou as paredes com murais tirados do vento entre os salgueiros. As coisas de viagem de Lilly se encontravam no buraco do senhor Sapo, passado o equipamento terapêutico que ajudava Lilly a superar suas dificuldades físicas.

— Sesta não — Disse a menina nos braços de sua mãe — Sesta agora não, mamãe.

— Não, minha porquinha — Assegurou Phyl — Não vai visitar senhor Topo ainda. Tem muito que brincar antes disso. E além disso tem que comer, não é?

Lilly assentiu com entusiasmo, mas franziu o cenho quando viu o que Theo estava fazendo.

— Meu, Theo. Meu, meu, meu!

— Sei, diabinha — Disse seu irmão enquanto tirava a mochila rosa que constituía seu kit de viagem — Mas temos que devolver o diamante.

— Não! — Lilly tentou descer ao chão — Meu diamante! Meu!

Theo tirou o pedaço de quartzo da mochila e o levantou, mas não ocorreu nada. Não houve nenhuma chama nem raio de luz. Captou a luz que entrava pelas janelas, mas além disso parecia bastante normal.

— Meu — Repetiu Lilly esperneando contra o peito de Phyl.

Sorchia se aproximou e agachou a cabeça. Harry esteve a ponto de soprar. Não cabia dúvida. Era uma farsante. Agia como se estivesse em presença de uma deidade, e não era mais que um pedaço de quartzo. Agarrou a pedra com ambas as mãos e se manteve calada.

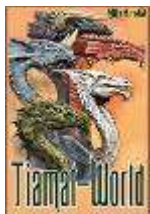
— E então? — Perguntou Harry — Agora o que? Sorchia se girou para ele e tudo voltou a mudar.

— Não sei — Admitiu.

— Por que não?

Sorchia o olhou e o chão pareceu mover-se.

— Porque sinto te dizer que este não é o diamante das fadas.



Capítulo 08

Sorcha não acreditava que pudesse sobreviver muito mais. Tinha passado por muitas coisas nos últimos dias: guerra, perda, exílio, enfermidade, pesadelos. E mesmo assim havia sentido esperança. Encontraria a pedra. A tiraria daquela gente e retornaria a seu lar para que o mundo recuperasse seu equilíbrio. Ganharia o direito a retornar a casa.

Mas agora...

Não era o suficientemente forte para isso. Não tinha a coragem necessária. Não era mais que uma mestra. Só uma costureira que vivia em uma casa pequena junto ao rio. Não era uma guerreira que pudesse combater a uma Dubhlainn Sidhe. Sozinha não. Não sem um exército à suas costas, sua mãe adiante e suas irmãs ao lado.

Estava sozinha. Tinha muito medo. E estava a ponto de voltar a fracassar.

— O que quer dizer com que não é o diamante das fadas? — Perguntou Phyl — Não é o diamante, Harry? Não é o que tivemos em exposição durante mais de cem anos?

— Claro que sim.

— Theo — Disse Sorcha — Alguma vez viu que a pedra fizesse algo... Estranho? Alguma vez te pareceu que, não sei, que cantava? Que cantarolava? Sobre tudo quando a sustenta. Sabia onde estava antes de vê-la?

— Não — Respondeu o menino — Deveria?

Sorcha pensou em perguntar a Harry, mas pareceu inútil. Theo tinha nove anos. Havia sentido a chegada de um Dubhlainn Sidhe. Era inconcebível que não houvesse sentido a presença da autêntica pedra.

Tomou uns segundos para contemplar a pedra que jazia entre suas mãos. Inclusive com a interferência da casa, com o dano que poderia ter sofrido devido à enfermidade, era impossível que não pudesse sentir uma das três pedras filiares.

Aquela pedra estava calada.

— Se não está aqui — Disse — Então onde poderia estar?

— Se não estar aqui é que não existe — Disse Harry.

— Então tudo está perdido — Sussurrou Sorcha — Se a pedra não estiver aqui, não sei onde procurá-la. E as Dubhlainn Sidhe já têm quebrado a barreira para vir me buscar.

Sentiu as lágrimas em seus olhos. Não sabia o que fazer. Não podia...

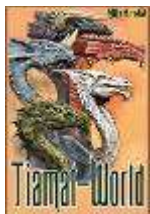
— Fada! — Gritou Lilly dos braços de sua mãe — Fada! Olá!

Sorcha se girou e viu o cenho franzido da menina.

— Sim, minha Lilly?

— Veem!

Sorcha se aproximou e tomou nos braços. Imediatamente, a menina começou a lhe



acariciar a cara.

— Sorri — Disse com muita seriedade. Depois lhe dirigiu um grande sorriso, como se o único que Sorchá precisasse fosse um exemplo. E o que podia fazer uma fada salvo devolver o sorriso?

Satisfeita, Lilly lhe acariciou a cara de novo e depois tentou alcançar a pedra.

— Meu diamante.

— Não, carinho — Disse Phyl — É o diamante da avó. Chorar se o tira. E não quer que a avó chore, verdade?

— Não — Respondeu a menina — Vamos com a avó.

Sorchá se sentiu reconfortada pelo abraço da menina. Era um privilégio desfrutar de sua alegria e isso evitou que se desesperasse.

Mas, mesmo assim, o que ia deixar àquela preciosa flor? Um inverno sem fim. Frio, escuridão e perda.

E as perversas ações das Dubhlainn Sidhe, às que já não haveria forma de deter se tinham a pedra Coilin e a pedra Dearann não aparecia para temperar seu poder.

— De acordo — Disse Harry enquanto tomava Lilly nos braços — Este é o plano. Damos um beijo à avó e lhe devolvemos o diamante. Não falaremos dos sonhos nem das fadas más nem da possibilidade de que este não seja o diamante das fadas. Entendido?

Os meninos assentiram. Sorchá não tinha energia nem para isso e Harry lhe dirigiu um olhar severo.

— Se não poder encontrar a maneira de não agir como se acabasse de perder a seu último amigo — Disse — Sugiro-te que fique atrás.

— Não — Disse Sorchá — Me levarei bem. Já verá.

Harry tinha razão. Ela não tinha direito a curvar a essa amável senhora com seus problemas. Mas tinha que estar ali para ver como reagia. Para ver se via algo diferente na pedra.

— Theo, quer levá-la você? — Perguntou ao menino.

Theo olhou a pedra como se fosse atacá-lo, mas finalmente a aceitou.

Retornaram de novo todos em fila e desceram as escadas até o segundo andar, onde vivia a avó de Harry. Lilly estava cantando de novo e tentando jogar esconderijo sobre o ombro de Harry. B ia nos braços de sua mãe e Theo caminhava como um pequeno soldado.

Sorchá passou o tempo tentando reunir coragem. Teria desejado poder desaparecer naquele instante. A sentiriam falta se escapulia ao salão das fadas e simplesmente descansava ali? Estava tão cansada. Tão triste.

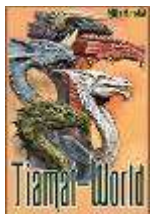
Tão assustada.

Mary os recebeu na porta da avó.

— Por favor, me digam que trazem boas notícias — Disse — A pobre mulher esteve sofrendo toda a noite.

— Theo? — Disse Harry.

— Harry! — Gritou a avó desde seu quarto — Entra e me diga o que está acontecendo!



— Olhe o que encontrou Theo, avó! — Respondeu Harry enquanto colocava à família no quarto.

Sorcha ficou na porta. A avó nem sequer tinha chegado a seu trono aquela manhã. Seguia na cama, incorporada por vários travesseiros e com aspecto triste.

Phyl deixou B no chão e a garota saiu correndo para a avó, seguida de Theo. Lilly começou a dar saltos nos braços de Harry sem deixar de cantarolar.

— Meu diamante! — Gritou.

— Tenha paciência, juvenzinha — Disse a avó rindo enquanto aceitava o diamante de mãos de seu tataraneto — Espera seu turno.

— Seu turno — Repetiu Lilly.

— Isso. Agora é meu turno — A velha colocou o cristal sobre uma mão e as lágrimas escorregaram por sua cara — Excelente trabalho, Theo. Encontrou-a você?

— Assim é, avó — Respondeu Harry — As fadas deveram tentar roubá-la, mas Theo o recuperou antes que escapassem.

Sorria. A avó sorria. Phyl sorria. Inclusive Sorcha. Embora seu sorriso era fingido, claro. A avó não tinha advertido nada errado na pedra.

Enquanto a família de Harry reconfortava à avó, com os meninos saltando ao redor da cama e Lilly acariciando a face da velha. Sorcha saiu pela porta.

Nem sequer prestou atenção de aonde ia, só sabia que tinha que partir. Não podia suportar a imagem dessa família unida e feliz, especialmente naquele momento.

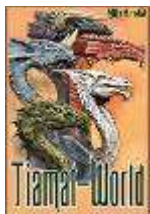
Desceu as intermináveis escadas, iluminadas pela luz do sol que se filtrava pela cúpula do teto.

Pensou em retornar à cozinha e ver se a senhora Thompson lhe devolvia seu traje.

O diamante das fadas tinha estado ali. Não tinha dúvida. Cem anos atrás, um príncipe das Dubhlainn Sidhe tinha sido apanhado no lado errado da barreira e ficou com uma mulher mortal que o tinha amado. E ele tinha lhe dado de presente o bem mais primoroso de seu mundo.

Teria sido sua intenção levá-lo consigo? Talvez simplesmente não tinha podido devolvê-lo. Não importava. Tinha guardado a pedra ali, onde seus descendentes tinham construído um templo merecedor da pedra Dearann, onde tinham passado suas vidas e gasto sua fortuna tentando encontrar o caminho de volta através da barreira. E em algum momento ao longo desses anos, tinham perdido aquilo que lhes dava sentido.

Sorcha foi ao salão principal, que o avô de Harry tinha pintado com lembranças de um claro de fadas perfeita, com árvores sagradas arqueadas e no teto um céu deslumbrante com uma imagem do sol. Ali tinha pintado cavalos e raposas, para evitar que uma fada sentisse nostalgia. Ali se encontrava a cálida primavera dos campos irlandeses que salvaria sua alma. Ali, inclusive com os móveis, que evitavam que acreditasse que realmente estava em casa, Sorcha se acomodou sobre o tapete. Levantou os joelhos, rodeou-as com os braços e apoiou em cima a cabeça. E ali ficou. Não tinha nenhum outro lugar ao que ir.



Se os mortais não fossem tão ridículos, Cian poderia odiá-los com facilidade. Eram criaturas insignificantes, sem poder, sem inteligência, sem sentido dos talentos que tinham e sem beleza em suas almas fracas. Que direito tinham a sequestrar a uma das três pedras filiares? Como podiam acreditar-se merecedores disso? Nenhum mortal o era. Pensando-o bem, quase ninguém no mundo das fadas o era tampouco.

O sim. Nascido no clã do mesmo rei, primo do Vingador e possuidor das chaves do tesouro, só ele poderia suportar o poder da pedra para devolvê-la ao outro lado, onde seria guardada em um lugar onde não pudesse causar nenhum dano. Onde não pudesse interferir com o poder crescente das Dubhlainn Sidhe.

Cian sorriu para si. Ele recuperaria a pedra perdida. Não tinha dúvida. Nenhuma. Sua covarde triunfaria onde as Dubhlainn Sidhe tinham fracassado.

Enquanto Cian entrava no bosque de árvores, situada além dos jardins da casa, não prestou atenção ao frio, nem à umidade, nem à escuridão dos dias naquela região. Tampouco perdeu o tempo preocupando-se pelo grande poder da pedra nem por como teria podido permanecer perdida em um lugar tão horrível durante tanto tempo. Estava muito preocupado pensando em como a recuperaria. E no muito que desfrutaria rindo dessa patética filha de Mab, que acreditava que poderia vencê-lo.

Sorcha não sabia quanto tempo tinha estado ali sentada. O tempo não tinha muita importância para as fadas e ali, onde finalmente se rendeu ao inevitável, não significava nada absolutamente.

Estava apanhada ali, igual tinha acontecido ao ancestral de Harry cem anos atrás. Sem a pedra, não havia maneira de voltar para casa. Sem a pedra, logo não ficaria uma casa a que voltar. E mesmo assim, o que tinha ali? Do que servia ela em um mundo mortal?

Tinha passado mais tempo ainda quando ouviu os meninos descer pelas escadas.

— Bom, o que fazemos com ela, Harry? — Ouviu Phyl perguntar dois andares acima.

Talvez devesse lhes dizer que as fadas tinham um ouvido excepcional.

— Como diabos vou saber? — Respondeu Harry — A avó não a deixasse partir e eu não posso deixar que fique. Entregamo-la à polícia? Por certo que adorariam ouvir sua história de fadas.

— OH, Harry, não pode fazer isso.

— Quer que fique até que descobramos o que está acontecendo? Eu não.

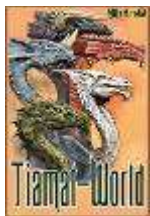
E então se fez o silêncio. Sorcha fechou os olhos, incapaz de reagir. Por alguma razão aquelas palavras doíam mais que os acontecimentos recentes. Não tinha lugar em seu mundo nem nesse tampouco. E, certamente, não tinha lugar no coração de Harry. Isso era o que mais lhe doía.

— Senhorita Tua — Ouviu da porta.

Não se incomodou em levantar a cabeça.

— Sim, Theo?

— Encontra-se bem?



— OH, sim — Respondeu — Só estava descansando. Estava-me jogando uma sesta de fada.

—OH, bem. estivemos procurando-a. Perdeu o jantar.

—Obrigado, mas estou bem.

Silêncio.

— Me ensinará a montar como você?

Finalmente, Sorchia levantou a cabeça.

— Theo, é um cavaleiro extraordinário. O que poderia te ensinar eu?

— Como fala com os cavalos — Respondeu o menino — Parece que a escutam.

— OH, claro. Não tem nenhum segredo. Você também tem essa habilidade. Só tem que tomar mais tempo para escutar. Os cavalos sempre nos dizem o que necessitam. Mas não falam com palavras.

— Me ensinará?

— Podemos tentar manhã, Theo? Hoje estou muito cansada.

— É obvio.

— Amanhã pela manhã — Assegurou Sorchia — Antes que eu parta.

— Parte?

— OH, acredito que devo fazê-lo — Respondeu ela — Já vi o diamante das fadas e não acredito que deva incomodar mais a seu tio.

— E aonde irá?

— Bom, voltarei a cruzar a barreira — Mentiu.

— E me levará com você?

— Possivelmente algum dia — Respondeu — Mas não agora. Tem muito que aprender aqui. E acredito que sua mamãe te sentiria falta. E B, e a pequena Lilly. Elas dependem de seu irmão mais velho.

O menino vacilou um instante, mas finalmente assentiu.

— Sempre que souber como voltar a encontrá-la — Disse.

Dado que Sorchia não tinha ideia de onde seria isso, simplesmente assentiu.

Mesmo assim, Theo não abandonou a sala.

— E o que acontece com os sonhos? — Perguntou.

— Os pesadelos — Esclareceu Sorchia.

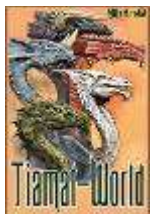
— Você também já teve?

— OH, sim, Theo. Tive-os. E sinto muito que tenha sofrido. As Dubhlainn Sidhe não respeitam a inocência.

— Se irão?

Iriam? De repente Sorchia sentiu de novo a energia. Tinha-o esquecido. O diamante não estava ali. As Dubhlainn Sidhe, entretanto, sim. E tinha que encontrar a maneira de proteger a sua nova família.

Sua nova família. Encontrou a si mesma sorrindo. Finalmente, compreendeu como sua irmã Nuala tinha acabado adotando a uma família inteira de mortais fazia anos. Eram irresistíveis.



Especialmente os meninos. Os meninos naquele mundo eram brilhantes como estrelas fugazes.

Olhou uma última vez a seu redor e ficou em pé.

— O que te parece se trabalharmos juntos nisso? — Perguntou a Theo.

Pela primeira vez, Theo sorriu.

— Brilhante — Respondeu e lhe deu a mão para puxá-la do chão.

Harry se perguntou o que teria sido de sua vida normal, agradável e insuportavelmente frustrante. Qualquer outro fim de semana de sua vida teria passado sábado a tarde longe de Gwyneth, sentado com Phyl estudando os livros do imóvel enquanto tentavam tirar dinheiro do terreno, para levar a cabo seu sonho de criar o melhor programa de cria de cavalos irlandeses na Inglaterra. Já haviam feito um bom começo. Phyl tinha bom olho na hora de escolher os cavalos. A última égua que tinham escolhido era prova disso. Agora só tinham que ser capazes de permitir comprá-la.

Naquele momento teriam que ter estado tentando descobrir como fazê-lo. E Gwyneth e ele teriam que ter estado dando os últimos retoques à bodas que levavam planejando um ano.

Mas Phyl estava acima deitando à avó e Gwyneth continuava em York. E estava ao telefone.

— Não pode voltar este fim de semana? — Perguntou, como se não acabasse de lhe dizer justo isso.

— Sinto muito, Harry. Surgiu algo... Importante.

Soava seca e insegura. E se havia algo do que nunca se poderia acusar ao Gwyneth era de insegura.

— Gwyn, está bem?

— Acredito que sim, Harry — Respondeu sua noiva depois de uma pausa — Realmente acredito que estou bem.

Que diabos significava aquilo? Harry fechou os olhos para não ver os livros de contabilidade empilhados sobre a mesa do escritório de Phyl e apoiou a cabeça em uma mão.

— Acredito que tem que ser mais específica, Gwyn.

— Não posso Harry. De verdade que não. Acredito que será melhor que nos vejamos a semana que vem, talvez na quinta-feira depois do trabalho. Temos que falar.

— Falar, Gwyn?

— Sei que agora não tem muito sentido. Prometo-te que na quinta-feira o terá. De acordo?

— De acordo, Gwyn.

Estava a ponto de despedir-se quando voltou a ouvir sua voz.

— Harry?

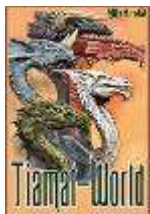
— Sim?

— Acredita que seu avô poderia ter estado no certo desde o começo?

— O que?

— Não importa. Adeus, Harry.

Harry pendurou o telefone e pensou seriamente em se servir um copo de uísque. Que



diabos estava acontecendo ao mundo?

Embora sabia a resposta. Nada tinha estado bem desde que essa maldita fada apareceu. Nada parecia estar igual.

Ficou em pé e se aproximou da janela, onde pôde ver os estábulos onde guardavam seus cavalos. Era tudo o que tinha desejado na vida: poder estar ali, contemplando o produto de seu trabalho duro. A oportunidade de interagir com aquelas magníficas criaturas, de criar os cavalos mais formosos da Inglaterra.

Em sua cabeça, tinham triunfado. Seus cavalos estavam começando a ser conhecidos por todo o país. Harry podia nomear o pedigree e os rasgos característicos de cada um. Tinha escolhido pessoalmente ao Moonrise como seu primeiro garanhão, um magnífico cavalo cinza que tinha dado réplicas perfeitas de si mesmo cada vez que o tinham cruzado com qualquer égua do país. Harry tinha que admitir que seus cavalos eram seus favoritos. Eram os que se enfrentavam ao mundo com maior inteligência.

Deveria ter sido suficiente. Tinha uma família. Tinha uma noiva que encaixaria com ele à perfeição. Tinha uma carreira que poderia mantê-los a todos e que acabaria lhes devolvendo a estabilidade econômica de antigamente.

Entretanto, sua noiva se mostrava de repente irreconhecível, sua família estava alterada e seus próprios sonhos tinham ficado apanhados entre a impossibilidade e o terror.

E tudo desde que ela entrou em sua vida.

Ela não podia sabê-lo.

Não poderia distinguir a diferença. Ele não acreditaria.

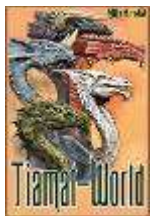
Esfregou a testa, quando o que realmente desejava esfregar era aquela dor que sentia no peito. Ninguém em toda sua vida tinha pensado que aquela maldita pedra pudesse fazer nada. Ninguém tinha insinuado jamais que estar perto dela pudesse provocar visões que resultavam impossíveis. Ninguém tinha tentado lhe dizer que aquela maldita coisa pudesse cantar, pelo amor de Deus.

Esfregou-se o peito.

Como poderia ela sabê-lo?

Como se a tivesse conjurado em seus pensamentos, Sorchia apareceu junto ao estábulo das éguas e das potras. Estava falando com o Theo e assinalava para Starchaser, uma de suas potras. E Starchaser respondia como se Theo fosse seu companheiro, assentindo e dançando a seu redor. Sorchia e Theo tinham passado as duas últimas horas compilando ramos de árvore e folhas de acebo. Não tinha ideia do por que, mas agora Theo levava um ramo de espinheiro na mão, como Harry Potter. Sorchia levava acebo no cabelo. E ali, como não, estavam B e Lilly, que se reuniram com eles junto às cercas, também com ramos e folhas. Parecia que estivessem ensaiando “O sonho de uma noite de verão”.

Outras duas potras mais se aproximaram da cerca. Moonlight e Starchild. Eram as mais brilhantes de sua geração. As mais rápidas. Tinha o focinho de um árabe e os quartos traseiros de um saltador irlandês. Sorchia levantou uma mão e Moonlight abaixou a cabeça como se



quisesse ser benta. B riu e Lilly começou a dar palmadas. Sorchha parecia estar lhes dando instruções.

Harry ficou em pé e se perguntou o que se proporia fazer. Não pensava deixar que incomodasse a seus cavalos com suas tolices.

Saiu fora e encontrou Phyl aproximando-se da outra direção.

— Será melhor que não faça mal a esses cavalos — Disse Harry.

Phyl riu.

— Obviamente não a viu com eles.

Teria respondido, mas, quando olhou para trás, viu sua melhor égua, Moondancer, trotando em círculos com a Sorchha montada em cima.

— Santo Deus — Exclamou, preparado para sair correndo.

Phyl o deteve.

— Deixa-a em paz. Tem magia, Harry. Já sabe como é Dancer. Não permite que ninguém a monte salvo eu, agora que está criando. Mas diria que Sorchha é um grande torrão de açúcar, a julgar por como se acostumou a ela.

Harry o via perfeitamente. Tinha conhecido a bons cavaleiros em sua vida. Inclusive ele era um deles. E, certamente, Phyl não ficava atrás. Mas jamais tinha visto nada semelhante. Sorchha não só parecia ter se fundido com o animal, mas também nunca tinha visto Dancer mover-se com tanta fluidez. Dancer era uma saltadora de movimentos poderosos. Entretanto, com aquela garota em cima parecia mas bem uma bailarina.

— Agora eu! — Gritou sua sobrinha B do alto da cerca.

Sem fazer apenas uma pausa, Sorchha se aproximou da cerca e sentou à menina frente a ela.

— O que se diz agora, B? — Perguntou Sorchha.

— Obrigada, Moondancer — Respondeu B enquanto acariciava o pescoço do animal — Pelo privilégio de sua generosidade.

— Genial — Disse Sorchha — Agora te levará sempre.

Foi então quando Harry se deu conta de que ao menos meia dúzia de seus cavalos estavam perto como esperando seu turno.

— Incrível — Murmurou.

— Deveria contratá-la, Harry — Disse Phyl rindo.

— Se quer contratá-la você, adiante. É seu trabalho.

— Pode que o faça.

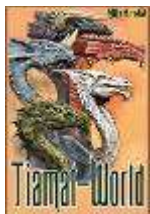
— Posso tentá-lo? — Gritou Theo da cerca

— OH, claro, pode fazê-lo sozinho, Theo — Respondeu Sorchha.

Theo observou durante uns segundos, depois se aproximou de Starchild e levantou uma mão para a brida. O cavalo agachou a cabeça e Theo aproximou a sua. Acariciou-lhe o pescoço e depois montou em cima.

— Brilhante, Theo! — Exclamou Sorchha.

Então Harry se fixou em Lilly. Ali estava, de pé na cerca, com o capacete pendurando em



suas mãos, com cara ofegante e triste.

— Eu — Choramingava quase para si mesma — Eu.

Tinha lágrimas nas bochechas. Harry não podia suportá-lo. Aproximou-se dela, mas Sorchia devia ter visto.

— Ah, mo chroidhe — Gritou enquanto deixava a B no chão — O que aconteceu?

Lilly assinalou a seu irmão Theo, que cavalgava felizmente sobre o Starchild.

— Montar — Disse desesperançada — Sozinha.

Sorchia saltou a cerca e se agachou frente à menina.

— Quer montar?

— Não pode, Sorchia — Disse Phyl — Só não. É muito perigoso.

— Bom, pode que isso não seja certo — Disse Sorchia — Subiu alguma vez a uma destas éguas?

— Claro que não — Respondeu Harry — Não sem que um de nós a segure. Não tem uma boa coordenação motora. Jamais...

Sorchia o ignorou e pôs o capacete de Lilly na cabeça.

— Só é questão de provar, Harry Wyatt. E conduziu Lilly até onde estava Starchaser, aguardando pacientemente junto à cerca.

— Vamos, mo stoir — Disse Sorchia enquanto tomava à menina nos braços — Que diz a esta senhorita tão simpática?

Harry sabia que devia interferir, mas era como se não pudesse mover-se. Junto a ele, Phyl lhe agarrou a manga.

— Harry...

— Por favor — Disse Lilly enquanto agarrava a focinheira de Chaser — Me Leve.

O cavalo levantou a cabeça, como se estivesse observando à menina.

— Ogbheann — Disse Sorchia com uma reverência — Te peço seu favor para este pequeno duende. Já vê o coração tão grande que tem e seu espírito puro. Faço-te a maior honra que uma fada pode conferir: a oportunidade de proteger a um dos apreciados. Levará-a então com o mesmo cuidado com que levaria a rainha?

O cavalo ficou quieto. Todos no curral o fizeram, salvo Lilly, que ria enquanto acariciava o animal. Depois, surpreendentemente, Chaser agachou a cabeça em sinal de obediência. Antes que Harry pudesse protestar, Sorchia tinha subido Lilly a lombos do cavalo.

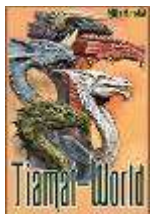
— Vamos, mo aoibheann — Dizia à menina — Se agarre aqui e sua amiga fará o resto. De acordo?

Lilly assentiu e Sorchia a soltou.

— Não! — Gritou Phyl, e começou a correr.

Harry a seguiu, mas antes que pudessem chegar à cerca Chaser saiu trotando suavemente. Movia-se sobre o chão como se deslizasse sobre o gelo. Lilly, em cima com as pernas quase estiradas, agarrava-se a sua crina como se o houvesse feito toda sua vida.

— Desça-a, Harry — Insistiu Phyl — Cairá.



— OH, não — Disse Sorchá enquanto se aproximava — Juro que, enquanto a tenha Starchaser, não correrá nenhum perigo. Um cavalo fada morreria antes de fazer mal a uma delas.

— Não é um maldito cavalo fada! — Gritou Harry tratando de passar frente a ela.

Sorchá, entretanto, agarrou-lhe a manga e ele se girou com cara de raiva. E então o ouviu, e o coração deu um tombo. Lilly, que segundos antes tinha estado sozinha na cerca, marginalizada pelo que não podia fazer, chamava-o do cavalo.

— Harry! — Gritava — Estou montando!

E depois riu. Foram umas notas doces que circularam pelo ar como uma melodia. Os cavalos se detiveram. Os moços do estábulo se tornaram a um lado para observar. Por alguma razão, Harry sabia que inclusive sua avó o tinha ouvido desde seu quarto.

— Sim, minha porquinha! — Respondeu — Está montando!

Montava completamente sozinha e Harry de repente não entendia o que era o que tinha parecido perigoso. Chaser flutuava sobre o chão e levava a menina como se estivesse sentada em uma almofada.

— OH meu Deus, Harry — Sussurrou Phyl.

— Mamãe! — Gritou Lilly — Me olhe!

— Sim, meu amor — Respondeu sua mãe com lágrimas nos olhos — Sim!

Lilly ria e Sorchá batia palmas, como se tivesse criado aos cavalos só para que montassem as meninas pequenas. Harry sentiu uma imensa alegria no peito, e ato seguido uma punhalada de ambivalência. Como o tinha feito? Como acreditar que era possível? Mas era. Lilly estava fazendo o que mais desejava fazer. Algo que ele não tinha podido dar, mas Sorchá sim.

E de repente começou a rir como Lilly. Todos se voltaram para ele. Sabia que pensavam que tinha perdido a cabeça, mas não podia evitá-lo. Sentia-se feliz. Não ocorria nada mais bonito que ver Lilly montando um cavalo ela sozinha.

— OH, Harry — Disse Sorchá — Sei que Saoirce é um dos cavalos que mais quer, mas, como pode ver, é o cavalo de Lilly.

— Saoirce? — Perguntou Phyl

— É seu nome real. Seu nome de fada. Significa “liberdade”.

Harry assentiu enquanto secava as lágrimas das bochechas.

— Lilly! — Gritou — O que te parece seu novo cavalo?

Ao ouvir suas palavras, Chaser se deteve suavemente frente a ele e aguardou enquanto a menina se soltava e a acariciava.

— Minha! — Gritou Lilly.

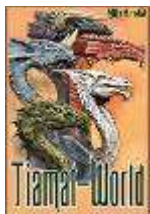
— Claro que sim — Assegurou Harry — Toda sua. A Saoirce não importa?

— Saoirce diz que seria uma grande honra — Respondeu Sorchá.

— Então será o cavalo de Lilly.

— E para nos assegurar — Disse Phyl enquanto se secava as lágrimas — Assim que descer vou pôr lhe uma cadeira de montar com correias.

Harry ficou ali uma hora mais, só observando. Escutando a risada que se estendia pelo



curral como a água fresca. Vendo como a garota fada enfeitiçava a sua família. Ficou junto à cerca desejando poder unir-se a eles, embora sem saber como. Só sabia que se reunia a coragem suficiente para perguntá-lo, Sorchha faria que fosse muito fácil.

Não deveria ter se surpreendido então que, quando em metade da noite renunciou a tentar dormir e se dirigiu à casa das fadas para relaxar-se, Sorchha estivesse ali.

Capítulo 09

— Não podia dormir, não é, Harry? — Perguntou ela.

Não havia eletricidade ali, de modo que tinha acendido uma vela. Seus olhos brilhavam com a chama e seu corpo estava envolto em um hipnótico vestido cinza.

Não podia deixar de olhá-la. Seu coração se acelerou. Seu corpo começou a se esquentar. Sentia desejo. Impaciência. Frustração. Aquele lugar era o único em que podia encontrar um pouco de paz. Como se atrevia a invadi-lo?

— Eu tampouco podia — Admitiu ela e acendeu o pequeno farol que havia sobre a mesa.

— Retorna — Exigiu Harry, metendo as mãos nos bolsos para não machucá-la.

Lembranças do sonho começaram a voar por sua mente. Imagens escuras, sons aterradores.

— Não quer compartilhar seu refúgio? — Perguntou ela.

— Vá — Insistiu ele — Não quero te machucar.

Mas ela não se foi, mas sim se aproximou dele.

— OH, Harry — Sussurrou enquanto lhe acariciava a bochecha — Como pode pensar em me machucar?

— Não sabe...

— Claro que sei. E o que disse hoje ao Theo era certo. Não importa o que sonhe, porque nunca poderia me machucar. Nunca, Harry. É impossível.

Separou-se dela e a olhou acusadoramente.

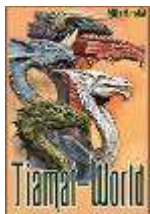
— Não pode ser tão ingênua.

— Não sou ingênua. Conheço-o, Harry. Sei que seu sangue de fada o proíbe. Uma fada pode cortejar, pode seduzir, mas não pode forçar fisicamente. Seria como se um mortal voasse. Não é possível.

— Mas eu não sou uma fada, Sorchha. Sou um homem e me custa muito não te tocar. E não tem ideia do que ocorrerá se te toco.

— Claro que sim — Respondeu ela com um sorriso — Porque é um homem, Harry Wyatt. Mas, acredite ou não, tem sangue de fada. E isso muda tudo. O que vê em seus sonhos é um Dubhlainn Sidhe, Harry. Não é você. Jamais poderia ser você.

— Eu não...



Sorcha voltou a lhe acariciar a bochecha como se fosse um menino assustado.

— Vem aqui para encontrar a paz, Harry. Inclusive você, que nasceu nessa horrível casa de pedra, não pode suportar passar ali muito tempo. Necessita o poder da mãe terra. Precisa recarregar aqui sua alma, no bosque sagrado.

— Preciso dormir!

— Então dorme. E, se não se importar, eu também me aconchegarei aqui. Eu tampouco consigo dormir nessa casa.

— Não pode dormir aqui.

A só ideia de imaginá-la aconchegada junto a ele era insuportável. Tinha as mãos apertadas e tinha começado a suar em uma tentativa por controlar-se. Quase podia sentir suas nádegas contra sua virilha.

Desejava-a.

— Sei — Sussurrou ela, tão perto que seus seios roçavam o algodão de sua camisa — Eu também te desejo, Harry.

Harry abriu os olhos e a viu pega a ele. Seus olhos muito abertos e escuros. Sua pele estava ruborizada e as aletas do nariz inchadas, como se necessitasse seu aroma tanto como ele necessitava o seu.

Canela, pelo amor de Deus. Estava excitado por algo que se jogava no ponche de ovo.

— Cheira como o vento, Harry — Disse ela sem tocá-lo. Só se inclinou para ele. Sorriu como se já visse o final dessa discussão em sua cabeça — Cheira a liberdade e a força e a terra. Não posso resistir a seu aroma, Harry Wyatt.

Harry perdeu a briga. Afundou as mãos em seus cabelos e a puxou. Mostraria a que jogo estava jogando. A possuiria, como em seus sonhos. Obrigá-la-ia...

Sua boca era tão suave, tão aberta. Rodeou-a com um braço e a sustentou ali enquanto a beijava. Beijou-a até que ambos os ficaram sem fôlego, até que mal pôde suportá-lo mais.

Sorcha encaixava em seu corpo à perfeição, não recordava que nenhuma outra mulher tivesse encaixado tão bem sob seu braço, como se estivesse destinada a estar ali, onde pudesse protegê-la, onde pudesse levantá-la do chão para que suas virilhas se juntassem.

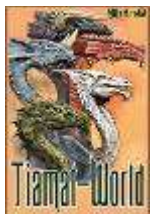
Não recordava ter chegado à cama nem havê-la deitado em cima. Nem sequer recordava ter tirado seu vestido. Só sabia que estava ali tombada sob seu corpo, com sua pele brilhante, graças à luz do farol, e seus mamilos eretos. Era pequena, mas tinha as proporções perfeitas. Seus seios eram firmes, seu ventre ligeiramente arredondado, seus quadris suaves e succulentos. Juraria pelo mais sagrado que jamais tinha desejado nada tanto como estar dentro dela.

Nada mais pensá-lo, ela sorriu.

— Leva muita roupa, Harry — Disse enquanto tirava sua camisa — Não acredito que isso seja justo.

Harry quis rir. Como podia querer rir? Como tinha chegado até ali?

Não podia. Mas tampouco podia parar. Já a tinha provado e necessitava mais. Necessitava-o tudo. Estava faminto: suas mãos, sua boca, seu membro. Desejava estar dentro dela. Desejava



penetrá-la até ficar seco.

Sabia que estava tirando a roupa. Ouviu como se abriam os botões. Afastou um braço e depois o outro. Mas não podia deixar de tocá-la. Não se cansava de sua pele rosada, de suas curvas e dos vales de seus formosos seios.

Não deveria estar fazendo aquilo. Estava aproveitando-se de uma garota confusa que pensava que era uma fada. E ele estava prometido. Que diabos acontecia?

Sorcha tirou suas calças e todo o resto deixou de importar. Ele tinha encontrado aquele montículo de pelo na base de seu ventre e introduziu os dedos em seu interior. Tinha descoberto o segredo, suas dobras úmidas. Ouviu os gemidos que Sorcha não podia conter enquanto acariciava o palpitante centro e lhe lambia um mamilo.

Sentiu-a retorcer-se contra sua mão e soube que não tinha que esperar. Ela o desejava. Mas esperou de todos os modos. Torturou-a, mordiscou-lhe os seios e seguiu acariciando-a até que se retorceu e gritou, até que jogou a cabeça para trás e seu corpo se convulsionou. Então, justo ao chegar ao clímax, Harry levantou os quadris e a penetrou para fazê-la o sentir de novo.

Em algum lugar de sua cabeça se perguntou por que não estaria seguindo o guia do sonho. Por que não estaria machucando-a, aterrorizando-a. Sabia que tinha que procurar essa resposta, mas naquele momento só queria saciar-se com ela e Sorcha recebia suas investidas enquanto deslizava as mãos por seu corpo. Harry levou um mamilo à boca e a penetrou mais ainda, até que não pôde recordar onde acabava ele e começava ela, até que ela levantou a cabeça para beijá-lo, até que seu corpo se esticou e ele gritou de prazer com uma última investida antes de cair exausto entre seus braços.

Durante um longo momento, o único som da sala foram os ofegos. Harry não podia pensar, não podia mover-se, não podia arrepender-se da experiência mais incrível de toda sua vida. Ficou aconchegado com ela, para que seus corpos não se separassem, para poder reconfortá-la com seu calor no que deveria ter sido uma noite fria.

Sabia que devia levantar-se. Um dos dois devia partir. Inclusive os dois. Jamais tinha pensado em levar uma mulher ali. Mas por alguma razão aquela sala era muito cálida. Se Harry tivesse sido imaginativo, teria jurado que o chão brilhava. Mas não era imaginativo. Não acreditava em bosques sagrados, nem em fadas, nem no destino. Mesmo assim, por alguma razão, sabia que era ali onde devia estar.

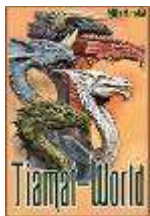
— E onde se não estaria? — Perguntou ela contra seu ombro — Nem sequer você pode negar que este seja um lugar sagrado.

— O qual acabamos de manchar.

Sorcha levantou a cabeça e ficou olhando-o com um sorriso misterioso.

— Vocês os mortais têm uma visão muito graciosa do ato mais sagrado que existe — Disse antes de voltar para aconchegar-se em seu peito — Pensei que te faria feliz.

Harry não soube o que foi que fez o não responder. Deveria lhe haver assegurado que nada em sua vida havia feito mais feliz. Mas isso teria sido admitir muito. Teria sido como negar tudo aquilo no que acreditava.



E não podia fazer isso. De modo que se cobriu com a manta, fechou os olhos e se deu conta pela primeira vez em semanas de que estava a ponto de dormir sem sonhar.

Darragh, filho do Bran, encontrou a si mesmo perdido entre os lençóis e a pele. Gwyneth, sua Gwyneth, estava aconchegada junto a seu ombro, deslizando os dedos por seu peito.

— É tão suave — Murmurou ela — Jamais tinha conhecido a ninguém como você.

— Claro, não me surpreende. Eu tampouco vi nestas ruas a ninguém como eu.

— Acredito que o pobre homem do Marks & Spencer quase dá um enfarte quando nos viu entrar — Disse ela rindo — Acredito que não engoliu o do disfarce do Halloween.

Darragh observou sua roupa nova, dispersa sobre diversos móveis do quarto. Gostava dessa roupa. Gostava de como se deslizava sobre sua pele, como o fazia sentir.

— Está segura de que pode obter recompensa pelas joias? — Perguntou a Gwyneth.

— Darragh, deu-me dois rubis e três diamantes enormes. Confia em mim. Não perdi dinheiro.

— Bem. Isso está bem. Tenho mais para sobreviver neste lugar até que saibamos o que posso fazer.

Gwyneth ficou séria de repente.

— Está seguro de que quer ficar?

— Está você segura de querer que fique?

— OH, sim — Respondeu ela antes de dar um beijo — Quero que fique.

Darragh a olhou, surpreso pela paixão que tinham desatado nas últimas quarenta e oito horas.

— Então de acordo — Disse — Eu gosto de seu mundo. É ruidoso e ocupado, mas tem uma energia que me atrai.

— De verdade?

— OH, sim. Meu mundo flui como um córrego tranquilo, nunca tem pressa por ir de um lado a outro.

Depois de tudo, do que serviria? Acaso a eternidade será mais curta com a pressa? Chegaremos mais à frente do paraíso?

— Isto não é o paraíso — Advertiu ela.

— O paraíso pode gastar-se depois de um tempo se não estar feito para ele, acredito eu. A velocidade, o ruído e a energia deste lugar me resultam atraentes — Disse antes de dar um beijo na boca — Quase tão atraentes como certa formosa mulher que me cativou.

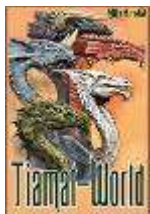
Gwyneth fechou os olhos e rodou sobre suas costas.

— Uma mulher que não é realmente livre até que não veja seu noivo na quinta-feira.

— Na quinta-feira não — Disse ele — Hoje.

— O que quer dizer?

Darragh negou com a cabeça. Viu-se invadido por um intenso sentimento de ansiedade durante toda a noite. Tinha começado ao levantar-se depois de um de seus encontros sexuais e



dar-se conta de que se despertou.

Era estranho pensá-lo, mas assim era. Como se, pela primeira vez em décadas, de repente sentisse a cabeça limpa. Como se Gwyneth tivesse tirado de cima um feitiço que tinha sido jogado graças a sua avareza. Um feitiço produto da magia negra de Orla, a leannan sidhe que o tinha seduzido e tinha roubado o sentido comum.

Tinha querido a pedra Dearann. Exilou-se de seu próprio mundo para procurá-la, como se isso fosse pagar seu crimes. Em vez disso, encontrou-se com um tesouro muito mais valioso para ele.

Deveria ter se sentido aliviado. Exultante. Excitado. De acordo, estava-o. Mas ao mesmo tempo tinha o pressentimento de que deixou algo inacabado na enorme casa de pedra onde tinha pensado atormentar à filha da rainha.

— Acredito que é importante para os dois retornar ali pela manhã — Disse à Gwyneth — Para esclarecer coisas entre nós.

Algo ia mau, mas não sabia o que.

Durante um longo tempo, Sorchá não se moveu de entre os braços de Harry. Nem sequer jogou a cabeça para trás para poder ver seu rosto enquanto dormia. Necessitava descanso e sabia que estava difícil descansar. Por fim sabia o que era que tinha incitado parte de seu automático desprezo.

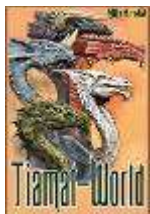
Os sonhos. Os sonhos infectados pelas Dubhlainn Sidhe. Embora tivessem sido tão maus como os seus, podia compreender o muito que deviam tê-lo afetado. Sabia que os de Harry tinham sido piores. Depois de tudo, Harry era em seu maior parte mortal e os mortais eram mais suscetíveis. Sobre tudo os mortais que não acreditavam e que, portanto, não podiam defender-se.

Pobre Harry. Ele só desejava proteger aquele lugar sagrado e às pessoas que o habitava, se desse conta ou não. Guardava uma grande paixão no mais profundo de seu ser, onde acreditava que não poderia lhe afetar. Sorchá se ruborizou ao recordar o que acabavam de compartilhar e as fadas não se ruborizavam. Ao menos não por um ato tão natural. Mas nenhum ato no que ela tivesse participado tinha sido tão... Tão...

Levantou uma mão e a deslizou pelo pelo de seu ventre plano. Depois voltou a subi-la até seu peito. Não podia imaginar algo assim, uma abração tão deliciosa contra o peito de uma fada. Só pensar nisso fazia que seus mamilos se endurecessem. Adorava as texturas daquele mortal. Pelo encaracolado em seu peito, barba em sua mandíbula, músculos desenvolvidos em seus braços e pernas.

Sorchá adorava suas pernas, seu peito, sua testa carrancuda pela preocupação constante. Desejava apagar suas preocupações, lhe tirar o peso dos ombros. Queria provocar sorrisos e fazê-lo rir.

Inclinou-se sobre ele porque não pôde evitá-lo e lhe deu um beijo no ombro. Saboreou seu suor e sentiu como seu ventre se esticava com o desejo. Respirou profundamente para memorizar seu aroma igual havia feito com sua textura. Sabia que estava derramando lágrimas sobre sua pele



pelo que havia feito àquele homem. Pelo isso lhe tiraria. Pelo que isso tiraria dela.

Ela partiria. Isso era inevitável. E ele ficaria. Mas Sorcha sabia que durante toda sua vida viveria sabendo que tinha perdido seu coração, que ficaria ali, naquele lugar frio e selvagem, nas mãos daquele homem.

— O que aconteceu? — Perguntou ele. Levantou-lhe a face e começou a lhe dar beijos nos olhos — Foi tão horrível assim?

Sorcha não pôde evitar rir.

— É muito típico de um homem ir procurando cumprimentos.

— Não o compreendo — Murmurou ele.

— O que? Por que não foi horrível?

— De fato sim.

Sorcha se incorporou sobre um cotovelo e deslizou um dedo por sua testa.

— Já disse. Este é um lugar sagrado. Aqui está a salvo.

Harry negou com a cabeça e Sorcha soube que estava a ponto de refutá-lo. A ponto de voltar para a negação e à racionalização, onde poderia voltar a enterrar sua alma de fada no mais profundo de seu corpo mortal.

— É óbvio — Murmurou ela — Poderia estar equivocada. Quero dizer que só temos uma experiência com a que julgá-lo.

— Por que arriscaria a algo tão terrível?

— Porque sei que não será terrível, Harry. Não acredita que deveríamos sabê-lo com certeza?

Harry tinha começado a deslizar as mãos por seu corpo. Aproximou-a mais a ele e já não ficou dúvida de sua excitação. Sorcha sabia que estava atormentando-o. Sabia que era provável que castigasse a si mesmo pela manhã pelo que estava a ponto de fazer. Não se importava. Necessitava-o com toda sua alma. Precisava compartilhar a beleza da criação com o único homem ao que poderia amar antes de ver-se obrigada a retornar.

— Por favor, Harry — Sussurrou enquanto deslizava a mão para baixo para fechá-la em torno de sua ereção — Celebra-o comigo.

As carícias de Harry desencadearam nela um fogo ardente ali onde a tocava e despertavam uma ânsia doce que só podia aliviar-se com a consumação do desejo.

“OH, mãe terra”, pensou enquanto Harry se agachava sobre ela para capturar seu seio com a boca. “Isto é a criação. É a perfeição”.

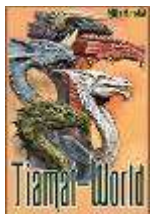
“Isto é amor”.

Ele deslizou as mãos por todo seu corpo, pelos lugares secretos que a faziam ofegar e gemer. Ela se derretia com o toque de sua língua. Separou as pernas e recebeu a tortura de seus dedos.

— Agora, Harry — Suplicou — Por favor. Agora...

Harry riu contra seus seios.

— Será um prazer — Murmurou, rodou sobre suas costas e a levou consigo até colocá-la



em cima, escarranchado.

Estava sorrindo e a luz do farol realçava o branco de seus dentes. Pela primeira vez desde que o conheceu, parecia feliz, realmente feliz e isso fez que as lágrimas se amontoassem em sua garganta. Se tão somente pudesse lhe dar aquilo. Se pudesse aliviar sua carga durante umas poucas horas. Se pudesse dar um pouco de paz naquele lugar perfeito. Se tão somente...

Agachou-se sobre ele e abriu a boca para beijá-lo e saboreá-lo, para fazer saber que era sua meta, deslizava a mão para baixo e acariciava sua ereção, enquanto a penetrava até o mais profundo de seu ser, onde poderia retê-lo para sempre. Começou a mover-se acima e abaixo, atormentando-o, atormentando a si mesma, sentindo o fogo em seu interior enquanto Harry acariciava seus seios com as mãos sem deixar de beijá-la. Cavalgou sobre ele como cavalgava sobre um de seus cavalos, até que as cores da terra se iluminaram atrás de seus olhos fechados, até que, incapaz de controlá-lo mais, jogou a cabeça para trás e desfrutou do clímax que explodiu dentro dela.

Cian não podia aproximar-se mais a daquela pequena sala; teve que ficar junto ao bosque circular de árvores sagradas. As árvores de Dearann, a pedra mãe, o maldito grão no traseiro que ainda estava tentando localizar.

Sabia onde estava a pequena Sorch. Tendo em conta o espetáculo de luzes que tinha visto explodir através das janelas e através do telhado de ramos entrelaçados, não cabia dúvida. A pequena Sorch estava criando vida ali dentro. Um presente para a mãe terra, imaginava. Mas bem um presente para o mortal, que não merecia a felicidade das fadas.

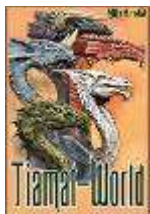
Já se encarregaria disso mais tarde. Naquele momento, Sorch era vulnerável, sem importar quantos ramos e folhas sagradas tivesse compilado para rodear a casa de pedra. Naquele momento, nas profundidades da noite, quando o Dubhlainn Sidhe avançasse entre as sombras, o mundo estaria mais aberto a sua persuasão. E estava de humor para isso. Necessitava um pouco de caos.

Separou-se da explosão de luz que já começava a desaparecer pelo telhado e se dispôs a semear o caos. Quem dizia que não poderia passá-lo bem enquanto procurava tesouros?

Capítulo 10

Sorch estava muito quieta, escutando o silêncio da primeira hora da manhã. O sol apareceria logo por cima das colinas. Começaria o novo dia e ela seguia envolta nos braços de Harry na sala sagrada. Não tinham dormido muito durante a noite. Cada vez que dormiam, um dos dois acariciava instintivamente o outro e começavam a excitar-se de novo. Mas logo acabaria, pois o descanso de Harry não duraria muito.

— Vive em um lugar bendito, Harry — Disse com voz suave — E mesmo assim está



zangado. Poderia me dizer por quê?

Durante vários segundos, Harry não respondeu. Sabia que estava acordado, pois movia os dedos brandamente através de seu cabelo.

— Não estou zangado — Disse — Estou aterrorizado. Vivemos tão perto da borda que até posso ver as rochas ao fundo do escarpado. Um pouco de má sorte poderia custamos muito caro.

— Tão mau é?

— Não estaria escravizado na cidade se não fosse assim.

— Mas não parece muito cômodo nessa casa pela que tanto lutas.

— Isso é pelos pesadelos, que, segundo você, são criação de seus amigos.

— Sinto muito, Harry. Mas a pedra Dearann é muito apreciada e todos pensavam que a tinha você.

— E quando a encontrasse, o que iria fazer?

— Já lhe o disse. Protegê-la.

— Não é certo — Disse ele — Ia roubá-la.

— Teria sido a única maneira de protegê-la, Harry. Se acredita que seus pesadelos são maus agora, não pode imaginar o que ocorreria se as Dubhlainn Sidhe conseguissem pegar a pedra.

— Acredito que nunca saberemos.

Sorcha sentiu como as lágrimas ameaçavam de novo, o sentimento de futilidade crescia em seu interior.

— Não — Disse tentando não soar desesperançada — Nunca saberemos.

Ouviu o gorjeio dos primeiros pássaros, almas valentes que cantavam contra o frio e o vazio. Sabia que a partir desse momento Harry e ela mediriam seu tempo a sós em minutos mortais.

— Se pudesse ter algo, Harry — Disse — O que seria?

— Eu não penso nessas coisas.

— Se o pensasse. Se jamais tivesse tido que ir à cidade. Se...

— “Se” for uma palavra inútil, Sorcha.

— E o que me diz de “fingir”, Harry? Poderia fingir aqui comigo, onde ninguém pode nos tocar? Onde estamos a salvo do mundo exterior e de seus problemas? O que faria?

Durante vários segundos, Harry seguiu lhe acariciando o cabelo e Sorcha pôde sentir a tensão em seu ombro.

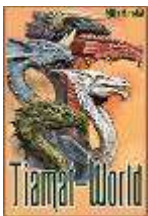
— Passaria todo meu tempo com os cavalos — Respondeu ele finalmente — Os cavalos nunca mentem. Nunca fazem promessas que não podem cumprir nem se perdem no impossível nem...

— Nem esbanjam o dinheiro?

— Sim.

— Tão terríveis eram seus pais?

— A verdade é que não sei — Respondeu — Quando eu fiz nove anos já tinham morrido. Apenas tenho as lembranças, e a minha avó.



— Sinto muito, Harry. Como os perdeu?

Harry riu amargamente.

— Não fui eu quem os perdeu, Sorcha. Isso o fizeram eles sozinhos. Foram-se e nunca retornaram.

— Como?

— Meteram-se os três em um furacão quando procuravam a Atlântida.

— Em que oceano?

Harry a olhou com severidade.

— Bom, ajudaria saber que era o oceano correto, não acredita? — Esclareceu ela com um sorriso.

— Não acredito. Não existe o oceano correto. Só estelionatários dispostos a vender suposto artefatos aos crentes, ao igual às peças da cruz autêntica.

— Não acredita absolutamente, Harry? Em nada?

— Claro que sim. Acredito em mim. Em Phyl, na avó, nos meninos... Na beleza de um acordo de negócios bem feito. Na elegância de um cavalo quando corre, na responsabilidade de ser o gerente de umas terras que passarão a seguinte geração.

— Me pergunto se pensaria de outra forma se seus pais tivessem vivido mais tempo. Se tivessem dado um pouco de magia.

— Duvido-o. A obrigação de um filho é rebelar-se contra seus pais.

— OH, sim — Disse ela — Imagino que é assim. Mas não importa quão desagradáveis sejam os pais, pois segue sendo uma perda não tê-los conhecido.

— Então seus pais são desagradáveis, Sorcha?

— Chama-se Mab, Harry. A rainha das Tia de Dannan. Claro, as rainhas têm pouco tempo para seus brotos, a não ser que sujem o sobrenome familiar ou interfiram com sua maneira de governar o clã — Deu de ombros e colocou a mão sobre seu coração — Era uma mãe tão boa como pode ser uma rainha, suponho. Sempre soube que estava aí. Isso é certo.

— E seu pai?

— Não é assunto meu isso saber.

— Tem que está de brincadeira.

— É certo — Respondeu ela — Assim funcionam nossas rainhas. Elas escolhem seus consortes e elas os desprezam também. E a minha mãe, a rainha, adora isso de desprezar.

— E eu que pensei que ter uma avó imperiosa era duro.

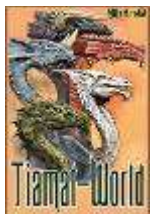
— OH, sua avó é uma mulher encantadora, Harry E meu respeito para ela aumentou grandemente, sabendo que teve que te criar. Tenho a sensação de que não foi um menino fácil.

— Era um diabinho — Admitiu Harry — E ainda o sou às vezes. Mas uma pessoa só aguenta uma determinada quantidade de contos de fadas antes de rebelar-se contra isso.

— De modo que te entrega à razão.

— Exato.

Os pássaros cada vez trilavam com mais força e pareciam multiplicar-se. Inclusive os



pássaros mortais reconheciam um lugar sagrado quando o viam.

— Então qual é seu mundo perfeito, Harry? Quando fecha os olhos e imagina com seus cavalos, onde é isso?

Aquela vez sua pergunta foi recebida por um completo silêncio e pela tensão no corpo do Harry.

— Não me imagino — Respondeu por fim.

— OH sim — Sussurrou ela — Eu acredito que sim. É tão terrível porque não acredita no mundo que pintou em suas paredes, ou porque sabe que alguma vez poderá ir ali?

— Não diga isso — Disse ele.

— Porque dói?

— Porque é uma fantasia.

— Se fosse, não acredito que te atormentasse tanto. Não é só uma imagem de sua cabeça, Harry. É uma lembrança.

— Não seja absurda — Respondeu ele — São os desenhos de um lunático. São tolices.

— E mesmo assim não pode te manter afastado desses muros, verdade?

— Como sabe...? — Ficou calado e Sorchia soube que estava horrorizado por sua admissão.

Começou a acariciá-lo para tentar acalmá-lo e que a verdade não fosse tão difícil de assimilar.

— Porque encontro a mim mesma nessas salas sem saber como, como se houvesse ali um ímã. Não são minhas colinas, sabe? Não é meu lar o que pintou ali. Acredito que talvez seu antepassado descreveu as montanhas do sul onde habitam as Dubhlainn Sidhe. E mesmo assim, são colinas de fadas. Os cavalos, as flores, tudo pertence ao mundo das fadas. E cada vez que as vejo tenho saudades meu lar e me enchem os olhos de lágrimas. E as fadas não choram. Eu conheço o mundo das fadas. estive ali. Sei que sempre existe a possibilidade de voltar para casa. Mas não imagino por que me doía tanto ver essas colinas ali pintadas.

Sentiu a dor crescendo no peito de Harry. Levantou-se e deu um beijo comprido que levou a outros beijos, a murmúrios e a ofegos de surpresa e finalmente a doce agonia da consumação.

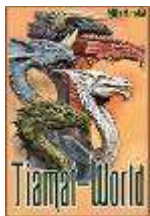
— Eu não... Não acredito em nada disso — Insistiu ele finalmente.

— Claro que sim — Respondeu Sorchia afastando-se de seu abraço e com o coração ainda acelerado depois do clímax — Se não acreditasse, não teria permitido que Lilly subisse sozinha no cavalo. Não teria deixado que se aproximasse de mim. Vamos fingir de novo. Só por um momento, finjamos que não temos que atravessar essa porta. Ficamos aqui, a salvo. Seu sonho mais selvagem, Harry. Aquele que nem sequer contou a sua prima, que te conhece melhor que ninguém. Qual seria esse sonho, Harry?

— Sair deste mundo e entrar no que pintou nas paredes — Respondeu Harry com um intenso desejo na voz.

Aquelas palavras pareceram impulsioná-lo. Ficou em pé e começou a recolher sua roupa. Sorchia manteve os olhos fechados.

— Ah, temia isso.



— Porque é uma loucura.

— Porque te acredito. Senti-o em você desde o começo. Não importa o muito que o tente, simplesmente não encaixa neste lugar. Nem sequer nestas colinas.

— Não seja absurda — Disse ele enquanto colocava aquilo que chamavam cueca — Nasci aqui. É meu legado e o deixarei a meus filhos. E o deixarei intacto, não com fissuras para satisfazer as alucinações da gente que veio antes. Aqui é onde pertencem. A razão pela que sou infeliz é porque tenho que passar quase todo meu tempo na cidade para me assegurar de que aconteça.

— Se isso fosse certo — Disse Sorchia enquanto se incorporava da cama — Então teria encontrado tranquilidade aqui com seus cavalos, com sua família. Sobre tudo com Lilly, pois ela é um autêntico presente de luz e de alegria. Mas não é assim, Harry. Não é feliz e essa é uma tristeza muito grande para suportá-la.

Harry se voltou para ela e Sorchia ficou gelada. Não ocorreu pensar que estava nua, que aquilo poderia ser uma distração.

— Ponha algo em cima — Disse ele.

— Estou feia assim?

Harry abaixou a cabeça e riu.

— Simplesmente... Faça-o.

Sorchia foi colocar o vestido e se surpreendeu novamente a diferença das texturas mortais. Não podia dizer que não intrigassem seus materiais. Embora não acreditava que pudesse sobreviver com eles. Representavam uma barreira muito grossa entre a terra e ela. Perguntou-se que aspecto teria Harry com um traje de fada.

Seria elegante, e suas cores sem dúvida seriam uma gama de verdes.

— Quer que te fale de meu lar, Harry? — Perguntou-lhe depois de vestir-se.

— Não — Respondeu ele enquanto colocava as calças — Não me faria nenhum bem.

— Porque nunca poderia ir?

— Não seja absurda. Claro que não posso ir. Não há nenhum lugar ao que ir.

— Claro que há. E sabe. Soube desde o começo, embora tente negá-lo. E poderia ir, se quisesse. Prometo-lhe isso.

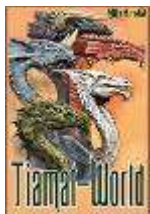
— Sim, claro. Entraria correndo na névoa, como todos meus antepassados quisessem fazer, e deixaria este lugar A... A quem, exatamente? Aos credores? Maravilhoso. Então minha avó acabaria em uma residência de velhos, comendo mingau, e os meninos que tanto quer viveria em alguma urbanização e não voltariam a ver um cavalo em suas vidas. O único cavalo ao que subiria Lilly seria de esses aos que joga moedas em uma feira. Brilhante. Acredito que irei contigo agora mesmo. O que te parece?

— Se pudéssemos encontrar a maneira — Disse Sorchia — Se tudo fosse possível, alguém que protegesse seu imóvel, um lugar para que todos ficassem felizes... Então o que?

Harry fechou os olhos e Sorchia pensou em quão bonito era.

— Tudo não foi possível desde que nasci — Disse ele — Esta discussão não tem sentido.

— Se partisse, quem ficaria com a casa?



— Phyl.

— Transformaria-se em condessa?

— Em baronesa, herdeira da avó. Theo seria o conde.

— E isso seria mau?

Harry abriu os olhos e se girou para ela, como se estivesse preparado para contra-atacar.

—Seria? — Insistiu ela.

E viu a resposta em seus olhos, o desejo, a incredulidade, a raiva pelas responsabilidades que tinham caído sobre seus ombros.

— Não é possível. A responsabilidade é minha.

— Então Phyl perderia a casa? Estragaria aos cavalos?

— Sabe perfeitamente que não faria nenhuma dessas coisas. Faria um excelente trabalho. Mas não deveria ter que fazê-lo.

Sorcha assentiu distraidamente. Ela também o entendia. Phyl era uma mulher forte com uma mente acordada e uma alma generosa. Com o tempo poderia fazer florescer aquele lugar. Se tivesse tempo. O qual não era o caso.

— Deve haver uma maneira, Harry — Disse Sorcha — Não posso acreditar que nos conhecêssemos por acaso e tenhamos que nos separar do mesmo modo. Estamos feitos para estar juntos, aqui, neste lugar. Estamos feitos para trocar o futuro dos mortais e das fadas.

— Não estamos feitos para tal coisa — Assegurou ele — Amanhã volto para trabalho, e você...

— Não posso partir até que não encontre a pedra Dearann, Harry. Essa era a tarefa que me trouxe aqui e, se não a cumprir, tudo estará perdido.

— Me diga por que.

— Tem razão. Merece toda a verdade.

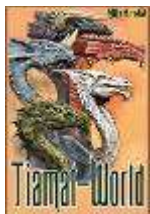
Sem deixar de olhar as mãos, Sorcha contou toda a verdade. Falou das três pedras filiares, da perda de uma e do roubo da outra e do desequilíbrio que começaria a fazer-se notar à medida que avançassem os dias tanto no mundo mortal como no das fadas. Falou da necessidade de recuperar a pedra que devolveria a vida ao mundo com o tempo.

— E as Dubhlainn Sidhe não querem que isso ocorra?

— Claro, mas não acredito que sejam capazes de pensar nisso agora — Admitiu ela — A pedra Dearann sempre deu equilíbrio a sua ira masculina e a suas ânsias de poder. Sem ela, não raciocinam. Não se dão conta de que, em sua luta por obter o maior poder, condenaram a si mesmos antes de condenar ao resto. Não haverá vida em sua terra. Nem nascimento, nem calor. Nada. Viveram com sonhos de vingança durante tanto tempo que já não acredito que saibam o que implicará essa vingança.

— E a pedra Dearann trocaria isso?

— Essa é a questão, Harry. Você não tem a pedra e não sabe quem a tem. O que significa que terei que partir muito em breve e procurá-la. E rezar para levar comigo às Dubhlainn Sidhe. Porque se não o faço é possível que fiquem em seus sonhos. Nos seus e nos de Theo. E, para ser



franca, sem a pedra Dearann não sei como detê-los.

— Pode-se matá-los? — Perguntou ele.

— Não é algo que possa ter em conta, Harry, se ferir alguém do povo das fadas, cai sobre você uma maldição que eu não posso levantar. E, como você disse, muita gente depende de você para nos arriscar a tal coisa.

— Uma maldição? — Perguntou ele arqueando uma sobrancelha.

— Seus pesadelos piorariam, Harry, até te deixar louco.

— Acreditava que as fadas não podiam obrigar pela força.

— Temo-me que isto é mais bem uma sugestão. Eu mesma tive esses sonhos, Harry. Assim sei quão maus são. Não tem ideia de até onde podem chegar.

— Excelente — Disse Harry enquanto passava uma mão pelo cabelo — Assim suponho que tudo o que estivemos fingindo também é real.

— A não ser que recupere a pedra Dearann e a devolva a corte das Tuas, sim. Porque sem seu poder não voltaremos a ver a primavera.

— De acordo então — Disse ele enquanto abotoava a camisa — Acredito que é hora de ir.

Inclusive sua postura dizia. Seu interlúdio tinha acabado, tinha sido esquecido como se nunca tivesse começado.

Salvo por uma coisa. Tal como faziam seu ancestrais, Sorchia sabia que antes da perda de toda vida, haveria uma mais, criada na beleza daquele lugar. Sabia que em algum momento do verão, pois tinha que acreditar que o verão voltaria, daria a luz ao filho de Harry.

Aquilo ajudava ou doía mais? Era algo que devia dizer, quando ainda estava tentando assimilar o que era? Logo, pensou enquanto punha um casaco sobre os ombros para sair ao exterior. Logo decidiria se seria melhor para os dois se soubesse. Melhor para o bebê que estava por nascer.

— Então acredita, Harry? — Perguntou, porque tinha que sabê-lo.

— Claro que não — Respondeu ele, mas seu sorriso era amargo. Apesar de seu racionalismo, acreditava. Era evidente — Seria o bobo sim...

De repente se deteve e levantou a cabeça. Ficou completamente quieto. Sorchia seguiu a direção de seu olhar e se perguntou o que teria passado.

Então o ouviu. Vozes longínquas. Golpes. Um cavalo golpeando as paredes do estábulo com todas suas forças.

Harry e ela se olharam.

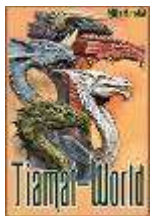
— Que diabos...?

De novo voltou a ouvir o cavalo e então Sorchia o reconheceu.

— É Saoirce — Disse dando um passo para a porta.

Naquela ocasião Saoirce emitiu um autêntico grito de fúria.

— Lilly — Disseram ao unísono e deixaram a porta aberta ao sair correndo colina abaixo.



Capítulo 11

As luzes do estábulo estavam acesas. Harry viu alguns dos moços correndo para o redil onde guardavam as éguas. Viu como as luzes se acendiam na casa do jardim, ao outro lado dos pastos. E então ouviu o som mais terrível que poderia ter ouvido em toda sua vida. Um relincho desesperado capaz de sobressaltar a alma de uma pessoa.

Lilly.

Saoirce voltou a relinchar e se revolveu em seu estábulo.

— Precisa sair — Disse Sorchá — Por favor, Harry.

— Deixem sair! — Gritou Harry à medida que se aproximava do perímetro do estábulo.

— Está seguro, senhor? — Perguntou o chefe do estábulo.

— Faz-o!

— Abram sua porta! — Ordenou a seus homens.

O cavalo voltou a revolver-se, a golpear a porta de madeira com as patas... E de repente um segundo de silêncio. Pouco depois, Saoirce saiu correndo do edifício para eles.

Harry jogou a Sorchá a um lado justo antes que o cavalo passasse por diante. Nem sequer pareceu vê-los.

— Está descontrolada! — Gritou um dos moços.

— Vai atrás de quem está fazendo mal a Lilly — Disse Sorchá a Harry.

— Deixem partir! — Disse Harry a seus empregados — Sigam se puderem, mas não a retenham.

Olharam-no como se tivesse louco. Talvez fosse assim, mas não tinha tempo para discuti-lo. Lilly seguia gritando em seu quarto. Um quarto que Phyl tinha pintado com nuvens e personagens de conto. O som que a menina estava fazendo era uma violação de um lugar tão especial.

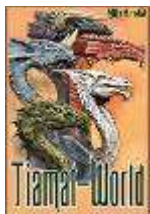
Harry não esperou a que ninguém abrisse a porta de Phyl. Procurou no vaso de barro que havia no alpendre, tirou a chave e a meteu na fechadura com dedos trêmulos. Abriu a porta e entrou sem pensar.

Nada mais entrar, ouviu a voz frenética de Phyl do vestíbulo, um espaço cheio de botas usadas, agasalhos impermeáveis e cascos. Ouvia Theo e Lilly, que parecia não poder parar de gritar.

Ouvia os mesmos gritos que tinha estado ouvindo em sua cabeça durante as últimas quatro semanas.

Subiu os degraus de dois em dois e nem sequer advertiu os passos da Sorchá atrás dele. Não podia imaginar o que estaria passando pela cabeça de Lilly. Mas o pior era que não sabia como detê-lo.

Phyl devia tê-los ouvido entrar. Quando Harry entrou pela porta do quarto da menina, sua prima o olhou fixamente. Ia descalça, só com uma camisola, e em seus braços sustentava à pequena Lilly, que gritava sem parar, muito rígida e com os olhos muito abertos. Sua prima



chorava desconsoladamente e Theo, de pé a um lado, tratava de acalmar a sua irmã lhe acariciando as costas.

— OH, Deus, Harry — Disse Phyl — Faz algo!

Mas Harry se deteve em seco. Não havia nada que pudesse fazer. Não sabia como deter aquilo. Nem sequer podia deter os gritos de sua cabeça. Como se o tivesse ouvido, Theo o olhou e Harry soube que estava pensando o mesmo.

— Porquinho — Disse Harry enquanto tomava à menina nos braços — Calma porquinho. Calma...

Mas Lilly não via. Não reagiu absolutamente quando a abraçou contra seu peito. Tremia com o terror que alagava sua cabeça e seguia chorando como se fosse o último que ficasse dentro.

— Santo céu — Sussurrou Sorchia com voz rota — Como pôde? Isto rompe todos os juramentos das fadas!

Aproximou-se para tomar Lilly nos braços, mas Harry se afastou. Foi ilógico, mas não pôde evitá-lo. Ela havia feito que acontecesse isso a sua sobrinha. Não permitiria que uma criatura malévola destroçasse a alma.

— Faz algo — Disse a Sorchia — Você trouxe a praga a esta casa. Te ocorre alguma ideia brilhante? Acredita que os ramos das árvores e as folhas de acebo serão suficientes?

— Pensei que os tinha protegidos — Disse ela com lágrimas nos olhos — Pensei que... — Balançou a cabeça e afastou o olhar — Theo, deve ir a esse quarto em que estive dormindo e me trazer minha bolsa.

— Que bolsa? — Perguntou Harry — Não tem nenhuma bolsa.

— Tenho uma. Não pode vê-la a não ser que eu queira — Se girou para o menino — Ponha o casaco e os sapatos. A bolsa está guardada sob meu travesseiro. Há uma bolsa mais pequena dentro, verde e suave. Treme-a o mais rápido que possa.

Theo não a questionou. Simplesmente deu a volta e saiu correndo. Depois Sorchia olhou a Harry e estirou os braços para sustentar Lilly, mas Harry voltou a afastar-se.

— OH, não — Disse ele — Acredito que já há fato suficiente.

— Talvez, Harry, talvez. Mas também posso te fazer o único bem que pode fazer-se esta noite. Theo me trará as ervas, as que me salvaram da enfermidade.

— Era um resfriado — Grunhiu ele.

— Para você sim. Mas não para um corpo de fada.

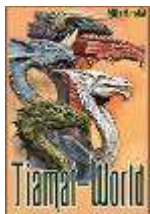
— E do que servem essas ervas agora?

— De nada. Mas há outra mistura na bolsa que sim serviria. Nossa bean tighie me deu isso para ajudar a curar a qualquer mortal que se visse afetado por uma enfermidade de fadas. Acredito que isso ajudará a Lilly.

— Acredita? Isso não é muita ajuda, Sorchia.

— Harry — Disse Phyl — Já basta. Se pode ajudar a Lilly, que o faça. A não ser que você tenha outra ideia.

Harry abraçou a sua sobrinha com força e tratou de controlar sua fúria. Claro que não tinha



outra ideia. Nem em seus piores pesadelos poderia ter imaginado algo assim. Fechou os olhos e apoiou a bochecha na cabeça de Lilly.

A menina não reagiu. Seu corpo seguia rígido.

— Se lhe fizer mais dano... — Foi o único que pôde dizer.

Aguardaram, segundo após segundo, aterrorizados pelos gritos de Lilly, até que o sol terminou de sair e iluminou o quarto com sua luz.

O ursinho Winnie the Pooh sorria da parede, acompanhado de seus amigos. Os três porquinhos, aos que Lilly tinha batizado como Spot, Hill e Harry, dançavam ao ritmo da melodia do flautista de Hamelin. Chapeuzinho Vermelho estava de pé com atitude desafiante diante o lobo. Harry teria jurado que todos pareciam assustados.

Não podia suportar aquilo. Não podia.

Viu Theo dobrar a esquina da casa e sair correndo pelo bosque. Ouviu umas pegadas aceleradas e se girou para a porta. Viu que B já estava ali, com sua camisola de princesa e o polegar na boca. Quis ir com ela, mas não podia suportar a ideia de soltar ao Lilly.

— Phyl — Sussurrou.

Sua prima viu sua outra filha e correu para tomá-la em seus braços.

— Não passa nada, carinho — Disse enquanto a abraçava.

— Lilly — Disse a menina sem entender nada.

— Sim — Disse sua mãe — É Lilly.

Phyl se aproximou dele para que as meninas estivessem juntas. Mas até que não ouviu que Theo retornava e se girou para a porta, não se deu conta de que Sorchia estava separada deles, completamente sozinha, rígida e em silêncio.

O coração deu um tombo ao vê-la. De repente quis abraçá-la, lhe dar a bem-vinda a sua família. E mesmo assim não podia evitar culpá-la. Como se houvesse dito as palavras em voz alta, Sorchia o olhou, e Harry viu a dor dilaceradora em seus olhos.

— Toma, Sorchia — Disse Theo ao entrar no quarto.

Sorchia aceitou o que parecia uma bolsinha verde, como as que aos joalheiros gostava de encher de correntes de prata. Disse obrigado e balançou a bolsa em sua mão.

— Temos que conseguir que engula isto — Disse ela ao abrir a bolsa — Começarei com uma pequena quantidade e a aumentarei cada poucos minutos até que vejamos algum resultado.

— O que há dentro? — Perguntou Phyl.

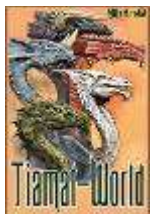
— A verdade é que não sei. Nossa curandeira o preparou. Mas nunca faria mal a uma criança, juro-o. As ervas são para ajudar a um mortal a superar uma enfermidade de fadas. Acredito que podem ajudar Lilly.

Phyl deu um forte abraço a B e a deixou no chão junto a Theo.

— Então vamos — Disse.

Sorchia assentiu e se agachou para tornar uma pequena quantidade de erva verde na palma da mão.

— Com um pouco de água o engoliria melhor. Mas cuidado. A erva tem que ser ingerida,



mas não queremos que se afogue.

Foi complicado. Harry trocou Lilly de postura para tombá-la de barriga para cima em seus braços. Phyl umedeceu uma pequena camiseta na jarra que havia sobre a cômoda. Sorchá se aproximou e pôs um pouco de erva à menina na boca. Logo Phyl escorreu a camiseta para que gotejasse a água. Ao princípio Lilly cuspiu e tossiu.

Sorchá aguardou e observou. Harry não podia suportar a espera. Queria gritar. Queria destroçar algo com as mãos. Queria emular a seu próprio cavalo e correr atrás do inimigo com um grito de guerra.

Sorchá afastou o cabelo da testa de Lilly e capturou suas lágrimas com os dedos enquanto cantava em gaélico.

— Outra vez — Sussurrou.

Repetiram a operação com o mesmo resultado.

— Isto é uma estupidez — Disse Harry — Temos que chamar o médico e que a sede.

— Não! — Exclamou Sorchá — Seus remédios a matarão. Deixa que meu remédio funcione. Necessita um pouco de tempo.

— Ela não tem tempo! Olha-a!

— Vejo-a perfeitamente, Harry. Por favor, confia em mim.

Harry abriu a boca para dizer o que pensava daquele absurdo, mas por alguma razão não pôde fazê-lo. Não podia deixar de olhar a determinação em seus olhos. Sorchá deu um passo à frente e os raios do sol a iluminaram. Nesse momento, Harry não soube por que não deveria confiar nela.

— Faz outra vez — Disse.

Sorchá voltou a derrubar a bolsa sobre sua mão. Phyl umedeceu a camiseta e Harry segurou Lilly o suficientemente perto para que pudessem administrar o que fora que levassem essas ervas.

E surpreendentemente os prantos de Lilly diminuíram.

— Vê? — Sussurrou Sorchá enquanto acariciava o rostinho da menina — Já se sente melhor.

— Lilly? — Disse Phyl — Minha porquinha?

Harry o sentiu antes de vê-lo. Viu-o antes de ouvi-lo. Ouviu-o antes de acreditá-lo. O terror de Lilly ia desaparecendo pouco a pouco. O sonho, ou o que fosse, estava abandonando seu corpo, que ia relaxando-se por momentos. Os prantos se converteram em soluços esporádicos e seus olhos se fecharam lentamente.

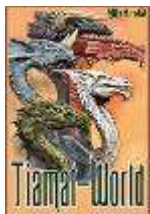
O quarto ficou em silêncio. Os quatro ficaram ali de pé, com os olhos muito abertos, contemplando à menina nos braços de Harry.

— OH Meu Deus — Disse Phyl enquanto tomava a sua filha em braços e começava a chorar.

— Mamãe? — Disse B.

Foi Sorchá a que se ajoelhou junto a ela.

— Deixa que sua mamãe reconforte Lilly um pouco, carinho. Quer me reconfortar você?



B não disse nada, mas levantou os braços. Sorcha a levantou e a abraçou enquanto lhe acariciava o cabelo. E Harry, que sabia como se sentia Theo, abraçou-o com força até que ambos deixaram de tremer.

— Não quero voltar a ver isso jamais — Disse o menino e olhou a Sorcha com insegurança — Por que não funcionou o espinheiro? Nem o acebo, nem a aveleira? Pensei que tinham que nos proteger.

— Só rodeamos a casa grande com eles — Respondeu Sorcha — Mas não pensamos nesta.

— Esqueci-o...

Harry se ajoelhou frente a ele.

— Não se esqueceu de nada. Quem poderia imaginar algo assim?

— Sorcha imaginou — Disse o menino — Disse que tínhamos que nos proteger quando ela partisse a procurar a pedra Dearann. Disse que se asseguraria de...

— OH, Theo — Disse ela com B em braços — Já não importa. O que importa é que passemos a manhã rodeando sua casa com ramos.

— E os estábulos — Disse Theo — Acredito que ouvi um dos cavalos gritar.

Sorcha olhou pela janela, como se pudesse ver o caminho que tinha tomado Saoirce.

— OH, não — Disse—. Essa era Saoirce, que estava cumprindo com sua responsabilidade como protetora de Lilly. Vai atrás da besta que fez isso.

— Encontrará-a?

— Não sei, Theo. Só sei que, se o fizer, não sobreviverá a seu castigo.

— Mamãe?

Todo mundo olhou Lilly quando esta abriu os olhos.

— Sim, minha porquinha? — Disse Phyl com lágrimas outra vez nos olhos.

Lilly esfregou as bochechas com as mãos, onde ainda brilhavam as lágrimas do Phyl.

— Molhada — Disse.

— Isso é porque estava te regando, Lilly — Respondeu sua mãe rindo.

— Por quê?

— Para te ajudar a crescer, claro — Respondeu Harry tomando-a nos braços. Não pôde evitá-lo. Tinha que abraçá-la — Não quer crescer?

— Cresço — Assegurou a menina — Estou cansada.

— Sim, porquinha — Disse ele — Imagino que o está. Se lhe deixamos voltar para a cama, acredita que poderá fazê-lo?

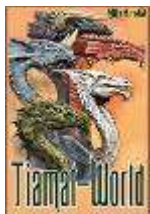
A menina assentiu e apoiou a cabeça sobre seu ombro. Poucos segundos depois fechou os olhos.

— Olá, fada — Disse a Sorcha.

— Olá, Lilly — Respondeu ela com um sorriso.

Harry estava a ponto de dar a volta para deixar Lilly em sua cama quando ouviu passos nas escadas. Eram duas pessoas. Todos se giraram para a porta, dispostos a proteger a menina.

Quando as duas pessoas chegaram à porta, pareciam esgotadas.



— Gwyneth? — Disse Harry surpreso ao ver sua noiva ali.

— Darragh? — Disse Sorchá junto a ele.

O formoso jovem situado junto a Gwyneth simplesmente sorriu.

— Quem é? — Perguntou Theo.

Sorchá abriu a boca, mas não pareciam lhe sair as palavras.

— Sou a ajuda extra, se me permitem — Disse isso o homem chamado Darragh com voz melódica.

Depois passou o braço por cima de Gwyneth.

— Suponho que isto é do que íamos falar na quinta-feira, não, Gwyn? — Perguntou Harry.

— Sinto muito, Harry. Não posso explicá-lo.

Harry suspirou. Ele sim podia. Havia algo naquelas fadas que fazia que o mundo se voltasse louco.

— Foi você quem voou sobre o carro? — Perguntou Theo.

Darragh assentiu.

— Essas máquinas são uma maravilha. Seguro que são as coisas mais rápidas de nossos dois mundos.

— E por interessante que seja isso — Disse Harry — Acredito que podemos esperar a falá-lo no andar de baixo. Agora temos que deitar Lilly.

Darragh se girou para a Sorchá.

— Ouvi-a através dos isolados — Disse — As Dubhlainn Sidhe?

Sorchá assentiu.

— É minha culpa — Disse Darragh — Deixei o caminho da porta aberto. OH, Sorchá, sinto muito.

— Bom — Disse Sorchá — Se o sentir, então pode ajudamos a encontrá-lo e a obrigá-lo a que retorne. Vê o que tem feito, Darragh? Vê quem o tem feito?

E então foi quando Darragh devia dar-se conta de que tinha sido Lilly a atormentada. Respirou profundamente e negou com a cabeça.

— É muito pior do que pensávamos. O que vai fazer, Sorchá?

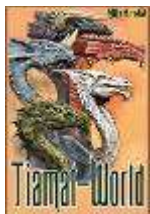
— Eu? O que posso fazer eu? Ao menos você pode provocar tempestades.

— Perdão — Interrompeu Phyl enquanto tomava Lilly nos braços — Todo mundo para baixo. Reunirei-me com vocês quando me assegurar de que Lilly está adormecida.

Depois de entregar Lilly a sua mãe, Harry se deteve para ajudar a deitar Theo e a B. Depois foi aos estábulos e viu que seu potro não tinha retornado ainda. Meia dúzia de homens tinham saído a procurá-la no Land Rovers e a cavalo.

Não havia nada que ele pudesse fazer ali, de modo que retornou a casa com os outros. Gwyneth estava sentada no colo de Darragh e Sorchá acomodada em um tamborete, como uma fada sobre uma flor. Harry balançou cabeça diante aquele pensamento tão fantasioso. Não era momento para esse tipo de coisas. Não tendo em conta o que acabava de ocorrer nessa casa.

— De verdade vai ficar? — Estava perguntando Sorchá a Darragh.



Ele assentiu.

— É melhor assim — Disse enquanto estreitava a mão de Gwyneth — Renunciei meu lugar na corte quando conspirei com Orla para que se convertesse em rainha. Não tenho nada pelo que retornar.

— E o que faria aqui?

— Minha Gwynnie diz que não haverá problema para alguém que pode prever o tempo.

— Que bonito — Disse Harry da porta — Mas agora mesmo temos um problema mais imediato.

Sorcha ficou em pé.

— Saoirce tornou?

Harry negou com a cabeça.

— Acredita que o encontrará?

— Saoirce? — Perguntou Gwyneth — Quem...?

— Starchaser — Esclareceu Harry.

— O que tem ela que ver com isto?

— É a protetora de Lilly — Explicou Sorcha, como se Gwyneth fosse compreendê-la sem mais — Está tentando encontrar à fada que fez isto.

— E se o encontra? — Perguntou Gwyneth sem duvidar.

— Fará o que nós não pudemos fazer. Detê-lo-á.

— E se não o encontra?

— Então não sei — Respondeu Sorcha.

— Vai detê-lo — Disse Darragh — Não é?

— Não sei — Repetiu Sorcha — A pedra desapareceu e sem ela...

— Desaparecido? — Perguntou Darragh — Mas Gwyn disse que estava aqui.

— Isso pensava todo mundo. Mas a pedra que há aqui não é a pedra Dearann. Não é uma pedra de fadas absolutamente, temo-me.

Harry viu a surpresa no rosto de Darragh e se sentiu algo melhor ao saber que ao menos ele não era o causador de tudo aquilo. Ao parecer, Darragh tinha estado concentrado em seduzir a sua noiva. E o mais surpreendente de tudo era dar-se conta do pouco que se importava disso.

— Deve fazer algo, Sorcha — Disse Darragh — Sem a pedra estamos perdidos.

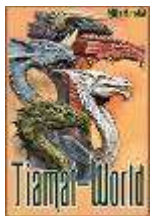
— Eu? — Perguntou Sorcha — O que posso fazer eu? Só sou uma mestra de escola, Darragh. Não tenho nenhum grande poder.

— É a filha de Mab — Protestou Darragh — Ela te escolheu como sua herdeira. Enviou a esta missão. Ela deve pensar que tem o poder suficiente.

— Ela não pensa nada, salvo que é sua hora de ir-se. Falhei a minha gente e agora também aos mortais. Não há nada que possa fazer, Darragh. Nada.

— Então temo que terei que fazê-lo eu — Disse Harry para ouvir o desespero em suas palavras.

— OH, não, Harry — Disse ela — Isso não é possível.



— O que pode fazer você, Harry? — Perguntou Gwyneth.

Harry esfregou a ponte do nariz, onde se tinha instalado uma dor de cabeça. Desde o começo tinha sabido que não poderia guardar aquele segredo. Que algum dia teria que dizer ao menos a Theo, contar a verdade que tinha oculto para proteger a sua família. Mas não tinha imaginado que teria que ocupar-se disso ele mesmo.

— Posso recuperar a pedra Dearann — Disse.

— Harry — Disse Sorchá — Pode que nem sequer uma fada possa encontrá-la.

— Poderia se soubesse onde está.

— Você sabe? — Perguntou Gwyneth.

Já não havia volta atrás.

— Sim. Temo que sim.

Capítulo 12

Sorchá sentiu como se a habitação se ficou sem ar.

— Acredito que deveria se explicar, Harry.

Harry indicou a todos que se sentassem. Ele permaneceu de pé junto à janela, contemplando a paisagem.

— Harry? — Insistiu Gwyneth depois tomar assento no sofá.

— Ah, sim. A pedra — Disse ele — Não posso acreditar que esteja dizendo isto. Não posso acreditar que esteja dizendo isso a você, Gwyneth. Sempre foi a última pessoa que acreditei que o entenderia.

— Era-o — Admitiu Gwyneth e ato seguido estreitou a mão de Darragh com um sorriso — Até ontem.

— Ontem — Murmurou Harry — Sim.

— Sabe onde está a pedra? — Perguntou Sorchá.

— Acredito que sou o único ao que afeta — Respondeu ele — Meu pai nunca pareceu adverti-lo. E tampouco meu avô e eram eles os que estavam obcecados com ela. Mas nunca... Falou com eles. Nunca... — Negou com a cabeça e começou a tremer.

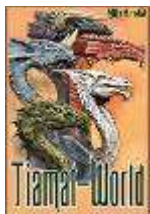
Sorchá desejava ir com ele, abraçá-lo enquanto confessava, mas não conseguia mover-se.

— Nunca cantou? — Foi o único que pôde dizer.

— Exato — Disse Harry — Eu via coisas, inclusive de menino. Lugares, gente... Os seres que habitavam nas paredes, onde o avô os pintou.

— Foi você quem lhe deu os detalhes.

— Pensei que estava ficando louco. Não podia ficar aqui. Roguei que enviassem a Eton, depois a Cambridge. Qualquer lugar menos este, onde essa montanha de pedra infectava meus sonhos. Mas tampouco podia me manter afastado.



— E então Phyl e você fizeram cargo do imóvel — Disse Sorchá. Harry assentiu.

— OH, Meu Deus — Disse Phyl— Está no banco, não é?

Todos se giraram e a viram de pé na porta, vestida com a roupa de montar.

— Dado que ninguém mais que eu o notava — Disse Harry — Troquei as pedras no dia que cheguei à maioridade. Escondi-a onde não pudesse me fazer mal.

— E a substituiu por uma réplica exata — Disse Sorchá.

Ele assentiu.

Phyl negou com a cabeça.

— Perguntava-me por que era tão importante ir a York naquele dia. Sobre tudo dado que a avó tinha preparado uma grande festa de aniversário para você. Chegamos tarde. Mal teve tempo de se vestir para o jantar.

— E me senti como um traidor todo o tempo. Não, como um lunático. Não podia acreditar que ninguém na festa se desse conta de que o diamante era diferente ao dia anterior. Nem sequer você.

— Mas nós não somos você, Harry.

— O que fazemos agora? — Perguntou Gwyneth.

— Se partir agora — Disse Harry — Posso estar em York quando abrir o banco.

— Não — Disse Sorchá — Primeiro temos que nos assegurar de que todo mundo esteja a salvo aqui. Porque quando conseguirmos a pedra terei que levar isso através das portas e não sei se poderei levar às Dubhlainn Sidhe comigo.

— Se nós... — Começou a dizer Darragh.

Sorchá levantou uma mão para evitar que falasse. Ela o ouviu e então Darragh o ouviu. E, finalmente, Harry. O cavalo aproximando-se a galope.

— Star... — Disse Phyl girando-se para a porta.

— E quando tivermos a pedra — Disse Sorchá — A levaremos diretamente à porta. Não retornaremos. Assim que eu gostaria de me despedir.

Todos se olharam.

— Então façamo-lo — Disse Darragh.

— Mas Saoirce há voltado — Protestou Phyl.

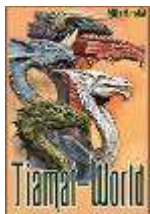
— Sim — Disse Sorchá — Me pergunto se teria apanhado o culpado.

Não era o caso. Se o tivesse feito, não estaria aproximando-se ao galope. Mas todos os que escutavam talvez não tivessem imaginado isso.

— Vamos ver o que tem que nos dizer — Acrescentou Sorchá enquanto conduzia a todos para a porta.

“Maldito cavalo”, pensou Cian enquanto corria para o bosque. Como podia tê-lo seguido até tão longe e retornar bem a tempo de interromper sua vigilância? Sobre tudo quando estavam a ponto de dizer tudo o que precisava saber para interceptar a pedra.

Um banco. Não se tratava de uma caixa forte feita de ferro? Nunca poderia penetrar em



uma caixa forte. Mas poderia esperar que o mortal entrasse nela. Quão único tinha que fazer era esperar junto à porta para confiscar a pedra antes que pudessem levá-la. Logo destruiria o mortal e talvez à princesa. Depois de tudo, tinha dado as ervas à menina. Agora seria vulnerável, e Cian sentiu a pressão na virilha só pensando.

Negou com a cabeça enquanto voava literalmente sobre o chão. Tinha sido um engano tático infectar à menina. Tinha pensado que era a outra menina.

Não ficava outra opção. Se não confiscasse a pedra e a apresentava ao rei, ficaria exilado para o resto de sua vida. E não o toleraria.

Se pudesse se livrar do cavalo, poderia parar e a esperar. Depois de tudo, não havia nenhum lugar a ir na terra das fadas, salvo aquela colina nua. Por que esbanjar sua energia quando poderia simplesmente sentar-se ao sol e planejar a morte da rainha?

Sim, era uma ideia grandiosa. Além disso, se se mantinha perto, teria mais oportunidades de fazer que uma dessas crianças formasse parte da equação. Mas aquele cavalo não deixava de segui-lo.

Sorcha saiu ao jardim traseiro justo quando Saoirce se aproximava. Levantou as mãos e a chamou. A potra se deteve frente a ela e relinchou.

— Fuist — Disse Sorcha — Fuist. Tudo está bem. A menina dorme em paz e nós vamos protegê-la. Descansa, Saoirce.

A potra agitou a cabeça e olhou para o bosque.

— OH, sim — Disse Sorcha — Continua solto, querida. Mas sei que podemos te deixar aqui vigiando as crianças, não é? — A potra assentiu — Genial. Muito obrigado. A rainha lhe agradece também. Agora vá descansar.

A potra agachou a cabeça de novo e se afastou para o estábulo.

— Deixa a porta de seu estábulo aberta — Disse Sorcha ao moço.

— Mas...

— Tudo bem, Jacks — Disse Harry — Starchaser não irá a nenhuma parte a não ser que uma das crianças esteja ameaçada.

— Tinha ouvido falar de cães guardiães — Disse Jacks — Mas um cavalo guardião...

— O que fazemos agora? — Perguntou Harry.

Sorcha olhou para o bosque.

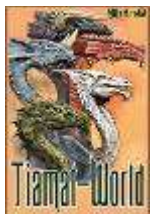
— Se tivermos sorte, o culpado terá ouvido meus planos e pensará que é uma perda de tempo fazer algo que não seja esperar junto à porta para nos interceptar. Mas não correrei esse risco, assim precisamos preparar a proteção para as crianças. Depois poderá me levar a esse lugar no que está a pedra.

— E depois?

Sorcha o olhou e desejou com todo seu coração poder lhe dar outra resposta.

— Depois a levarei a minha casa.

Sorcha não precisava estar na cabeça de Harry para saber o que sentia. Em seu rosto viu



perda, desejo e tristeza. E mesmo assim ele não disse nenhuma palavra. Simplesmente deu a volta e se afastou.

Pela primeira vez, Sorchia esteve segura de como acabaria tudo aquilo. Resgataria a pedra, devolveria a seu lar e ela retornaria a seu mundo, onde pertencia, onde tinha algum valor e sentido. Onde viveria sua vida sem um coração, porque o deixaria no mundo dos mortais, com aquele homem que jamais pensaria em deixar a sua família para estar com ela.

As fadas não choravam. Era algo estranho para elas. Mas ali de pé, sob a luz do sol da manhã, Sorchia sentiu as lágrimas na garganta.

Logo acabaria tudo. Triunfaria onde tinha pensado que fracassaria. E pela primeira vez não parecia suficiente.

— Imagino que tem um plano — Disse Phyl enquanto lhe punha um casaco sobre os ombros.

Sorchia olhou à prima de Harry e pensou na boa pessoa que era.

— Um plano?

— Para que todos estejam a salvo e poder devolver essa maldita coisa a seu lugar de origem.

Sorchia suspirou.

— Estou trabalhando nisso.

Phyl olhou a Harry enquanto este entrava de novo na casa.

— Suponho que as fadas não concedam desejos.

— E se o fizessem? — Perguntou Sorchia.

— Desejaria que Harry fosse feliz — Respondeu Phyl. E então ela também deu a volta, pois sabia tão bem como Sorchia que isso era algo que não podia conseguir. Sobre tudo agora que sabia o que o deixaria feliz. E o que custaria. Um custo que nunca pediria a sua família.

Sorchia tinha pensado que não podia amá-lo mais. Mas se equivocava.

Colocou os braços nas mangas do casaco de Phyl e disse:

— Temos que pegar ramos de espinheiro, de aveleira e de carvalho, assim como folhas de acebo e sal marinho. E temos que rodear a casa e os estábulos com tudo isso para os proteger.

— Está segura de que será suficiente? — Perguntou Phyl.

— Não — Respondeu Sorchia — Mas espero que nosso amigo interesse mais nos seguir que atormentar a vocês. Vocês não têm o que ele quer.

Salvo reféns. Sorchia tentou não pensar nisso.

— Mas se os seguir estarão em perigo.

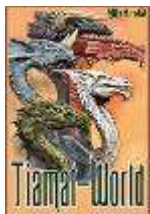
— OH, não. Eu posso enfrentar a ele.

— E Harry?

— A Harry darei o resto das ervas, só como precaução.

— Mas então não ficará nada a você.

— Eu tenho uma faca tão afiada como a língua de minha mãe. E, para falar a verdade, estou desejando usá-lo com alguém que se acha o suficientemente imune ao castigo para envenenar os



sonhos de nossa Lilly.

— De verdade estará bem minha menina?

— É uma das criaturas mais apreciadas das fadas. Sua memória só alberga alegria.

— Muito obrigada.

— Por quê? Por trazer esta desgraça a sua família? Não me dê obrigado.

— Quando partir — Disse Phyl enquanto caminhava com ela para o bosque sagrado, onde encontrariam os ramos que necessitariam — Que garantia teremos de que essa outra fada, a dove...?

— Dubhlainn Sidhe.

— Sim. Que garantia temos de que não fique aqui e siga semeando o pânico?

— Bom — Disse Sorchá — Tanto Darragh como eu estamos trabalhando nisso e acredito que poderemos conseguir apanhá-lo em um lugar impossível. Depois, quando devolver a pedra, seu poder diminuirá e terá que pagar por seus crimes.

— Eu gosto de como isso soa.

Durante toda a manhã, os quatro adultos e os dois filhos mais velhos de Phyl pegaram ramos e sal e elaboraram uma barreira protetora ao redor de todos os locais nas que habitavam os mortais. Sorchá sabia que a avó estava observando-os da janela de seu quarto, mas não pediu nenhuma explicação. Não perguntou nada sobre os terríveis sons que inclusive ela devia ter ouvido primeira hora da manhã. E tampouco sorria enquanto via o que estavam fazendo em seus jardins.

Sorchá fez que para os meninos fosse um jogo, mas inclusive eles estavam sérios.

— Acredito que isto está melhor — Disse Theo depois terminar — Parece mais seguro.

— Bem — Disse Sorchá — Assim saberá aonde pode ir e aonde não. Não saia daqui, Theo. Não deixe que B, nem Lilly, nem a avó tentem cruzar a barreira até que veja que seu tio Harry retornou. Fará isso por mim?

Estavam no salão principal da casa grande e Sorchá estava vestida para a viagem a York. Só estava esperando seu turno para despedir-se da avó. Harry estava acima naquele momento.

— Vai voltar com o tio Harry? — Perguntou Theo.

— OH, não — Respondeu Sorchá ajoelhando-se frente a ele — Devo levar a pedra de volta ao mundo das fadas, onde estará a salvo. Você tem que ficar aqui e cuidar de suas irmãs.

— Mas eu quero ir com você.

Sorchá nem sequer respondeu, pois ambos sabiam que não havia resposta possível.

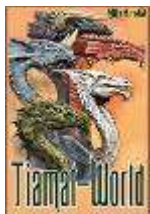
— Voltarei a vê-la? — Perguntou o menino.

— Isso espero — Respondeu ela — Lilly nos verá. Confia nela.

Theo simplesmente assentiu e lhe rodeou o pescoço com os braços. Sorchá o abraçou e sentiu as lágrimas de novo na garganta.

— É difícil estar em dois mundos de uma vez, Theo. Com sorte, algum dia encontraremos a maneira de que possa ir visitar-nos, pois formamos parte de nosso mundo igual a seu tio Harry.

Finalmente, Theo se afastou e sorriu.



— Não, não é verdade — Disse — Ele vê coisas que ninguém mais vê. Nem sequer eu.

Sorcha simplesmente assentiu.

— Slan, a chroi. — Tome cuidado.

A despedida da avó e de Mary foi breve e fria. A avó simplesmente assentiu com a cabeça e Sorcha desejou desesperadamente poder abraçá-la. Mas sabia que isso faria que a velha se derrubasse por completo. De modo que se conformou com um abraço da Mary.

— Me diga — Disse a amável donzela ao ouvido — Em seu mundo, ela poderia caminhar?

Sorcha nem sequer conseguiu articular as palavras para responder, mas Mary viu a verdade em seus olhos e assentiu.

— Bem — Disse — De todos os modos, não abandonaria Harry a sua sorte.

Sorcha se despediu de Lilly com múltiplos abraços.

— Me leve com você — Pediu Lilly — Me Leve, fada.

— OH, não, mo chroi. Seu lugar está aqui, com o Theo e com B. E com seu tio Harry. Choraria muito se fosse e o deixasse sozinho.

Lilly pareceu pensar nisso e depois balançou a cabeça.

— Harry vai — Disse — Não eu.

— Mas ele voltará — Assegurou Sorcha e pensou que seu coração ia romper-se em mil pedaços só pronunciando essas palavras.

Pareceu que Lilly também sabia, pois levantou uma mão e a pôs na bochecha. E quando uma lágrima caiu sobre seus dedos, simplesmente a acariciou.

— Adeus, fada.

Sua voz soava tão suave, tão triste. Sorcha a abraçou uma última vez para fortalecer-se com aquela inocência tão pura e depois a enviou de volta com seu irmão. Perguntou-se como uma fada poderia sobreviver a uma perda assim. Inclusive sabendo que estava grávida.

Abandonou o quarto dos meninos e desceu as escadas, onde Harry estava esperando-a no vestíbulo com os outros adultos.

— Está preparada? — Perguntou Darragh.

Ela assentiu.

— E você?

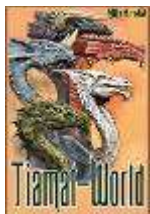
— Claro. Só tem que chamar e nós estaremos preparados no alto da colina. E provavelmente nosso inimigo vá tão pregado a você que nem sequer veja a porta fechar-se atrás dele.

— Mas terá que saber escolher o momento, Darragh. Terá que apanhá-lo entre este mundo e o nosso, se não, não teremos controle sobre ele.

— Deixe isso comigo — Disse Darragh antes de lhe dar um abraço — Peça desculpas a sua mãe de minha parte por abandoná-la.

— Compreenderá — Disse Sorcha e se girou para a mulher que havia junto a ele — Gwyneth, quem dera tivesse podido te conhecer melhor.

— Talvez possa vir nos visitar no próximo Halloween, quando a barreira seja fina — Disse



Gwyneth com um sorriso genuíno.

— É a última pessoa da que esperava ouvir isso, Gwynnie — Disse Harry.

— Sim, verdade? Boa sorte aos dois. E tomem cuidado.

Meteram-se no carro de Gwyneth, pois Harry disse que era mais rápido que o seu. Sorch se sentou no assento do acompanhante, deixou que Harry a encerrasse dentro de todo aquele metal e lutou por respirar. Não podia imaginar como Darragh podia ter desfrutado daquilo. Era como um elevador que se movia para os lados. E muito depressa.

— Há alguma maneira de que entre um pouco de ar, Harry? — Perguntou.

Harry apertou um botão e a janela lateral do carro se deslizou para baixo para deixar entrar o ar. Sorch levantou a cabeça e fechou os olhos.

— Pensa que é como um cavalo mecânico — Disse Harry.

— Suponho que não podemos voltar para um cavalo de verdade.

Harry riu.

— Não, Sorch. Demoraríamos muito mais. York não é um lugar para um cavalo. Além disso, não teríamos onde deixá-lo.

Sorch suspirou e apoiou a cabeça contra a janela.

— Minha mãe tinha razão. Fracasso inclusive na hora de ter coragem para algo tão simples que nem sequer Lilly tem medo.

— A pequena Lilly se criou nestas coisas, Sorch. Pode que se mostrasse mais reticente a subir em uma de suas fadas voadoras.

— Lilly não teria medo nem do fim do mundo.

— Somos afortunados de tê-la.

— Sim, são. Estou desejando contar à rainha que tive o privilégio de proporcionar um guardião a um dos apreciados. Haverá uma celebração no grande salão.

— Sua casa se parece realmente tanto aos murais de minha casa? — Perguntou Harry depois de uma pausa.

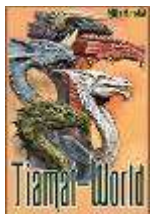
— Sim, Harry — Respondeu ela — Se parece. Inclusive na terra das Dubhlainn Sidhe, a luz é suave e especial, as flores estão cheias de cor e os animais são graciosos. Viria comigo, Harry? Só para devolver a pedra. A rainha permitiria sua visita e depois te mandaria de volta. Seria capaz de ver esse lugar que tanto sonhou. Poderia saber que é real e já não se sentiria furioso.

Durante um segundo, Harry afastou o olhar da estrada, agarrou-lhe uma mão e a beijou.

— Não, minha princesa. Não posso. Seria muito para mim saber que é como o tinha imaginado. Sobre tudo porque não poderia ficar.

— Sei que isto não ajudará, Harry — Disse ela — Mas devo dizê-lo, devo dizê-lo agora, antes que nos ocupemos da missão que devemos realizar. É a você quem amo. É a você que amarei até o dia em que meu navio zarpe para o oeste e habite na terra da eterna juventude. O seu será o último nome que pronuncie.

Sentia as bochechas úmidas e soube que por fim as lágrimas tinham brotado de seus olhos.



E ao girar-se para Harry, viu lágrimas também em suas bochechas.

— E você é a única a que amarei — Disse ele — Despertarei com sua lembrança e dormirei sonhando com sua face.

Era o que Sorcha desejava. A certeza de que, de todos os seres vivos daquele complexo universo, Harry e ela se encontraram embora só fosse durante um tempo. Sempre tinha desejado ter um amor, alguém a quem chamar quando sofresse, ou quando estivesse feliz, ou assustada. Por fim o tinha e era doloroso. E nem sequer podia dizer que estava grávida, pois seu filho nunca poderia retornar a ver seu pai. Era muito para ela. Era uma carga que nem sequer a rainha poderia ter antecipado.

Os quilômetros passaram e os minutos com eles, aquela invenção humana que era o tempo e compartimentava a existência. As fadas não o necessitavam e agora Sorcha entendia por que. Os minutos mediam os finais. A perda. Só ficavam sessenta. Depois quarenta. Sentia como se fossem amontoando em seu peito até que mal podia respirar.

Tão consumida estava por esses minutos que mal advertiu as casas que foram multiplicando-se por momentos, agrupando-se como crianças que tentavam ver por cima de um muro, até que o sol teve que lutar por abrir caminho entre os edifícios. Sorcha estremeceu. Sabia que aquela era a cidade onde estava a pedra Dearann, e deveria ter proporcionado alegria. Em vez disso, sentia que tinha perdido algo. Os minutos voavam, ficavam atrás como as folhas das árvores e Sorcha sentiu como seu coração ia morrendo lentamente à medida que seu tempo com o Harry chegava a seu fim.

O carro se deteve e Sorcha olhou a seu redor.

— Isto é um banco? — Perguntou, sem entender por que havia um homem de uniforme frente às portas.

— Quando foi a última vez que comeu algo? — Perguntou Harry sem fazer caso a sua pergunta.

— Comer? Ontem à noite.

— Bem, uma garota necessita força para enfrentar-se aos grandes problemas da vida.

Desligou o motor e o homem de uniforme se aproximou de abrir a porta.

— Então isto não é um banco? — Perguntou Sorcha.

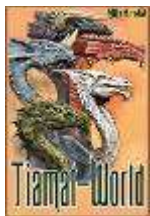
— Não, senhora — Disse o cavalheiro com uma reverência — Eu gostaria de lhe dar a bem-vinda ao hotel RoyalYork.

— Harry — Disse ela — Não podemos nos permitir fazer isto.

Harry rodeou o carro e ocupou o lugar do homem.

— Não podemos nos permitir não fazê-lo. Confia em mim, Sorcha.

Confiava. Claro que confiava. Mas não entendia por que devia ir a um hotel antes de procurar a pedra em um banco.



Era outro edifício de pedra. E tinha elevadores. Mas quando Harry abriu a porta do quarto que tinha reservado, a Sorchá já não importava.

— Não compreendo — Disse voltando-se para ele.

Harry estava dando algo ao jovem que os tinha acompanhado ao quarto. Depois lançou a chave sobre a mesa, fechou a porta e se girou para ela.

— Estou sendo muito egoísta.

— Não vai pela pedra?

— Claro que sim — Respondeu enquanto se aproximava — Mas agora mesmo está pálida e tremula e essa não é a melhor maneira de levar a cabo um assalto.

— É por todas essas jaulas de metal que tanto gostam aos mortais, Harry.

— E depois está o fato de que desejo fazer amor com você.

— Mas eu...

Harry ficou frente a ela e colocou as mãos nos ombros.

— Não temos tempo Sorchá e nem sequer sabíamos que estávamos em uma conta atrás até esta manhã. Sinto muito. Não posso te deixar ir ainda. Tenho que... Necessito...

— Poderia ficar aqui, em seu mundo — Disse ela.

— Não o permitiria — Respondeu ele com lágrimas nos olhos — Te mataria. Não encaixa aqui, Sorchá. Não sobreviveria neste mundo.

— Você tampouco teria que sobreviver — Disse ela sem poder evitá-lo.

Harry tinha razão. Sabia. E também sabia que sacrificaria sua felicidade pelo bem dos dois.

— Mas tenho que estar aqui, meu amor — Disse ele deslizando os dedos por seu cabelo — Me necessitam aqui muito para ir. E você tem gerações de meninos aos que ensinar. Só ficam estes momentos e não quero desperdiçá-los.

“Mas não estaremos a salvo até que a pedra esteja em casa”, esteve a ponto de dizer ela. Entretanto, sabia que sim o estariam, ao menos no momento. Sabia que o inimigo não perderia o tempo explorando a casa nem os jardins quando podia tombar-se nos isolados e esperar tranquilamente o som de um carro.

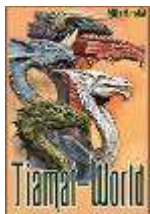
— Temos um pouco de tempo — Disse Harry — Essa fada não poderá nos encontrar até que não retornemos a Waverly Cíose. E arrancou quase tudo os ramos das árvores para proteger as crianças. O único que te peço é uma hora ou duas, Sorchá. O tempo suficiente para fingir que não temos que fazer isto.

— E ainda teremos tempo para a pedra? — Perguntou ela — Sei que os mortais se guiam por relógios que as fadas não necessitam.

— Temos tempo para recuperar a pedra e até para comer — Respondeu ele antes de dar um beijo no nariz — Prometo isso.

— De acordo então. Mas só se fizer algo por mim primeiro.

— O que quiser.



Sorcha procurou no bolso de seu casaco e tirou um de seus pacotes.

— Por favor, Harry, tome as ervas que me deu a bean tighe. Te proteja contra a fada que vamos combater.

Harry olhou a pequena bolsa verde e depois a ela.

— Mas já não tenho os sonhos.

— Ele lutará contra você, Harry. Quando o encontrarmos, usará todas as armas que tenha em seu arsenal e ao fazê-lo me deteria, porque teria que te ajudar. Por favor, Harry, faça-o por mim.

— E o que acontece com você? Você não tem que se proteger?

— As ervas são para os mortais. Não me fazem nada. Eu morreria se ele te fizesse algo, Harry. Por favor.

Finalmente, quando parecia estar a ponto de perguntar aquilo para o que não tinha resposta, o que ocorreria se a fada a atacava a ela, estirou a mão e agarrou a bolsa.

— Imagino que isto não tem bom sabor — Disse.

Sorcha riu amargamente.

— A bean tighe disse que nada merece uma cura que não doa. Mas acredito que te doerá menos se as usar como proteção e não como cura.

— Então acabemos com isto quanto antes — Disse ele, e voltou a olhar a bolsa que tinha na mão — Não pesa muito. Será suficiente?

— OH, sim. Isso acredito. Embora um pouco de água ajudará.

Finalmente, Harry abriu a bolsa, meteu as ervas na boca e as engoliu com um copo de água. E antes que aparecesse a reação, Sorcha o sentou no sofá do quarto e o abraçou.

Não demorou muito. Harry começou a retorcer-se como um potro jovem e abriu a boca.

— Ah...

— Sim — Disse ela — O sinto, Harry.

— É como... Fogo...

Sorcha assentiu. Harry estava suando e apertava os braços com força, como se tentasse agarrar-se à vida.

— Tenho-te, Harry — Assegurou ela — Não te deixarei ir.

— Tenho a sensação... De que vou... explodir.

— Está a salvo. É como um resfriado para as fadas.

Harry riu e pouco a pouco foi soltando-a.

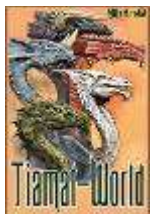
— Já está passando — Disse enquanto lhe acariciava a bochecha — Logo acabará e será impenetrável.

— Durante... Quanto tempo?

— O suficiente para colocar o inimigo pela porta e enviá-lo aos carinhosos braços de minha mãe.

— Carinhosos? — Repetiu ele.

— É que em seu mundo não estão familiarizados com o sarcasmo, Harry?



Harry simplesmente fechou os olhos e descansou apoiado nela.

— “Carinhosos” é precisamente minha ideia das preliminares... — Murmurou.

Sorcha riu e apoiou a cabeça sobre seu ombro.

— E como quer que seja, exatamente?

Fechou os olhos e passou vários segundos escutando os batimentos de seu coração. Depois fez o que nunca havia feito conscientemente em sua vida, o que sua mãe e sua irmã tinham tentado lhe ensinar. Meter-se na cabeça de Harry e preparar-se para seduzi-lo.

Não foi tão fácil como teria sido em seu mundo, mas Sorcha estava decidida. Em sua mente, onde tudo era possível, criou uma imagem. Deu vida à imagem com sua vontade, como argila entre seus dedos, moldando-a até que os sentimentos ficaram claros e pôde reconhecê-los como o que eram.

Paixão. Luxúria. Prazer. Amor.

Harry em seus braços. Harry a sua mercê.

Soube o momento exato em que essas imagens apareceram na mente dele. Ficou rígido, como se queria protestar, mas não abriu os olhos, enquanto ela se concentrava na cena que reproduziria em sua cabeça.

Lentamente, Sorcha ficou em pé e se ajoelhou entre suas coxas. Levantou as mãos e as colocou sobre seu peito, sobre sua camisa, que de repente estava úmida pelo suor, onde seu coração pulsava com força. E devagar as foi deslizando para baixo, por seu abdômen, até chegar às coxas e sentir como se esticavam enquanto as separava.

Dedicou em sua cabeça o sorriso mais potente que Orla tinha ensinado. Pensou por um momento nos azeites que sua irmã tinha dado, aromas sedutores que deixariam louco um homem imediatamente. Mas Sorcha não queria conquistar Harry com bruxaria. Desejava-o de verdade, com sinceridade e prazer entre ambos.

— Deus — Sussurrou ele em sua mente, respirando entrecortadamente — O que está me fazendo?

— Fuist — Respondeu ela em voz alta enquanto a cena se reproduzia em sua mente — É um pequeno aperitivo antes de comer.

Sentiu a risada contra seus dedos.

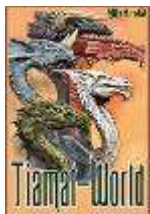
— Acredito que isto não é legal — Disse ele e seu corpo se arqueou por causa da sugestão que estava fazendo Sorcha em silêncio.

Foi em sua mente onde Sorcha agarrou esse instrumento tão peculiar que eles chamavam zíper. Era algo que resultava sedutor só abrindo-o. Inclusive imaginando-o, fez um som do mais interessante enquanto Sorcha desenhava a si mesma puxando ele.

Inclusive antes de tocá-lo, Harry já estava excitado, sentia-o em sua mão, e a alegrava. Desabotoou a cintura das calças e deslizou a mão por seus boxers. Tinha que levar esses boxers com ela. Eram algo tremendamente sensual. Suaves e quentes, afastando-o dela.

— OH, Deus, Sorcha... — Sussurrou ele — Já basta!

— Sim — Respondeu ela afastando as mãos do peito — É suficiente.



E deixou que as imagens de sua mente se desvanecessem lentamente, como a última carícia de uma mão ou a invasão final de uma língua. Separou-se dele e ficou em pé. Depois, antes que Harry pudesse recuperar-se, saiu de sua mente e se meteu entre suas coxas. Ajoelhou-se e, com dedos trêmulos, agarrou o zíper e puxou. Depois desabotoou o botão, como havia feito em sua imaginação e acariciou sua ereção através dos boxers.

— OH, Harry, não sei se as fadas estão feitas para os homens mortais.

— Não me diga isso — Gemeu ele com a cabeça arremessada para trás.

Tirou os boxers também e tomou sua ereção entre as mãos. Adorava as texturas dos mortais, os cachos do cabelo, a suavidade da pele. Adorava sua essência de almíscar. Agachou-se para saboreá-lo e desfrutou disso também, de modo que deslizou a língua lentamente por sua pele.

Sentiu suas mãos no cabelo, seus dedos fortes e elegantes. Ouviu seus gemidos de frustração e sorriu, porque sabia que tudo era graças a ela.

Antes que pudesse se dar conta do que tinha ocorrido, Harry deslizou as mãos sob seus braços e a puxou para cima. Sorchia nem sequer se deu conta de como tirou as calças, mas de repente a levou a cama e a lançou sobre as almofadas. E descobriu que, de algum jeito, seu vestido tinha ficado atrás junto com a roupa dele.

Estavam os dois nus. Sorchia sentiu como endureciam os mamilos e então foi ela a que gemeu, embora Harry não estivesse tocando-a. Estava apoiado sobre ela, como se quisesse memorizar cada centímetro de seu corpo.

Sua pele começou a arder só com seu olhar. Estremeceu. Sentia calor e frio ao mesmo tempo e ainda não a havia tocado com as mãos nem com a língua.

— Quer que te suplique? — Perguntou com voz entrecortada e levantou as mãos para deleitar-se com a suavidade de seu peito — Então suplicarei.

— Não suplique — Murmurou ele se inclinando sobre ela — Não poderia suportá-lo.

— Então te exigirei — Disse ela e suspirou ao notar como lhe mordiscava o seio — Me toque, Harry. Me dê lembranças que me acompanhem o resto de minha vida.

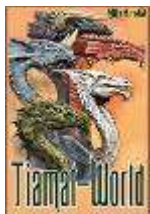
Harry não respondeu, não com palavras. Sorriu e Sorchia pensou que jamais tinha visto uma imagem tão agri-doce. Era o sorriso que levaria consigo, o sorriso que tentaria recordar quando se sentisse perdida e esquecida de volta em seu mundo.

Levantou as mãos e acariciou a face para beijá-lo. Amava-o com toda sua alma. Com suas mãos e com seu corpo. Com seus lábios e com seu coração.

Ela também memorizou seu corpo, mas com as mãos, seu pescoço, seus ombros, seus braços, seu peito, seus mamilos. Seu ventre plano, com aquele umbigo no que adorava colocar a língua. Suas coxas, aquelas coxas que podiam controlar a um cavalo e proteger a uma mulher. Não havia poesia suficiente para descrever aquelas coxas.

E suas mãos, essas mãos que prendiam fogo a seu corpo, que se deslizavam por sua pele e acariciavam seus seios antes que os saboreasse com sua língua.

Harry suspirou contra sua boca, como se cada fôlego tivesse que ser compartilhado entre



os dois. Riu quando introduziu os dedos em seu interior e ela gritou e se retorceu, rogando sem palavras, pois as palavras não eram necessárias em um momento assim.

Não precisava falar, porque antes de poder pedir, inclusive rogar, Harry se levantou, separou-lhe as coxas e a penetrou.

— OH... Meu amor... — Gemeu contra seu pescoço.

Sorcha o rodeou com os braços e com as pernas para sentir todo seu corpo pego a sua pele e assim levar lembranças de seu aroma para sempre, enquanto as lágrimas escorregavam por suas bochechas.

— Sim, Harry — Gritou — Sim, sim, me ame, por favor. Me ame...

— Não poderia te amar mais — Respondeu ele enquanto investia cada vez com mais força, até que pensou que ia morrer de prazer. Era algo muito mais visceral que algo que tivesse experiente antes. Tão imediato, tão vivo, tão real. Como uma espiral de cor e som que ia crescendo em seu interior até deixá-la quase sem ar. Até que não pôde aguentá-lo mais e gritou ao sentir a explosão de prazer em seu interior.

Jogou a cabeça para trás e se agarrou a suas costas com as unhas enquanto ele investia uma última vez, até derrubar-se sobre ela com um gemido de puro êxtase que retumbou pelas paredes do quarto.

Harry não estava dormido. Por muito que o necessitasse, não ia perder nem um dos segundo que tinha com Sorcha em seus braços. Ofegava como um desses cavalos de corridas depois de uma corrida pela montanha. Sua pele estava coberta de suor e ia esfriando-se depressa naquele quarto. Provavelmente deveria pensar em tampar-se com o lençol, mas não tinha energia. Não queria afastar a atenção daquela formosa princesa fada.

— OH, Harry — Disse ela — Menos mal que temos outras coisas que fazer. Acredito que, se me acostumassem a isto, não poderia fazer outra coisa em toda minha vida.

— Não sei se permitiria — Respondeu isso ele rindo — Aqui está muito bem.

“junto a meu coração”, pensou. Dois dias antes, teria rido de um pensamento tão emotivo. Nesse momento, entretanto, só podia pensar no pouco tempo que tinham desfrutado de juntos.

Quem o teria acreditado? Ele, Harry Wyatt, nos braços de uma mulher que tinha conhecido dois dias atrás, no meio do dia em um hotel dos York. Harry Wyatt não se permitia esse tipo de caprichos. Harry Wyatt não acreditava nisso.

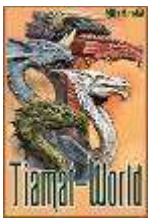
Até aquele momento.

Era uma pena que tivesse começado a acreditar quando já era muito tarde.

Fechou os olhos para tentar controlar a dor.

la perdê-la. Apenas a tinha encontrado e já ia ter que renunciar a ela. Não era justo.

Esteve a ponto de rir. Era um adulto. Sabia que a vida normalmente não era justa. E sabia perfeitamente que a sua era mais justa que a da maioria. Tinha uma família, uma casa bonita, uma carreira de êxito. E acabava de dar-se conta do pouco que significava quase tudo em comparação a perda do amor.



— Amo-te — Disse sem poder evitá-lo.

Ela deslizou os dedos por seu peito.

— E eu amo você. E obrigado, Harry, por compartilhar algo tão formoso comigo.

Harry passou uma mão pela cintura, sobre a curva de seus quadris, obcecado com seu tato.

Tinham tão pouco tempo...

— Me diga, como é seu mundo? — Perguntou para atrasar o inevitável.

— É bastante parecido ao que vê em suas paredes.

— Há dito que tinha uma irmã. Sorcha estava olhando-o como se tivesse perdido a cabeça.

— Harry, não acredito que...

— Não sei nada de você, Sorcha. Me conceda isto, por favor.

As lágrimas escorregavam por suas bochechas e ele não podia suportá-lo. Mas Sorcha assentiu de todos os modos.

— Duas. Tenho duas irmãs: Nuala, a mais velha e Orla, a mais nova. Embora não acredito que seja apropriado descrevê-la como “nova”. Até recentemente, ela era uma leannan sidhe.

— Leannan sidhe?

— Sim, uma das legendárias sereias fada. Uma sedutora para os homens mortais, que conta seus triunfos em função de quantos escravos tem feito.

— Escravos?

— Sim. Quando os possuí, eles choram por ela até que se consomem. É algo horrível, mas é o que era.

— Posso simpatizar com esses pobres bastardos.

— Mas eu não sou uma leannan sidhe — Protestou ela.

— Escravizou-me.

Não tinha sentido tentar negar aquilo. Ambos sabiam que era certo. Sabiam que a escravidão era total e mútua.

— Mas não usei poderes — Disse Sorcha — Orla era uma autêntica mestra.

— Era? — Perguntou ele estranhando.

— Ela foi a que convenceu Darragh para tentar usurpar o trono a nossa mãe. Não podia haver castigo maior para ela. Agora deve enfrentar-se ao mundo sem seus poderes.

— E te cai bem?

— É minha irmã. Não escolheu ter esse poder quando foi criada. E acredito que estará melhor agora que o perdeu.

— E sua outra irmã?

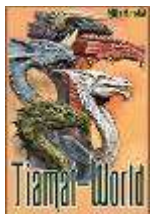
— Ah, Nuala. Vou sentir falta dela. Foi-se com seu amante mortal. Ela ia ser a rainha até que o conheceu.

— Sinto muito.

— Eu não. Ganhou seu amor e acredito que isso é algo especial.

— E sua mãe?

— OH, minha mãe. É uma rainha, como todas as rainhas, suponho. Controla e inspira a seu



clã desde que o poeta chegou a nossa terra na Irlanda.

— Que poeta? — Perguntou ele — Esse lugar está cheio.

— Que escreveu um poema a minha mãe. A rainha fada, titulou-o. Deve conhecê-lo.

— Spenser?

— Sim — Respondeu ela — Assim se chamava o menino. E passou muito tempo no mesmo castelo no que nasceu nosso profeta.

— Que profeta?

— Que interpreta nosso destino. Que desenreda os fios da existência — Sorchá o olhou durante uns segundos e balançou a cabeça — OH, Harry, quem dera pudesse te mostrar à rainha, minha mãe, a Kieran, o profeta, a meu tio Mick, mestre dos cavalos. Seria um bom herdeiro dele, pois ele também deseja partir ao oeste. Já posso imaginar controlando os cavalos mágicos das fadas.

— Parecem-se com meus?

— São exatamente iguais, Harry. Talvez seu antepassado os trouxe consigo quando veio, ou talvez seja casualidade. Os cavalos fada sempre são cinza, tão pálidos que se confundem com a névoa e desaparecem na manhã. Tão rápidos que nem sequer os ouve vir. E você, com seus olhos de fada, reconheceu-os.

— E como foi sua infância? — Perguntou ele.

— Foi uma vida de fada, Harry. Tinha o claro, as colinas e os rios. Os animais e os pássaros como amigos. As árvores como mestras. Desfrutava da música mais pura e dos poetas mais delicados, que me entretinham cada noite quando festejávamos no grande salão. Tinha as crianças. Elas são minha responsabilidade, não o trono. Eu não estou feita para ser rainha e minha mãe deveria sabê-lo.

— Quer que você seja rainha?

— Sim, mas já o disse que não estava feita para isso. E foi o melhor que pude fazer. Como a contrariei, enviou-me aqui, a um lugar hostil onde minha alma de fada murcharia. Mas foi precisamente ao contrário.

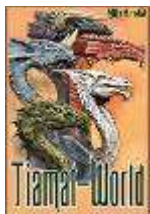
— E o que ocorrerá quando retornar?

— Voltarei a dizer que não — Respondeu ela — Como poderá negar-se se levo a pedra Dearann?

Em algum lugar da cidade, um relógio deu a hora. Harry sentiu cada badalada no peito e contou o tempo que ficava. Viu nos olhos da Sorchá que ela também se deu conta. Queria seguir falando, aconchegado nela, como um casal casado um sábado pela manhã, sem pressa. Queria seguir abraçando-a ali, onde ninguém pudesse encontrá-los. Queria mais tempo.

— Não temos tempo, Harry — Disse ela como se tivesse lido o pensamento. Mas tivemos isto. Guardarei-o, prometo isso. Não poderia desejar uma lembrança mais perfeita. Nem um amante mais considerado ou terno.

— Não tive pensamentos violentos — Murmurou ele, surpreso de não haver-se preocupado por isso antes.



- Darei obrigado de sua parte a bean tigre.
- Isso era o que fazia falta? Umas poucas ervas?
- É uma medida temporária, Harry. Temos que superar o resto do dia.

Durante uns segundos, só pôde abraçá-la. Maldição, de onde tinham saído outra vez essas lágrimas? Harry Wyatt nunca chorava. Não tinha chorado com a morte de seus pais, nem quando sua avó perdeu as pernas. Nem quando ele perdeu a oportunidade de passar seus dias passeando pelos prados que tanto adorava.

- Conseguiremo-lo — Prometeu — Mas primeiro comeremos algo. Necessita alimento.
- Claro, depois de tanto exercício...
- Voltarei a vê-la depois disto?

Sorcha ficou muito quieta.

— Acredita que é apropriado? — Perguntou — Dado que eu não posso ficar e você não pode ir.

Harry fechou os olhos e apertou sua cabeça contra seu peito. E durante uns segundos aspirou sua essência de canela, mel e flores silvestres. Fingiu que tinham todo o tempo do mundo.

- Então será melhor aproveitar o tempo ao máximo — Disse com voz rasgada.

E quando Sorcha levantou a face para ele, recebeu-a com um beijo. Viraram um para o outro, sem falar, com os olhos abertos. Beijaram-se lentamente. Harry devorou sua boca como devoraria seu corpo, suavemente, insistentemente. Beijou-lhe as bochechas, os olhos, o nariz. Lambeu o sal de seu pescoço e deslizou os dedos por seu cabelo. Saboreou, tocou e se torturou a si mesmo com seu corpo, até que o seu começou a palpitar de desejo. Acariciou seus seios e mordiscou seus mamilos até fazê-la gemer. Depois deslizou a mão por seu ventre até chegar à umidade que havia entre suas pernas.

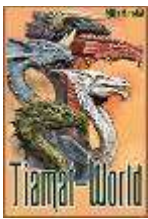
- Se abra para mim, meu amor — Disse enquanto lhe separava as coxas.

Abriu as pernas e se agachou para saboreá-la. Aspirou seu aroma para não esquecê-lo jamais e ela estremeceu ao sentir sua língua.

Harry poderia ter ficado ali para sempre e mesmo assim seu corpo protestou. Sorcha estava esfregando as pernas contra ele, atormentando-o, tentando que subisse. Mas ele persistiu, lambendo, introduzindo a língua, mordiscando-a até que sentiu que seu clímax estava perto, até que seus músculos se esticaram e Sorcha se arqueou e gritou de prazer.

Antes que seus espasmos cessassem, Harry se colocou sobre ela e a penetrou. Ela recebeu seu olhar com outro de prazer e Harry pensou que faria tudo por esse olhar. Agarrou-lhe as mãos e as colocou em cima da cabeça para poder olhá-la cara a cara enquanto a penetrava. Dirigiu um sorriso e depois a beijou para compartilhar seu próprio sabor com ela, enquanto as investidas eram cada vez mais fortes, até que a cama começou a golpear contra a parede, até que Sorcha teve que agarrar-se a suas mãos e rodeá-lo com as pernas sem deixar de olhá-lo.

E quando dirigiu aquele olhar de gata, de sereia, de sedutora, Harry sentiu como os espasmos começavam de novo. Os músculos de Sorcha se esticaram a seu redor e ele já não pôde aguentar mais. Inclinou-se sobre ela até que suas testas se tocaram e explodiu em seu interior



com um gemido tremendamente primário.

— OH, Deus, Harry... — Sussurrou ela, quase sem respiração, quando caiu entre seus braços.

Harry se acomodou entre seus seios e fechou os olhos. E indevidamente chegaram os golpes na porta.

— Quem é? — Perguntou Sorchia.

— Deve ser o serviço de quarto.

— Serviço de quarto?

— Nossa comida.

— Ah, entendo. Então logo teremos que partir.

— Isso temo — Disse ele.

O princípio do fim tinha começado.

Capítulo 14

Por alguma razão, Sorchia tinha pensado que não custaria tanto trabalho enfrentar o banco como havia feito enfrentar o resto de edifícios mortais nos que tinha estado. Mas não tinha pensado que teria que enfrentar à cidade de Harry.

— Não é minha cidade — Se queixou ele enquanto caminhavam de mãos dadas por uma rua excessivamente estreita que parecia enroscar-se sobre si mesmo como uma serpente — Só a visito de vez em quando.

— É toda de pedra — Protestou ela olhando o estranho material de que estavam feitas as ruas — Como pode respirar as pessoas?

— Não são fadas.

— Obviamente.

Pararam frente a outra enorme caixa feita de pedra e decorada com colunas que ninguém necessitava realmente. Seria muito mais difícil entrar, agarrar a pedra e voltar correndo a um lugar no que a grama se estendia até o horizonte sem um edifício à vista.

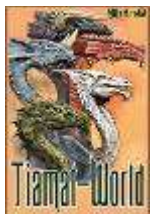
Durante vários segundos não puderam mover-se. Sorchia se deu conta de que mal podia respirar e pensou que até Harry poderia ouvir os batimentos de seu coração.

— De verdade está aí dentro? — Perguntou.

— Sim — Respondeu Harry — E se não entrarmos logo, fecharão e teremos que esperar a manhã.

Sim, por um momento Sorchia esteve tentada de dar a volta e retornar ao hotel para voltar para dia seguinte, quando as profecias fossem melhores e o sol brilhasse.

Em algum lugar, um edifício deixou escapar outro desses sons de sinos. Harry deu a volta e depois olhou o aparelho de medir o tempo que levava no pulso.



— Acabou-se o tempo — Disse, e a puxou para o interior do edifício.

Sorcha estava muito confusa. Sentia terror, raiva, tristeza, ansiedade. Estava a ponto de sustentar em suas mãos uma das grandes pedras da criação, a que tinha estado desaparecida durante tanto tempo.

Estava a ponto de mudar o curso não só da história das fadas, mas também a dos mortais. Ela, Sorcha, que só ansiava poder sentar-se com os meninos e ensinar os ciclos da terra. O coração pulsava com força no peito. Não podia respirar. Sentia que estava a ponto de morrer.

O interior do edifício tinha eco. As pessoas se moviam de um lado a outro com impaciência e havia um som de máquinas constante. Sorcha não queria estar ali. A eletricidade era mal para as fadas, mas além disso havia outras energias negativas naquele lugar. Não podia imaginar o muito que teria sofrido a pedra Dearann naquele lugar durante tanto tempo.

— Sinto-o — Disse Harry — Realmente não tinha ideia do que enfrentava.

— Ela sabe, Harry. Não pode te castigar por algo que não podia compreender. Mesmo assim, seria uma boa ideia desculpar-se quando a tiver de novo entre suas mãos.

— Está bem — Disse ele enquanto a conduzia através de uma porta com barras metálicas — Mas preferiria que estvéssemos sozinhos para me desculpar.

Sorcha olhou a seu redor e viu as faces das pessoas.

— OH, sim, entendo. Eles não o compreenderiam.

— Não, se o que está pensando é cantar ou se ajoelhar frente a ela.

— As fadas não são tão dramáticas, Harry — Disse ela com um sorriso — Deve pensar em algum ritual mortal.

Harry a conduziu a um grupo de cadeiras e assinalou uma delas.

— Terá que esperar aqui — Disse — Só eu posso entrar.

Sorcha sentou e tomou fôlego. Momentos. Ficavam escassos momentos para estar juntos. E em seguida teria a pedra entre suas mãos.

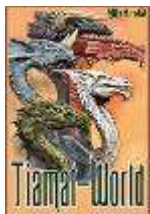
Viu como Harry se aproximava de uma das pessoas que pareciam trabalhar ali e falava com ela. A mulher apenas o viu. O fez assinar em um livro e esperar a que ela terminasse algo que estava fazendo. Sorcha ficou muito quieta, aterrorizada e excitada ao mesmo tempo. Desejava que aquela fosse a pedra, que não houvesse mais surpresas desagradáveis como a que levou quando Theo tinha entregue aquele pedaço de quartzo.

A mulher abriu outra porta e entrou, seguida de Harry. Sorcha prendeu a respiração. Tentou aparentar que o destino de ambos os mundos não estivesse em jogo. Fez todo o possível por fixar-se no que havia a seu redor, mas era como se estivesse sentada sob a água. A luz mal entrava pelas janelas altas e o ar estava carregado de uma energia estranha que saía das máquinas. Aguardou. Tentou respirar. Rezou.

E então soube.

Foi como se um raio de sol penetrasse na sala. Não viu Harry nem à outra mulher. Não ouviu nada. Mas soube em que momento a pedra tinha sido liberada.

Harry fazia bem em lhe advertir. Quis ajoelhar-se ali mesmo. Quis rir, cantar e dançar. Quis



agarrar à primeira pessoa que passasse por diante e dançar com ela com aquela alegria que não podia explicar.

A pedra Dearann era livre, por fim. Estava ali. Inteira, insuportavelmente formosa e forte. E logo Sorch, filha de Mab, teria o privilégio de tê-la entre suas mãos.

As imagens se amontoaram em sua mente: bosques de fadas, profundos e verdes, céus infinitos de um azul intenso, montanhas imensas com picos nevados.

Os sons atravessaram seus ouvidos: o som do vento entre as árvores, os arroios correndo entre as pedras, os cordeiros balindo em busca de suas mães, os pássaros cantando nos ramos. E os aromas que assaltaram sua lembrança: o aroma de feno recém talhado e a flores, o aroma de oceano e a fogo, a doce e tida saudades primavera.

Os olhos se encheram de lágrimas, lágrimas de alegria, de angústia, de assombro. E quando viu Harry com a pedra envolta em uma bolsa de veludo, observou que ele também chorava. Ouviu em sua mente o assombro quando finalmente se permitiu apreciar o milagre que só ele tinha presenciado durante um longo tempo.

Sorch ficou em pé e agachou a cabeça.

— Suponho que realmente me alegro de que me encontrasse — Disse Harry enquanto se aproximava — Se não o tivesse feito, jamais teria tido a oportunidade de desfrutar do que esta pedra me faz sentir.

Sorch estirou uma mão para saudar a pedra e riu.

— Não é brilhante, Harry? Não o disse?

— Sim, Sorch — Disse ele — É brilhante.

Foi uma das coisas mais difíceis que Sorch fazia em sua vida, mas manteve sua promessa. Até que não entrassem no carro e se afastaram daquelas ruas estreitas, não tirou a pedra da bolsa. Harry estacionou a um lado da estrada e se tomaram um momento para saudar a pedra Dearann como merecia.

— Peço-te desculpas por tê-la aprisionado — Disse Harry — Não o haveria feito se tivesse tido a meu lado a alguém que me explicasse isso.

— Algo bastante difícil de fazer — Disse Sorch com um sorriso.

— Suponho — Respondeu ele.

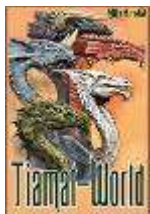
Sorch estava tremendamente feliz e, fosse boa ideia ou não, cantou à pedra uma canção da primavera. Deleitou-se com o brilho branco e o calor da pedra e estreitou a mão de Harry para que ambos pudessem experimentá-lo como um só.

— E pensar que por fim chegou o dia... — Disse ela com um suspiro — Durante tanto tempo a pedra Dearann esteve perdida entre lendas. Quem ia pensar que eu teria o privilégio de devolvê-la a casa?

— Por que ia ser uma surpresa? — Perguntou Harry — Acaso não pensava que o conseguiria?

— Eu? Claro que não, Harry. Depois de tudo, só sou...

— Se disser que só é uma mestra de escola uma vez mais, atirarei as chaves do carro ao rio



e te farei voltar caminhando. Não o compreende? Sua mãe não te enviou aqui porque pensava que fracassaria. Enviou-te porque sabia que o conseguiria.

— Eu gostaria de pensar assim, Harry.

— Pois o faça — Disse ele enquanto punha o carro em movimento — Agora, qual é o plano?

Ela deu de ombros.

— Darragh deveria estar vigiando a porta. Entre todos temos que nos assegurar de que a pedra cruze e o Dubhlainn Sidhe não o faça.

— Mas pensei que o plano era levar ele com você.

— Claro, mas esperamos que fique apanhado na hall, por assim chamá-lo. O espaço entre o mundo mortal e o das fadas. Se podemos prendê-lo aí durante um tempo, a rainha poderá decidir como encarregar-se dele. E vocês estarão a salvo aqui.

— Então você é a isca.

— Assim é.

— Não deixarei que te faça mal.

— Não faça que se zangue, Harry. Não sabe do que é capaz.

— Sim que sei. Ele machucou Lilly. Não vai voltar para casa sem uma lembrança de sua visita.

Sorcha apertou a mão com força, de repente tinha medo de deixá-lo ir.

— Não. Não deve fazê-lo. Por favor, Harry. Prometa-me.

— Temo-me que não posso.

Sorcha fechou os olhos. O que podia fazer? Como poderia mantê-lo a salvo quando seu objetivo devia ser devolver a pedra a seu lar? Mas, por outra parte, como poderia suportar a ideia de deixar Harry em perigo?

— E se chamo Gwyneth? — Perguntou ele — Para que saibam que vamos para lá.

— Claro. Assim Darragh terá tempo de pôr o clima de nosso lado. Também deveria saber que triunfamos. Surpreender-se-á muito.

— Está segura de poder confiar em que não a roube?

— Ah, não. Acredito que está muito mais interessado em ficar com Gwyneth.

Harry assentiu e apertou os botões do que chamavam telefone.

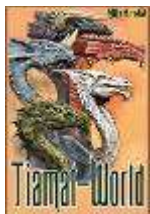
— Estou desejando vê-lo em seu primeiro restaurante... Gwyn? Conseguimo-lo.

Sorcha esperou pacientemente enquanto Harry informava a sua ex-noiva do êxito de sua missão. Desfrutava do calor da pedra e se deu conta de que, inclusive em novembro, os céus pareciam mais suaves e as sombras menos ameaçadoras. Onde antes havia vazio, agora cantavam os pássaros. Como podia lamentar seu êxito? Como podia lamentar ter devolvido a harmonia a sua gente? Mas como poderia abandonar o único homem a que tinha amado e amaria em sua vida?

— Está preparada? — Perguntou Harry.

— Sim. Tiveram algum problema?

— Evidentemente, Darragh sabe onde está nosso amigo e o tem vigiado. A boa notícia é



que tinha razão. Está fazendo bom tempo no campo. A má notícia é que Darragh diz que é poderoso.

— Isso não é nenhuma surpresa, tendo em conta o que fez a Lilly.

— Sim — Disse ele sem afastar os olhos da estrada — O que fez a Lilly.

— Não é sua missão castigá-lo, Harry. Deixa que seja a rainha quem o faça. Não acredito que haja outra pessoa capaz de controlá-lo.

Harry não disse nada.

— Voltaremos a chamar Darragh quando estivermos perto — Acrescentou ela — O Dubhlainn Sidhe sentirá a chegada da pedra, mas, se Darragh trabalhar com rapidez, conseguiremos que haja névoa para confundi-lo. Esconderemo-nos dentro e não deixaremos que nos veja até que eu cruze a soleira.

— Esperemos que saia bem.

— Vocês os mortais não têm uma atitude muito positiva, Harry — Disse ela com um sorriso.

— Só quando sabemos ao que nos enfrentamos.

A Sorchá não ocorreu nada que dizer. Voltou a colocar a pedra na bolsa e observou a paisagem da janela. Não sabia como romper o silêncio de Harry ou fazê-lo mudar de opinião. Não sabia como desfrutar daqueles últimos minutos que ficavam juntos.

Então, sem dizer uma palavra, estirou o braço e estreitou sua mão. Fechou os olhos e desfrutou com sua luz.

A advertência chegou quase imperceptivelmente. A princípio Sorchá pensou que seria a mudança do tempo, uma escuridão que subia pelo céu. A pedra estava em seu colo, mas Sorchá começou a sentir medo. Não medo por ter que deixar Harry, mas sim por perder-se antes de devolver a pedra a casa.

— O que aconteceu? — Perguntou ele — Estou vendo coisas em minha cabeça de novo.

— São coisas diferentes.

— Sim. É como se estivesse as vendo em uma tela. Violência. Desastre. É como se me visitassem os demônios e me dá medo.

— Deveria ter antecipado isto — Disse ela — Está ali.

— O inimigo?

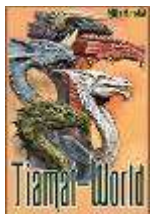
— Este é seu ataque de avanço, Harry. Dúvidas, frustração e medo. É algo ambíguo, amorfo, sem nome.

— De acordo — Disse ele depois de vários segundos — Sempre que souber o que é, posso enfrentar a isso.

— Só espero que Darragh possa.

— Terá que poder.

As nuvens foram agrupando-se à medida que se aproximavam. Estaria Darragh provocando uma tempestade para protegê-los? Seria ele o que fazia mover o vento sobre os isolados como um exército invisível? Sorchá estremeceu em seu assento e apertou a pedra com mais força, como se isso fosse manter a salvo.



Perguntou se o inimigo poderia senti-la. Se produziria alegria, satisfação ou raiva. Depois de tudo, as Dubhlainn Sidhe eram as que mais tinham sofrido com sua perda. Alegrariam-se de sua volta? Não havia maneira se soubesse.

Embora logo acabaria tudo. Levaria a pedra Dearann a seu mundo e Orla a devolveria a seu verdadeiro lar.

Outro pensamento alagou sua mente: perderia ao Harry. Tinha tentado por todos os meios assumir isso.

E acabava de reencontrar-se com a pedra. E, como seu amor pelo Harry, a alegria de Dearann penetrou em seu interior. Também perderia isso. A pedra voltaria para seu lugar entre as Dubhlainn Sidhe, e Sorchá ficaria atrás.

Viu o plano de Darragh do vale. A névoa ia engolindo a colina onde se encontrava a porta. Mais abaixo, um raio de sol iluminava o vale, como um foco em busca de uma presa. Não via nada, o que significava que o inimigo não seria visto até que não atacasse. Com sorte ele tampouco poderia ver nada.

Harry deteve o carro bastante antes de chegar ao lugar onde teriam que começar a subir e tirou seu telefone. Depois de pulsar os botões e saudar Gwyneth, o entregou a ela.

— Não sei se posso retê-lo — Foram as primeiras palavras de Darragh.

— Onde está? — Perguntou Sorchá.

— Não estou seguro. É um mestre do subterfúgio. Pode que eu tenha a névoa, mas ele tem os pesadelos.

— Já sei — Concordou ela — Não temos tempo, Darragh. Se pensar que o despistamos, se voltará para as crianças.

— Sei. Pode ver as árvores do lado sul?

— Sim, vejo-os.

— Usa-os para se camuflar durante todo o trajeto que possa. Enquanto você o atrai, eu tentarei localizá-lo.

— Gwyneth está a salvo?

— Fiz que partisse. Acredita que vai conseguir ajuda.

— Então ajuda o Harry.

— Farei-o.

Sorchá fechou o telefone e o deixou sobre seu colo.

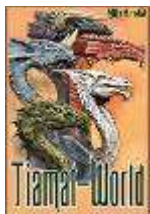
— Estamos preparados? — Perguntou Harry.

— Não — Admitiu ela — Nunca estarei preparada.

— Sim, estará e o está, Sorchá. É uma princesa. Ninguém poderia devolver a pedra a seu mundo salvo você.

Não havia tempo, mas o fizeram de todos os modos. Olharam-se e passaram seus últimos momentos memorizando-se por todos os anos que não teriam. Harry passou a mão pelo pescoço e a puxou para ele para beijá-la. Sorchá deixou cair às lágrimas e viu as dele brilhar em seus olhos.

— Tenho que ir — Disse ela.



Harry assentiu com tristeza no olhar.

— Eu ajudarei a retê-lo até que você esteja a salvo no outro lado.

— Confia em Darragh para que ele te diga quando deixá-lo partir.

— Farei-o.

Sorcha abaixou a cabeça e se fixou uma vez mais na pedra enquanto Harry voltava a pôr o carro em movimento para terminar o trajeto até o pé da colina. Sorcha pediu à pedra que mantivesse Harry e a sua família a salvo, sem importar o que acontecesse. E se despediu daquele mundo mortal que nunca voltaria a ver.

Finalmente, Harry deteve o carro frente às árvores. A névoa de Darragh já cobria quase todo o bosque e fazia difícil ver os ramos das árvores. Sorcha levantou a cabeça para reunir coragem. Em vez disso, os tentáculos do terror se abriram através da magia de Darragh e se alojaram em seu coração. O inimigo estava esperando e estava armado.

Sorcha deu a volta e abriu a porta do carro. O vento de Darragh a golpeou na cara. Saiu do carro e esteve a ponto de cair ali mesmo.

— Sorcha? — Perguntou Harry.

— Estou bem — Respondeu ela, inclusive enquanto o inimigo a golpeava de novo, injetando o veneno no coração.

O terror ia apoderando-se dela. Era só um ataque psíquico, mas a dor percorreu todo seu corpo.

Ouviu como Harry saía do carro e quis dizer que saísse correndo. Como podia uma pessoa caminhar com tanto medo sobre os ombros? Como poderia levar a cabo aquela missão? As imagens abriram espaço em sua cabeça, mas não eram imagens doces provocadas pela pedra e sim imagens violentas que faziam que se estremecesse. Sua família, torturada e sangrando, espalhada por um terreno árido. Os meninos fada gritando como Lilly, com os olhos em branco e a alma manchada com a raiva do Dubhlainn Sidhe.

Não podia esconder-se daquele ataque. O inimigo não precisava vê-la para acabar com sua vontade. Mas sim tinha que vê-la para mantê-la afastada das portas. Sua única esperança era que as árvores ocultassem seus movimentos até o último momento. Tropeçou de novo.

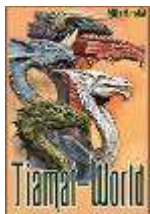
— Cuidado — Disse Harry, agarrando-a pelo cotovelo para ajudá-la a subir a colina.

Sabia que estava tremendo. Mal podia pôr um pé diante do outro. Era pior que qualquer guerra. Ali não havia morte, só loucura. Penetrava por seus poros e a devorava viva.

Deslizou-se entre o exército de árvores e desejou poder ser tão sem substância como a névoa. Desejou poder esconder-se ali para sempre, embora soubesse que teria que sair para enfrentar ao inimigo

— Darragh — Sussurrou, perguntando-se onde estaria. Como estaria enfrentando àquele ataque.

Não ouviu nada, só a risada macabra de um louco no vento. Respirou profundamente e tentou caminhar mais depressa. Agarrou a pedra Dearann com força e rezou para que a protegesse. Mas inclusive a pedra, afastada de seu lar, parecia escurecer-se com aquele ataque.



Tinha que dizer a Harry que se fosse. Tinha que protegê-lo, ou sua família estaria perdida. Ele estaria perdido e isso seria mais doloroso que qualquer ataque.

As crianças mortais. Podia ouvi-las, aterrorizadas, gritando angustiadas. Tinha que arrastar a essa besta à porta antes que retornasse por eles. Antes que tivesse a oportunidade de fazer sua ameaça realidade.

— Harry — Disse — Vá, por favor.

O chão estava frio sob seus pés. Os sapatos faziam mal e foi tirando-os enquanto caminhava. Precisava sentir a terra para lhe dar força.

— Sabe que estamos aqui — Disse Harry.

Sorcha queria advertir de novo, mas não podia. O ataque era tão feroz que seus sentidos começavam a falhar.

A grama sob seus pés. O vento revolvendo o cabelo. A névoa a seu redor, protegendo-a. Harry a seu lado, guiando a da mão entre as árvores.

— Se não conseguir passar... — Disse ela.

— O que quer dizer?

Em alguma parte daquela névoa, o inimigo estava concentrado nela. Estava puxando sua alma e derrubando suas defesas. Sorcha tinha medo, estava furiosa, estava fraca.

— Leva-a você, Harry — Rogou sem deixar de olhar para o alto da colina — Me prometa isso.

— É óbvio — Disse ele passando um braço ao redor dos ombros.

Sorcha queria sorrir. Queria dizer obrigado. Dizer o muito que o amava. Mas cada vez lhe custava mais trabalho falar.

Lilly, a pequena Lilly, em sua cabeça, chorando desconsolada, retorcendo-se de dor, perdida na escuridão, sacrificada pela avareza de uma fada. Sorcha estremeceu diante essa imagem.

— Me diga que não está fazendo isso de verdade — Disse Harry.

De modo que ele também o tinha visto. Havia-o sentido, até estando protegido.

— Ainda não — Respondeu ela — Temos que reter a pedra.

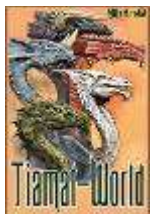
Seguiu caminhando. Cada vez custava mais respirar.

— Para, Dubhlainn Sidhe — Gritou em sua mente, onde não pudesse localizá-la — Envergonha às fadas atacando os inocentes. Corre por sua alma!

Ele a ouviu. Riu. Aproximou-se mais.

— Corre, Sorcha! — Ouviu a voz de Darragh, e soube que já estava de joelhos — Não posso... Não posso contê-lo...

Era o momento. Ficou desprotegido e sem tempo. Separou-se de Harry e começou a correr com grande esforço. Ele a seguiu. Sorcha fechou os olhos e viu a porta diante ela. Tudo o que tinha que fazer era levantar a pedra frente a ela para abri-la. Mal podia mover-se, não podia levantar o braço nem sequer para salvar sua vida. Sentiu Harry tropeçar a seu lado e soube que as ervas tinham chegado a seu limite. Se não o obtinha nos próximos segundos, perdê-lo-ia às mãos



daquela fada malévola. E não o permitiria.

Em um instante se deu conta de que se equivocaram. Não seria suficiente capturar ao inimigo. Terei que detê-lo. Não podia ter a oportunidade de fazer o que ameaçava. Não podiam permitir que se vingasse com aqueles meninos. Porque o faria. Sabia que o faria como castigo a sua ousadia.

Tirar a vida de uma fada era o crime definitivo. A Sorchá já não importava. Sua mãe teria que compreender. E, se não, Sorchá pagaria o preço necessário por salvar aos que amava.

Tropeçou outra vez e respirou profundamente. Agarrou-se à pedra e a Harry e correu através da névoa, sabendo que seu inimigo se materializaria antes que chegasse a seu lar.

Sentia-o perto. Sabia que era o momento. Deu a pedra a Harry e se agachou para tirar a faca.

— Passa-a, Harry — Disse.

— Sorchá, não...

E então o viu. O Dubhlainn Sidhe, uma sombra na névoa, a poucos metros de distância, frente à porta. Era uma fada de cabelo negro e olhos mais negros ainda. Seu rosto era pálido e seu corpo elegante. Era evidente que se entregou à corrupção. Sorriu, e aquele sorriso lhe produziu calafrios.

— Destruirei-te, Tua — Gritou entre a névoa — Solta-a, ou destruirei tudo o que ama.

— Não me deterá! — Gritou Sorchá — E não destruirá a nenhum outro ser vivo. Juro-o, Dubhlainn Sidhe.

Viu como a fada levantava a mão e sentiu o raio em sua cabeça. Cambaleou-se e esteve a ponto de cair no chão. Estava suando e se sentia tão fraca que seus músculos não recordavam como funcionar. Sua cabeça gritava angustiada, era uma cacofonia de terror e de dor. Harry pôs uma mão nas costas e isso foi quão único a fez seguir adiante.

Harry. Seu amor. Sua fé nela, uma mestra de escola.

Harry acreditava que podia fazê-lo. E o faria. Não ficava força, mas conseguiu levantar-se.

— Se jogue a um lado, Dubhlainn Sidhe — Ordenou Sorchá ao inimigo e nem sequer reconheceu sua própria voz, era a voz de sua mãe, de sua irmã Nuala, quando tinha liderado o exército na batalha. A voz do poder — A pedra Dearann retornará onde pertence e você não a deterá.

— Farei-o — Disse ele.

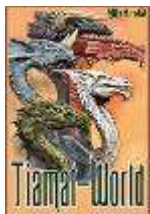
A fada voltou a levantar o braço e lançou seu veneno diretamente sobre o Harry. Harry cambaleou, mas não caiu. Não disse nada. Só a apoiou.

— De modo que gastou sua proteção com um mortal — Disse o homem escuro — Muito precipitado por sua parte. Agora não fica nada para você.

Soprou os dedos, como se estivesse esfriando, Sorchá se negou a deixar-se intimidar. Recuperou a força que Harry tinha dado e agarrou a adaga com força.

— Sorchá, cuidado! — Gritou Darragh e então o viu, correndo para ela.

O Dubhlainn Sidhe levantou a mão e Sorchá arremeteu contra ele.



Este começou a rir enquanto lançava outro raio que a fez perder o equilíbrio. Riu até que Sorchá chegou até ele, levantou o braço e afundou a adaga em seu pescoço. Até que ela o olhou cara a cara e viu a surpresa em seus olhos enquanto o sangue começava a escorregar por seu pulso.

— Não... Me... Deterá — Disse Sorchá com a última força que ficava.

Esteve a ponto de consegui-lo. Ouviu o Darragh correndo através da colina para ela. Sentiu Harry aproximar-se atrás dela, obviamente preparado para devolver a pedra. Mas ela nunca conseguiria passar a pedra ao outro lado.

Enquanto morria, o Dubhlainn Sidhe agarrou sua mão com força. Sorchá começou a retorcer-se, mas já tinha roubado a energia. Esperneou e lutou, mas a tinha agarrada com força.

— Faça-o, Harry — Gritou — Passe-a ao outro lado.

E então, apanhada entre os braços da fada moribunda, sofreu seu último ataque. O Dubhlainn Sidhe morreu e, em sua morte, levou Sorchá com ele.

Quão último ela ouviu enquanto começava a comprida descida para a escuridão foi a voz de Harry, muito longe.

Por fim ele conseguiria ver o mundo das fadas. Tinha que devolver a pedra a seu lar.

Capítulo 15

Harry deixou cair a pedra ao chão.

— Nãoooooo!

Estava só a meio metro de distância quando Sorchá caiu, apanhada ainda entre as garras do inimigo. Tinha os olhos abertos, mas seu corpo estava mole, como um brinquedo atirado por uma menina impaciente. O coração de Harry parou quando a alcançou. Tirou-a de entre as garras do inimigo e a abraçou contra seu peito.

— OH, não — Ouviu dizer atrás dele — Não. Sorchá, não.

Levantou o olhar e viu Darragh cair a poucos metros de distância.

— Faz algo! — Exclamou Harry.

Darragh fechou os olhos e negou com a cabeça.

— Cruza para o outro lado — Disse — A ela e à pedra. É sua única oportunidade.

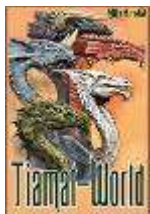
Harry a olhou, mas não sabia se ainda respirava. Não sentia os batimentos de seu coração.

— Deus, Sorchá, por favor, não faça isto. Agora não. Agora não!

Queria esmagá-la contra seu peito, entregar seus batimentos.

— Agora! — Exclamou Darragh — Não fica tempo!

Harry levantou o olhar e frente a ele viu como a névoa se separava e revelava uma porta. De pedra, vazia. Não pensou, só fez o que haviam dito. Agarrou a pedra Dearann e tomou Sorchá nos braços. Depois atravessou com elas a porta.



Não sabia o que tinha esperado. O primeiro que viu não era tão diferente ao que acabava de abandonar, colinas largas e frias e um céu indiferente. De fato, olhou para trás para assegurar-se, porque sabia que só a música das fadas salvaria a Sorchá e se aquele não era seu mundo, estavam perdidos.

— Por favor — Disse abraçando-a com força.

Estava quente. Estaria viva em algum lugar ao que os mortais não podiam acessar? Olhou a seu redor e entrou em pânico.

— Ajuda! — Gritou com todas as suas forças — Que alguém ajude a Sorchá! Tenho...

Não pôde terminar de dizer a frase. De repente havia hordas de gente ali. Não, não eram pessoas. Eram seres. Alguns iam montados a cavalo. Outros voavam. Já pensaria nisso mais tarde. Simplesmente correu para eles.

— Salvem-na. Por favor, salvem-na. Trouxe a pedra Dearann. Têm que ajudá-la!

À frente da multidão se encontrava uma mulher. Era alta, magra e elegante, de cabelo loiro e brilhante como o sol. A Harry não precisou ver sua coroa para saber quem era.

— Você é sua mãe — Disse — Faz algo!

A rainha sorriu e disse:

— O que me trouxeste, mortal?

— A sua filha, maldição. Se não a ajudar, a perderá mais rápido do que perdeu sua maldita pedra.

— É muito dado aos insultos, mortal — Disse a rainha — Sabe a quem está acusando?

— A uma mulher que se preocupa mais por seu prestígio que pela vida de sua filha — Deu as costas — Há alguém aqui que possa nos ajudar?

— Fuist, pequeno homem — Disse a rainha — Nem sequer uma rainha renunciaria a sua própria filha. Que a veja a bean tighe.

Maldita bruxa. Harry não estava seguro de deixar a Sorchá naquele lugar depois de tudo. Estaria melhor com sua família, embora o mundo mortal fosse duro para ela. Ao menos saberia que sua avó a queria, que Lilly sempre a adoraria.

— Calma mortal — Disse a rainha — Deixa-a conosco. Prometo-te que estará bem.

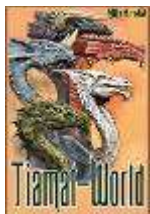
Harry não se moveu. Olhou a face de Sorchá, pálida e com olheiras. Viu uma lágrima cair sobre sua bochecha e pensou que ele nunca chorava.

— Tomem — Disse sem incomodar-se em levantar a cabeça — Pode que para vocês não signifique tanto como para ela, mas lhes trouxe isto.

Levantou o braço e abriu a mão. A bolsa de veludo verde que tinha protegido à pedra caiu no chão e a luz do sol bateu no que havia em seu interior. Milhares de cores brilharam pelas colinas e pareceu que até as árvores se estremeceram. A multidão ficou boquiaberta e a rainha permaneceu imóvel.

— Acaso não disse que nossa Sorchá seria quão única poderia recuperar a pedra Dearann?

Harry acreditou ouvir cantos em sua cabeça. Viu como a multidão de fadas se agachava para reverenciar à pedra e depois se separava para deixar passo a um ser pequeno e feio que se



aproximou correndo.

Harry deu um passo atrás e abraçou a Sorchá com mais força. A velha, enrugada como uma passa parecia estar sorrindo.

— Não te falou a garota da bean tigue? — Perguntou — Se não me equivoco, são minhas ervas o que cheiro em você.

— Você as deu? — Perguntou Harry.

— E não foram que ajuda?

— Curá-la-á?

A criatura colocou uma mão na testa de Sorchá e fechou os olhos. Todos guardaram absoluto silêncio e aguardaram as palavras da curandeira.

Finalmente, a mulher tomou fôlego e levantou a cabeça.

— Sim, mortal — Disse com voz suave — Sobreviverá. Deixa-a comigo para que se cure.

— Voltará a ser como antes?

— Com o tempo. Com o tempo. Mas primeiro a levaremos a sua cama, para que saiba que está em casa. Sofreu muito em seu mundo, verdade que sim?

— Sim — Admitiu Harry.

— Mas também ganhou muito — Adivinhou a curandeira — Pode que a rainha se mostre um pouco estirada, mas nós, os que adoramos a nossa princesa damos obrigado por trazê-la de volta.

Naquela ocasião Harry não foi capaz de pronunciar uma só palavra. Se fechou a garganta sem mais. Dois homens altos se aproximaram e estiraram os braços para levar Sorchá. Harry não podia soltá-la. Não podia renunciar a ela depois de tudo. Não podia ir-se a casa.

— Cuidem dela — Disse com voz tremula antes de entregá-la — Digam... Digam...

A curandeira levantou o braço e lhe acariciou a mão.

— Sim, mortal, o direi de boa vontade.

Ele assentiu e viu como a levavam. Não se deu conta de que a rainha se aproximou dele.

— Ficaré nos contando que aventuras viveu nossa Sorchá? — Perguntou ela.

A julgar pela reação de assombro da multidão, Harry imaginou que não muita gente recebia um convite assim. Olhou a seu redor e por fim viu aquilo que não tinha querido ver. E o reconheceu tudo. O claro, as criaturas, os cavalos, tão parecidos com os seus... As árvores, que pareciam poder falar.

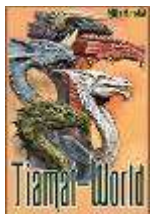
Pela segunda vez em poucos minutos, lhe rompeu o coração. Tinha levado a Sorchá para casa e se deu conta de que ele também estava em casa. Embora não fosse certo. Não tinha lugar ali, enquanto sua família o necessitava.

— Mortal?

Virou-se e viu a rainha olhando-o com seus olhos de gata.

— Harry — Disse ele — Harold George Cormac Augustus Beverly Wyatt, nono conde de Hartley.

Por alguma razão, isso chamou a atenção da rainha. Dirigiu-lhe um sorriso gelado e o



observou atentamente.

— Sim — Disse um menino junto a ela — Tem o olhar.

— Santo céu — Disse a rainha — É sua viva imagem.

— Conhecias meu antepassado, não é? — Perguntou Harry.

Por alguma razão, a rainha e o menino trocaram olhares.

— E é você quem teve a pedra Dearann todo este tempo? — Perguntou-lhe a rainha.

— Minha família. Dizia-se que foi Cathal quem nos deixou isso.

— E permitiu que Sorchá a trouxesse de volta?

— Sorchá lutou como uma guerreira por ela. Talvez queira saber que há um Dubhlainn Sidhe morto ao outro lado das portas.

— E quem é o responsável? — Perguntou a rainha.

— Sua filha.

A rainha sorriu e assentiu.

— Ficará então a conta-nos a história?

Harry voltou a olhar a seu redor e pensou em quão excêntrico resultava sentir-se mais em casa ali, com aquelas criaturas, que com a população de Londres. Sentia-se muito cômodo. Quanto mais ficasse, mais duro seria partir. Entregou a pedra à rainha.

— Não — Disse — É Sorchá quem deve contar a história. Eu só estava ali para ajudar. A rainha arqueou uma sobrancelha.

— E não tem curiosidade por ver o que se estende ao outro lado da colina?

Harry mentiu e soube que a rainha sabia que mentia.

— Não, obrigado. Tenho que retornar a casa. Minha família estará preocupada.

Pareceu como se a rainha fosse objetar algo, mas Harry não deu oportunidade alguma. Simplesmente deu a volta e atravessou de novo a porta. De volta ao único mundo que sempre tinha conhecido.

De volta ali onde já não pertencia.

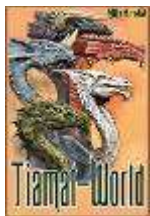
Sorchá se curou lentamente. Não soube quanto tempo esteve perdida no pesadelo da vingança de um Dubhlainn Sidhe. Afinal o tempo não era um conceito feito para as fadas. Só sabia que despertava uma e outra vez gritando, convencida de que retornaria pela Lilly ou Theo, ou de que tinha arrancado a alma de Harry naquela colina erma.

Cada vez que despertava, dava-se conta de que a bean tighe estava ao seu lado, quando era Harry a quem procurava. E cada vez perguntava se seu broto tinha sofrido com o ocorrido.

— OH, não, pequena. Como acredita que ia permitir que acontecesse algo ao prezado tesouro que nos trouxe? O bebê está protegido e não reterá nada disto em sua viagem para nós.

E cada vez Sorchá voltava a dormir. Cada vez olhava para a janela para ver se havia tornado a primavera à terra das fadas com a volta da pedra Dearann. Sentia seus cantos no coração.

Não tinha nem ideia do que sua mãe haveria feito com ela. Ninguém o dizia. Embora sabia que a rainha tinha elaborado um plano e que sua irmã Orla estava implicada. Desejava ter a



energia suficiente para participar, mas a única energia que gastava era pensando em Harry. Perguntando-se se teria voltado para casa. Se sentiria falta dela, assim como ela sentia falta dele. Perguntando-se como poderia criar a um bebê sem ele.

Não estava segura de quanto durou, pois o tempo estava elástico, mas um dia despertou, escutou os pássaros cantar, cheirou as flores selvagens e soube que era o momento de levantar-se. E quando o fez, viu que sua mãe estava junto a ela.

— Bem, pequena Sorchá — Disse a rainha — Decidiu retornar conosco.

— Sim — Respondeu Sorchá, ficando tombada e muito quieta.

Sua mãe assentiu lentamente e a Sorchá pareceu que havia algo diferente nela, certa flexibilidade. Com muito cuidado se incorporou e ficou sentada frente à rainha.

— Têm grandes historias que nos contar e que os poetas cantarão quando nos reunirmos no grande salão? — Perguntou Mab.

— Não tenho grandes historias mãe. Só uma e pequena, como corresponde a uma mestra de escola.

A rainha sorriu e Sorchá viu algo em seus olhos que não tinha visto antes. Orgulho.

— OH, eu não diria isso, filha. É uma princesa. Não importa qual seja seu talento, pois nunca seria pequeno. Agora pode acrescentar a sua canção a história da pedra Dearann.

— Então está a salvo? De volta onde tem que estar?

— Bom, segue aqui. Necessitamos dela para curar a alguém muito prezado para a rainha. Embora, te olhando, dou-me conta de que sua missão terminou. É hora de que retorne a corte, minha filha.

— Não serei rainha — Disse Sorchá.

Houve um comprido silencio e Sorchá pensou que até os pássaros tinham emudecido. Sabia que em sua voz se notava a mudança que levava em seu interior e se perguntou como o aceitaria sua mãe.

— Tem todo o direito — Disse a rainha — Pois há realizado a missão que te encarreguei. Trouxe a honra a seu clã e, você goste ou não, com seus pequenos talentos e humildes aspirações, seu nome ficará gravado na lista de grandes acontecimentos.

— E tenho sua bênção para seguir como estou?

— É o que quer?

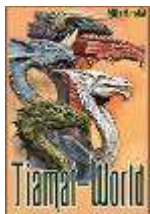
A Sorchá já não surpreendeu a pontada de dor que percorreu seu corpo ao pensar no que realmente queria.

— Sim, mãe. É o que quero.

— E o que há do mortal que te olhava com olhos devotos, Sorchá? Pretende me dizer que não sentirá falta dele?

— Não pertence a este lugar — Respondeu Sorchá.

— Estou cansada de ouvir essa frase — Respondeu sua mãe. Primeiro sua irmã e agora você. Como não vai pertencer a este lugar se levar em suas veias sangue de fada? Se olhava estas colinas como um exilado contempla sua pátria?



Sorcha sentiu que enchiam os olhos de lágrimas.

— OH, não. Foi-se?

— Sabe muito bem. Mas o que é o que o mantém afastado?

Sorcha nunca teria pensado que poderia compartilhar algo assim com sua mãe. Jamais tivesse pensado que a rainha se preocuparia com assuntos tão mundanos.

— A igual à rainha não pode abandonar a sua gente por sua própria comodidade quando a necessitam, um mortal tão honrado como ele não pode abandonar a sua família para encontrar a paz interior.

— Está bem empregado por ocultar a pedra Dearann durante todos estes anos.

— Não é certo — Disse Sorcha — Como poderiam saber tesouro que tinham entre mãos? Quem a levou morreu faz muito tempo, e Harry foi o primeiro em sentir sua força. Apesar do sangue de fada que corre pelas veias dessa família, só uns poucos são plenamente conscientes.

— Falou-te daquele que a levou?

— Só me deu seu nome. Cathal. Um nome da realeza, seguro.

— Sim, é certo — Respondeu a rainha com um sorriso — E outra surpresa mais para o mortal se desejasse descobri-la.

— Por quê? — Perguntou Sorcha.

— Ah, não, minha pequena. Tem que vir ele a procurá-la. E a que desgraça se enfrenta esse mortal, ao que ama tanto como para levar dentro sua semente?

— Foi concebido no bosque sagrado. É um presente para todos nós — Disse Sorcha levando uma mão ao ventre.

— Um presente que ele nunca compartilhará, a não ser que queira cruzar a porta.

— Mas não pode. O lugar no que guardaram a pedra durante estes anos, um lugar formoso, desaparecerá sem a ajuda de Harry. Sua família ficaria arruinada, pois seus antepassados, que uma vez estiveram familiarizados com o mundo das fadas, gastaram-se todo seu dinheiro tentando retornar. Não fica nada. E não só aos que ele ama, mas também a um que nós também amamos. Uma menina muito apreciada para nós que corre perigo se ele fracassar. Como ia abandonar a todos para estar comigo?

— Uma menina apreciada? Teve o privilégio?

— OH, sim. E não importa o muito que eu sofra, pois nunca sacrificaria o bem-estar dessa menina.

— Não — Murmurou a rainha olhando pela janela — Não poderia. O que tem que a pedra falsa que te entreguei? A deu?

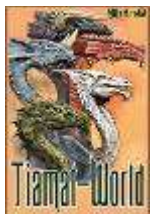
— Não. Eles já têm uma cópia. Uma que não atormentava a meu pobre Harry com visões de lugares aos que nunca poderia ir.

— Onde está? — Perguntou sua mãe — A pedra que levou.

Sorcha deu de ombros.

— A trago comigo.

A rainha riu de repente.



— E não te ocorreu contar-lhe Sorchá?

— Contar o que?

Era fim de semana e Harry estava montado a cavalo. Era o único lugar no que se sentia vivo, cavalgando pelos isolados sobre um de seus cavalos cinzas. Tinham passado cinco meses desde que deixou Sorchá do outro lado da porta. Cinco meses de noites sem dormir e de comprimentos silêncios. Cinco meses tentando convencer Lilly de que sua fada se foi. Cinco meses aguentando a compaixão de Phyl e a alegria de Gwyneth. Ela tinha se casado com sua própria fada e eram terrivelmente felizes. Harry desejava machucá-los.

Não podia evitá-lo. Sentia-se mais fora do lugar que antes. Encontrava-se constantemente frente aos murais do salão principal, sofrendo por não poder atravessar a porta. Ouvia a voz da Sorchá ao amanhecer, cheirava seu aroma de canela e mel no vento.

Aquele dia ia cavalgando sobre o Moonsilver, um bom cavalo para as competições.

Tinha que parar. Começava a escurecer e sabia que Phyl o obrigaria a comer algo, mas não tinha fome. Precisava cansar-se para poder dormir. Os pesadelos tinham desaparecido. Mas não a sensação de despertar e encontrar a Sorchá junto a ele.

Ouviu Lilly nos estábulos, mas não pôde conduzir ao cavalo para ela. Cada vez que a via ultimamente, a menina lhe acariciava a cara e suspirava.

— Vá, Harry. Vá — Dizia.

Nem sequer queria perguntar o que significavam suas palavras. Sabia o que desejava e isso já era bastante duro. Ao menos a menina ia progredindo. Mal podiam descê-la de Saoirce e isso a ajudava a melhorar sua coordenação. Embora fora quão último fizesse, Harry se asseguraria de que a menina nunca perdesse seu lar.

— Olá, fada — A ouviu dizer e deu tal salto sobre a cadeira que assustou ao cavalo.

Balançou a cabeça. Lilly não devia fazer isso. Um homem podia morrer de decepção ao dar a volta e descobrir que era um jogo. Deu a volta de todos os modos. E esteve a ponto de cair do cavalo.

Moonsilver se deteve em seco e quase o lançou pelos ares. O animal começou a relinchar e agachou a cabeça. O resto dos cavalos levantaram as orelhas e se dirigiram para a voz de Lilly.

Seria pelo crepúsculo. Devia ser seu próprio desejo o que se materializava entre as sombras.

— Acaso não se alegra em me ver, Harry Wyatt? — Perguntou ela.

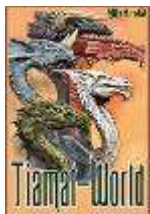
Estava ali. Era incrível.

— Sorchá?

Sorchá riu e caminhou para ele. Tinha posto seu vestido de fada, que dançava ao redor de suas pernas. Seu cabelo brilhava como o ouro e seus olhos eram da cor da primavera. E estava ali. Desceu do cavalo e caminhou para ela.

— O que está fazendo aqui? — Perguntou.

—Vá com ela, Harry! — Exclamou Lilly da cerca.



Sorcha entrou em seus braços. Não podia acreditá-lo. Abraçou-a com tal força que certamente não poderia respirar.

— O que tem feito Sorcha?

— Estou bem, obrigado, Harry — Disse ela rindo — Embora você está um pouco magro. Está bem?

— Morro de tanto te desejar.

Sorcha acariciou a cara e o beijou.

— Por favor, me diga que não sacrificou nada — Disse ele.

— Não quereria que o fizesse?

— Deus, não — Não pôde evitá-lo. Voltou a beijá-la e a abraçou de novo, como se assim pudesse convencer-se melhor de sua presença. Fechou os olhos e afundou a cara em seu cabelo.

— Sentir tanta falta, Harry — Sussurrou ela.

— Não tem ideia do tanto que senti falta da você, Sorcha — Harry se endireitou e deslizou um dedo por sua bochecha — A pedra Dearann. Conseguimo-lo?

— OH, sim. Acaso não viu a primavera, Harry?

— E tudo acabou?

— Bom, essa é outra história. O conto não acabou ainda, pois Orla ainda tem que completar sua parte da missão.

— Que missão?

— A rainha não me disse. Supõe-se que devemos esperar.

— Olá, rainha— Estava dizendo Lilly.

A Harry levou um minuto afastar-se da beleza de seu olhar e compreender suas palavras.

— Rainha? — Perguntou por fim.

Para então, toda sua família estava ali. Estavam todos, inclusive sua avó. O pessoal estava amontado na porta mais próxima, contemplando a sua convidada surpresa. E não a Sorcha.

— Meu Deus — Murmurou Harry.

— A rainha não podia deixar passar a oportunidade de conhecer nossa Lilly — Disse Sorcha — E pensou em entregar o convite em pessoa, o qual é inusualmente generoso por sua parte. Não te parece?

Harry não podia deixar de olhar à rainha, ajoelhada na grama frente a Lilly. Phyl e Edward estavam a poucos metros de distância, boquiabertos. Mary estava de pé depois da cadeira da avó, com o Sims e Tommie atrás. Theo se tinha colocado junto a Lilly, como se quisesse protegê-la a da rainha.

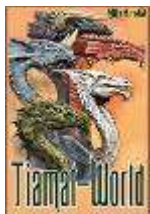
— Harry se vai — Disse Lilly à rainha — A avó se vai.

— Que esperta é — Disse a rainha com um sorriso doce — São eles aos que vim a procurar. Parece-te bem?

Lilly olhou à rainha como se Mab fosse uma suplicante.

— Eu não vou.

— OH, não, carinho. Seus pais chorariam muito se o fizesse. Mas sempre estaremos por



perto para te vigiar.

— Bem — Respondeu Lilly.

Harry sentiu um tombo no coração.

— Sorch, você disse que...

— Fuist, Harry — Disse ela, e levantou algo que tinha na mão — Te trouxe um presente.

Harry olhou e viu o último raio de luz do dia refletido na pedra que Sorch tinha na mão.

— Não tem que nos trazer outra pedra — Disse — Temos uma.

— Não como esta — Disse ela com um sorriso enquanto entregava a pedra — Como de grande diria que é, Harry?

— Como uma bola de golfe, diria eu. Por quê?

— Considera-se isso um grande diamante?

— Claro. Mas isto é quartzo, já sabe.

— Não, Harry. A outra pedra era quartzo. Esta é um diamante. Era o que trazia para substituir a pedra que levei.

— Um diamante?

— Como ia eu saber quão importante era isso? Nós os temos por toda parte. Do contrário, como poderíamos dar às fadas suas pedras?

— Diamantes.

— A rainha pensou em dar isso como agradecimento por sua ajuda.

Harry não podia pensar. Não podia acreditar que a pedra que tinha na mão fosse um diamante.

— E tem muitos mais — Disse Sorch — Não quer que Lilly se veja nunca necessitada, Harry. Acredito que encontrou a maneira de fazê-lo.

— Lilly não é a única menina apreciada para vocês, Sorch.

— OH, sim, sabemos. Mas ela cruzou o mundo das fadas e, quando isso acontece, converte-se em um fio mais de nossa rede. Estamos obrigadas a protegê-la.

Para acentuar as palavras de Sorch, a rainha ficou em pé e levantou uma mão frente ao cavalo de Lilly, o qual literalmente se ajoelhou diante dela.

— Eu te honro, minha querida Saoirce — Proclamou a rainha — E faço oficial a decisão de te converter em guardiã desta menina. Seu nome ficará unido ao dela.

O cavalo se estremeceu e agachou a cabeça para receber a bênção da rainha. Harry voltou a olhar o diamante que tinha na mão.

— Meu Deus — Murmurou. Aquilo devia valer milhões.

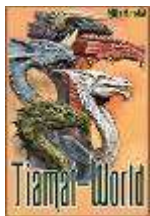
Milhões.

Custava-lhe respirar. Levantou a cabeça e olhou a seu redor. O universo de sua vida. O único lar que tinha conhecido, aquele pelo que tinha lutado e pelo que se sacrificou.

Aquele ao que realmente nunca tinha pertencido.

Teria a coragem necessária? Havia escolha?

— Phyl — Disse a sua prima — Acredita que Edward e você que poderiam fazer cargo desta



empresa para seus filhos?

O coração pulsava com mais força. Não podia ser possível.

Phyl não hesitou um instante.

— Me dê o diamante e eu trabalharei para seu banco se quiser, Harry.

— De verdade?

— Quero que seja feliz.

Harry se aproximou para dar a mão a Sorchia e se voltou para olhar ao grupo. Sobretudo à rainha, que tinha tomado a mão de Lilly.

— Ouvi que necessitam a alguém que adestre os cavalos — Disse.

— É certo — Respondeu a rainha — Te interessa o posto?

— Isso depende do que me ofereça.

— Entendo. Tem exigências, imagino.

— Um pedido, mas bem — Se girou para a Sorchia, incapaz de acreditá-lo que estava a ponto de dizer — A sua filha.

— Ah, deseja ser seu consorte.

— Desejo que seja minha esposa.

— Me alegro — Disse Sorchia — Ouvi que os mortais protegem muito a seus filhos.

E nesse instante colocou a mão sobre seu ventre arredondado. Harry sentiu um tombo no coração antes de abraçá-la para não soltá-la jamais.

— Avó? — Perguntou — O que te parece se fizermos uma pequena viagem?

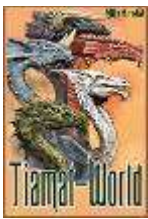
— Eu?

— Vamos, mulher — Insistiu Mary — Eu quero retornar ao sol. E você quer montar a cavalo e conhecer fadas.

E assim foi. Levou-lhes mais de uma noite, pois os bons desejos exigiam documentos legais no mundo mortal e as despedidas nunca eram rápidas. Mas, quando a primavera estava em pleno auge, com novas éguas nos estábulos e o ventre de Sorchia inchado pela gravidez, ambos se despediram de sua família, a que veriam no Halloween e através dos olhos de Lilly e acompanharam a sua avó através da porta para o mundo das fadas.

A história da pedra Dearann ainda não tinha acabado, mas com a pedra no mundo das fadas ainda havia esperança. Houve uma nova vida e novo adestrador de cavalos, ao que às vezes se via cavalgando pelas colinas junto a sua esposa e sua avó ao entardecer.

No mundo mortal, a família reforçou a história do príncipe das fadas e de seu tataravô. Fecharam a casa e construíram um pequeno templo no outro extremo da propriedade para expor a pedra que o mundo considerava o diamante das fadas. Obtiveram benefícios e construíram um dos imóveis de cria de cavalos mais importantes do mundo. Ninguém tinha por que saber que parte de seus animais não procediam da Irlanda. Alguns procediam de uma porta situada em uma colina nos isolados. E ao entrar todos saudavam a menina chamada Lilly, que era adorada em ambos os mundos, e a seu irmão, que a protegia.



E no país das fadas, Harry estava à corrente de tudo. Bom, quando não estava muito ocupado desfrutando de seu novo trabalho e do amor que tinha aparecido de repente em seus braços em uma colina fria. Levava roupa que o fazia parecer Robin Hood e montava cavalos que falavam em sua mente. Fazia amor com a mulher com a que se casou em um claro. E ali, nesse claro, foi onde encontrou a paz. Porque foi então, com uma princesa chamada Sorcha, em seus trinta anos, que Harold George Cormac Augustus Beverly Wyatt por fim retornou para casa.

FIM



Comunidade: <http://www.orkut.com.br/Community?cmm=94493443&mt=7>

Grupo: <http://groups.google.com.br/group/tiamat-world?hl=pt-BR>

Blog: <http://tiamatworld.blogspot.com/>